



Viagem a outro mundo

Eurípedes Kühl

Viagem a outro mundo

Eurípedes Kühl

2014

Viagem a outro mundo

Eurípedes Kühl

Data da publicação: 27 de junho de 2014

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Eunice de Oliveira Cazetta
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

K98v

Kühl, Eurípedes, 1934-
Viagem a outro mundo: ficção, romance, espiritualidade / Eurípedes Kühl; revisão: Eunice de Oliveira Cazetta; capa: Cláudia Rezende Barbeiro.
- Londrina, PR : EVOC, 2014.
183 p.

1. Literatura espírita - romances. 2. Espiritismo. 3. Esperanto –Língua Auxiliar Internacional. I. Cazetta, Eunice de Oliveira. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.93
19.ed.

Sumário

- Carta aberta ao leitor, 4
- 1. Passaporte extraterrestre, 7
- 2. Chegando a hora, 26
- 3. Outro mundo e outra humanidade, 45
- 4. Amor, sempre o amor, 68
- 5. Um bandeirante do ano 2960, 76
- 6. Mundo regenerado, 85
- 7. (Des)necessidades, 105
- 8. O "Lago Alegre", 134
- 9. Paraíso repartido, 153
- 10. No amor não há adeus, 162
- Adenda, 182

Carta aberta ao leitor

Esta é uma obra de ficção.

Por anos quis escrever algo sobre como talvez seja a vida de uma humanidade diferente da nossa, num mundo sem tanta tristeza, com tantos passando fome, sem teto, doenças causando dor e infelicitando famílias.

Mas, uma primeira e avassaladora incógnita obstava esse devaneio:

— Onde haveria tal mundo no turbilhão celeste?

Além dessa dúvida, uma segunda:

— Como ensaiar sobre a vida num outro mundo, considerando que aqui na Terra há vida a cerca de 3,5 bilhões de anos e até hoje nunca entramos em contato com outros seres vivos, muito menos os eventuais de outros mundos conosco, para que tivéssemos alguma pista?

Essa segunda questão consegui resolver: na literatura espírita há notas de como é a vida de uma humanidade sem as infelicidades da Terra. As notas que parcialmente utilizei tive o cuidado de citar, declarando as respectivas fontes.

Resolvida essa parte, faltava-me o principal: localizar tal humanidade na imensidão cósmica inquantificável de mundos.

De espanto em espanto, lendo aqui e ali registros astronômicos, demonstrando a dimensão infinita do Universo, vejam só o que um dia li: "Se as leis da física e da química são as mesmas no Cosmo, e se só na nossa galáxia existem cerca de 200 bilhões de estrelas e mais de um trilhão de planetas e luas"¹...

A dúvida em aberto ao meu projeto teimava em crescer.

O tempo passou e nunca desisti. Restou-me aguardar, confiante de que o *fiat lux* surgisse, não sei como, onde, nem quando...

Foi então que não menos do que inesperadamente, deparei-me com nova notícia sobre astronomia, de um corpo celeste do nosso sistema solar... Na minha mente as características desse mundo sinalizaram o endereço da primeira dúvida do meu projeto, acoplando-se com a segunda dúvida.

¹ Dados publicados no jornal *Folha de S.Paulo* de 13.Out.13, pág. C15, texto de Marcelo Gleiser, professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA).

Foi assim que na minha mente decidi enviar para esse mundo uma pessoa daqui do nosso planeta, com a tarefa de relatar “in locum” como é a vida lá...

Como percebem, resolvidas as duas dúvidas, a terceira, que surgiu dessa solução, foi dissipada instantaneamente:

— Quem enviar para aquele mundo, com interesse em astronomia e em vida feliz, para lá permanecer algum tempo e quando voltar reportar tudo que viu, vivenciou e sentiu?

Resolvi isso sob licença literária, isto é, criando e dando vida a essa pessoa.

Uma dificuldade menor — nomes próprios de Espíritos ou locais do “outro mundo” — inventei alguns e aqui e ali inseri palavras em Esperanto, colocando a tradução entre parênteses. Ex: *Ĝoja Lago* (“Lago Alegre”)².

Este livro — uma obra de ficção — escrevi-o segundo as impressões que esse hipotético viajante me repassou...

A partir de agora convido o leitor a devanear e acompanhar esse repórter interplanetário e a seguir, nas asas da imaginação com ele estagiar nesse outro mundo do nosso sistema solar.

Exclusive os dados espíritas e os astronômicos, o mais que estiver registrado aqui sobre esse instigante corpo cósmico foi inteiramente forjado na minha mente, repito, sob *licença literária*.

A bordo do pensamento chega-se a esse, ou a qualquer outro mundo do Universo, em menos de um segundo.

Chegar nesse mundo particular onde se desenrola todo o texto dessa fantástica viagem, pelos atuais veículos espaciais terrenos demoraria cerca de cinco anos...

Terminado o tempo de leitura, inevitável retornar à Terra, sempre e também pela via rápida, do pensamento.

Imagino que o deslumbramento visto e sentido junto à humanidade daquele mundo dar-nos-á vontade imensa de lá ficar.

Mas ainda não é chegada a nossa hora de habitar num mundo regenerado, isto é, num mundo melhor do que o nosso...

Um dia... no futuro... quem sabe?

² GRATIDÃO: aos amigos esperantistas Leonardo Cassanho Forster e Antônio Luis Lourenço dos Santos, que bondosamente me arrimaram na questão de incluir nesta obra algumas palavras e uma poesia, em Esperanto - Nota do Autor.

Para escrever sobre como é a vida de uma humanidade vivendo em paz, desde muito tempo raciocino que deve haver vida em outros mundos, posto que Deus não criaria a imensidade de corpos celestes do Universo, para depois só aqui alocar seres vivos, submetidos a um permanente processo evolucionista do ponto de vista fisiológico, material, e mais do espiritual.

Assim, deixei minha mente perambular e criar situações imaginárias sobre a vida num mundo sem os problemas terrenos, lucubrando que lá vive uma humanidade moralmente superior à terrena, sem sentimentos negativos de qualquer espécie, apenas a vivência da fraternidade, além de respeito incondicional às Leis de Deus.

Obviamente, só a bordo de liberdade poético-literária eu poderia realizar essa tarefa.

Minha intenção é singela: que eventuais leitores se encantem e tenham o mesmo anelo que me anima, o de um dia alcançar o merecimento de viver num mundo de paz, bênção que só depende do esforço individual de todos nós em conquistá-la, a partir do exercício máximo possível do amor a Deus e ao próximo.

Como romântico que sou, permiti-me respingar aqui e ali luminosas gotas poéticas de ventura e paz, de sonhos e felicidade, sempre enaltecendo o amor.

Incluir neste livro ligeiros momentos com o Divino Amigo Jesus visitando um mundo regenerado, isso quem o fez foi meu coração.

Foi assim, meu amigo leitor, que fiz esta obra.

Finalizando esta já não breve carta, declaro energicamente que a imaginária viagem não foi, nem poderia ser realizada por mim (mas, oh!, como eu gostaria). Penso que só um Espírito elevado, reencarnado, reuniria condições para tão sublime missão, a de visitar outro corpo celeste do nosso sistema solar e retornar à Terra para narrar em livro o que viu e vivenciou no seu breve estágio lá.

Passo a palavra a esse abençoado viajante...

*Ribeirão Preto/SP – Verão de 2014
O Autor*

1

Passaporte extraterrestre

O ano: 2051.

Esse, o ano do lançamento do meu *E-Book* (livro virtual, eletrônico) "Viagem a outro mundo", inserido em alguns idiomas, num blog que tem leitores em inúmeros países.

Trata de uma viagem fantástica que realizei a um mundo distante da Terra, mas ainda do sistema solar...

Ofereço aqui uma síntese de tudo o que vi aonde fui.

A começar pela viagem propriamente dita, tudo foi extraordinário, desde a forma como saí da Terra até chegar naquele mundo.

A linguagem terrena nem sempre tem os termos adequados para definir como é a vida num outro mundo, físico... Assim, relatarei dentro do possível o que meus olhos "terrenos" viram.

Minha narrativa começa pelo convite que recebi num fim de tarde...

O dia tinha sido de grande movimentação no hospital onde trabalho, de propriedade do meu pai. Somos médicos neurocirurgiões, ambos.

Após despedir-me do meu pai, atravessei o grande prédio e ao passar pelo jardim fronteiro embeveci-me com o perfume que me invadiu, oriundo de uma linda árvore toda enfeitada de flores brancas compondo cachinhos. Aquela árvore, plantara-a há alguns anos, e quando floria, inescapavelmente eu permanecia junto dela por instantes. Alguém me disse que popularmente ela se chamava "dama da noite"...

Acarinhei "minha" árvore. Até parece que ela captou o carinho, querendo presentear-me com aquele perfume.

Sentei-me num banco e fiquei a apreciar o Sol, já quase indo embora. Os raios solares esmaecendo demonstravam que logo a tela celeste teria milhares de estrelas enviando à Terra sua bênção e sua luz.

No jardim, admirando hibiscos e azáleas (azaleias) distingi ainda outro perfume, o das rosas.

Olhava distraidamente para o céu, louvando o Criador.

A brisa marítima chegava ali, trazida pela noite que começava.

Fechei os olhos, por um minuto, depois do que pretendia ir para meu lar. Nesse breve enlevo lembrei-me de minha mãe, Mariana, que

compartilhara comigo na plantação da “dama-da-noite” e que sempre cultivava plantas floridas.

Mamãe há já cinco anos transpusera o Grande Rio da Vida indo para a outra margem...

Intensa saudade visitou-me a alma.

Recordei que quando eu ainda era criança mamãe me ensinava lindas coisas sobre as estrelas. Aprendi o nome de dezenas delas. Minha favorita, de longe (sem trocadilho) era Sírius³.

Imaginei ter cochilado, pois quando abri os olhos a noite já tinha chegado e lá no céu estava ela, Sírius, bem no alto, quase no meio do arco celestial, abençoando a Humanidade, e, oh! Deus: seria um sonho ver mamãe junto a mim, de pé, olhando-me carinhosamente?

Instintivamente, dei um salto e abracei-a, em êxtase.

Mamãe trajava um vestido lindo, que me pareceu de seda branca, o que até emprestava mais luzes à sua já luminosa figura.

Naquele momento não saberia dizer quem mais brilhava, se Sírius, ou minha mãe...

— Ângelo, filho querido, luz do meu coração: Deus o abençoe!

— Mamãe, mamãe!

— Deus seja louvado!

Os anos de separação física, desde sua morte, agora desapareceram. Não pude dizer, com palavras, o que queria. Mas minhas lágrimas, instantâneas e em cascata falaram por mim do amor filial por ela e da imensa alegria em revê-la.

Abraçada a mim, terna e carinhosa beijou-me a fronte:

— Filho da minha alma, que alegria quando me aproximo de você.

Controlando a décima parte da emoção consegui dizer:

— Ah, mamãe, quanta felicidade, quanta saudade!

— Também eu, Ângelo, estava saudosa de você e feliz por estar aqui.

Foi o amor de Jesus que me contemplou com esse encontro e é com gratidão que penso no Mestre.

³ Sírius: Estrela α (alfa=estrela principal de uma constelação) da Constelação do Cão Maior. É uma das mais próximas (8,6 anos-luz) e a mais brilhante das estrelas do céu (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Volume 9, pág. 3005, Ed. Universo Ltda., 1990, SP/SP)

Mamãe apenas acarinhou-me por mais alguns instantes, despreendeu-se do nosso terno abraço e sentamo-nos no banco, aquele mesmo banco que ela própria escolhera para mobiliar “nosso” jardim.

De mãos dadas comigo mamãe retomou:

— Como você sabe muito bem, filho amado, o Universo é obra de Deus e é uma construção infinita... Lembremo-nos de Jesus quando asseverou que Deus trabalha sem cessar... E Ele também⁴. Isso enquadra todos os seres da criação na responsabilidade de trabalharem.

— Sim, mamãe. Adoro esse ensinamento de Jesus e esforço-me em não ampliar minhas horas vazias...

— Venho como humilde serva do Senhor trazer-lhe um convite para uma tarefa abençoada, maravilhosa...

E comentou:

— Quando há cerca de seis meses atrás fui requisitada para comparecer a um encontro com amigos do Mais Alto, algo em meu coração vibrou com muita paz, quase êxtase, pois tais encontros invariavelmente sempre significam análises, detalhes e reflexões sobre algum trabalho nobre.

— Puxa vida, mamãe, a senhora está me deixando sem fôlego... O que uma reunião celestial, desse porte, tem a ver comigo e que convite seria esse?

— Pois é, eu também fiquei assim quando fui informada que minha convocação se devia à decisão daquele conselho celestial em solicitar-me a bênção de ser mensageira deles, para um recado a você. De início, não entendi, pois se o recado era para você, por que eu fui chamada?

Respirando fundo, mamãe explicou:

— Sem demora o venerando amigo que organizara o encontro, após cumprimentar-me fraternalmente esclareceu que em atenção a orientações de planos mais altos da Espiritualidade eu, no caso, seria coadjuvante da missão para a qual você seria convidado. Aí entendi, pois sendo sua mãe, naturalmente nosso vínculo espiritual familiar, que sempre foi tão pródigo, seria aval para o sucesso do empreendimento...

— Jesus seja louvado!

— Para sempre, para sempre!

— É muita bondade da senhora, mas quero que saiba que compreendo perfeitamente que eu não tenho condições de elevação para me

⁴ João: 5-17 (Trabalho no sábado...).

apresentar nas esferas mais elevadas às quais a senhora tem trânsito... Foi por isso que eles convocaram sua presença...

— Ângelo, Ângelo: a hora não é de apreensão, mas sim, de fé. Se os amigos protetores, em cumprimento a desígnios divinos enquadrados na Lei do Progresso nos convocaram, temos mais é que ter confiança, não é mesmo?

Não pude conter um ímpeto sagrado que me impulsionou: voltei a abraçar mamãe e naquele momento, com a força da verdade posso assegurar que foi um dos, ou talvez o momento mais feliz da minha existência até ali. Fortaleci-me, espiritualmente.

Tenho consciência da força do magnetismo, eletrizante na razão direta do patamar moral de quem o domina e emprega para o bem. Estudei muito sobre auras e abraçado a mamãe captei que sentia ali, fraternalmente unida à minha, a mais elevada aura que pude identificar em toda a minha existência. Não foi mamãe, mas eu, como filho, que agindo como “coruja” exclamei:

— Você está brilhando mais que Sírius!

Com extrema humildade segurou-me as mãos e respondeu ao meu exacerbado elogio:

— Filho, filho: menos, muito menos. Exageros, principalmente em elogios, contam pontos negativos e uma “amável” tolice como essa que você acaba de proclamar não pode nem deve fazer parte da personalidade de quem foi selecionado para desempenhar elevada missão fora da Terra...

Essa foi a forma delicada, quanto verdadeira, que mamãe encontrou para repreender-me com brandura, ao tempo que iniciava a me dar detalhes do motivo pelo qual viera à minha presença: trazer convite vindo de esferas superiores, imagino mesmo que de fora da psicofera terrestre, para eu desempenhar algo.

A suave repreensão ecoou-me na alma.

Lembrei-me de um alerta sobre o elogio, que li num livro chamado “Leis Morais da Vida”⁵: “Vigia as nascentes donde procede o elogio e não os apliques a ninguém, nem te facultes recebê-lo de ninguém”.

— Antes de repassar-lhe detalhes devo esclarecer que não me foi dito de onde se originou a sublime ideia da tarefa a ser realizada por você, caso aceite tão honroso convite.

⁵ - “Leis Morais da Vida”, Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Franco, 1ª Ed., 7ª Parte, Item 36, pg. 114, LEAL Editora, Salvador/BA.

Considerarei adequado silenciar e aguardar.

Sim, o silêncio, quase sempre é incrível ferramenta da Vida e uma das mais poderosas armas em todos os quadrantes da humanidade, para uso e defesa de alguém que sinta alguma insegurança, a ponto de, talvez por invigilância cometer algum deslize, mesmo que de boamente. Os Espíritos elevados respeitam muito mais o silêncio de alguém que assim age por prudência diante do reconhecimento de eventual ato falho, do que quaisquer justificativas que comprovem tal ação, mesmo quando feitas sob o signo da sinceridade.

Não sei quanto tempo ficamos assim, de mãos dadas.

Não pude impedir a imaginação de que a energia que mamãe me transferia daria para eu “viver anos” sem me alimentar.

Tão logo pensei isso e mamãe, como que adivinhando minhas ideias, olhou-me significativamente. Entendi. No mesmo instante expulsei da mente essa ideia boba.

Novamente mamãe captou o que eu sentia, o que eu pensava...

Falou, quebrando o silêncio:

— Acho melhor dizer logo o trabalho que o espera, caso aceite o convite de que sou portadora, senão talvez você pense outra coisa absurda como essa.

Preparei-me, ansioso, para ouvir. Num esforço inaudito, consegui neutralizar em parte minha mente e não pensei em nada, ou melhor, fixei meu pensamento em Jesus e de inopino surgiu-me à memória o sublime convite que o Mestre fez a Pedro e André, para que deixassem de pescar peixes e passassem a pescar almas⁶.

Mamãe aprovou essa minha nova postura mental. Disse, por fim:

— Você está escolhido para estagiar fora da Terra, num outro mundo do sistema solar.

Dita assim de supetão, tal frase pode até ser considerada brincadeira. Mas, partindo de quem partira, jamais poderia ser isso.

Ia começar a tremer, só de pensar em “deixar a Terra” e ir para outro mundo, quando mamãe percebeu meu susto e colocou a mão sobre minha frente, tentando tranquilizar-me:

— Ué, agora a pouco você não se comparou a Pedro e André?

⁶ Mateus: 4-18a20 – *Estando ele (Jesus) a caminhar junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes: "Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens". Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram.*

Como é que eu poderia confessar para mamãe que eu estava “morrendo de medo”... De morrer?... Pois não era isso que ela dissera: “ir para outro mundo”?

Mamãe sorriu demoradamente, e isso foi o que me tranquilizou.

Supliquei, infantilmente:

— Mãe, a senhora vai comigo?

Mamãe sorriu de novo e com muita calma explicou:

— Ângelo, você não está sendo transferido de mundo: está, sim, sendo convidado para estagiar num outro mundo.

E beijando-me a face prosseguiu:

— Estágio significa tempo determinado. No seu caso, cerca de duas semanas — ida e volta!

Agora sim, tranquilizei-me de vez. Mamãe continuou:

— Claro que não vou com você, pois minhas responsabilidades estão centradas em tarefas que assumi.

Sempre com extrema delicadeza inquiriu-me:

— Posso informar alguns detalhes da tarefa que terá de executar?

Fiz uma forte e repetida pergunta, que brotou ex-abrupto da minha mente que de repente ficou totalmente sem freio:

— Qual planeta? Qual planeta?

Só mamãe mesmo para me aguentar. Eu sempre fui perguntador. Essa uma das minhas características mais marcantes.

Julgo prudente explicar que todo esse diálogo que mantive com minha mãe e que ainda não terminei de narrar, foi num desdobramento provocado por ela mesma, desligando-me do corpo físico, que a alguns funcionários do Hospital que passaram pelo jardim pareceu uma breve soneca, que felizmente respeitaram...

Volto a comentar meu encontro com mamãe.

À minha insistente pergunta sobre onde eu iria estagiar, caso aceitasse o convite que de todo ainda não houvera sido feito, mais por minha culpa, pois não parava de perguntar, mamãe simplesmente informou:

— Num mundo do sistema solar, no qual reside uma humanidade mais feliz do que a nossa...

Aí, para dizer a verdade, “meu queixo caiu”. Eu, ir para outro mundo? De repente não tive capacidade de perguntar mais nada.

— É da Grande Lei (referindo-se à lei divina do progresso) que todo Espírito que consegue expressivo progresso moral, tenha o mérito de habitar num mundo moralmente superior ao que habita. A Terra, sem ser única, é adequada província para Espíritos em duros embates para a

autorreforma moral. O Espírito que consegue, ao se posicionar em determinado patamar espiritual, segue a divina rota da evolução e pode se transferir de moradia...

— Sim, mamãe, entendo isso perfeitamente. Não obstante, refletindo o possível sobre o que a senhora me diz, preciso perguntar: o que eu, que ainda preciso vivenciar múltiplas existências terrenas, poderia fazer num outro mundo?

— Entendo sua pergunta. Vou explicar de forma bem simples e figurativamente porque você foi selecionado, dentre outros possíveis candidatos, para se desincumbir dessa missão: quando os engenheiros de uma fábrica de automóveis, num determinado estado, ou país, desenvolvem um novo veículo, convocam os melhores mecânicos das revendedoras desse estado ou país para transmitir-lhes as novidades técnicas desse auto. Essa transmissão de conhecimentos demanda algum tempo, algo assim como um estágio. Esses mecânicos, por sua vez, após assimilarem o funcionamento de tal veículo vão para suas empresas, onde repassam para colegas todas as novas instruções. Cada um desses "colegas", também eles, no decorrer das atividades correlatas, irão retransmitindo os mesmos conhecimentos e detalhes. A seguir esses conhecimentos são também repassados para outros países, onde, desde o início do projeto, a finalidade era vendê-lo no mercado mundial.

Mamãe fez pausa e eu compreendi perfeitamente aonde ela chegaria. E ela "chegou":

— Você é assim como um mecânico que irá até esse outro mundo, onde encontrará uma nova humanidade, bem mais adiantada, moralmente, do que a humanidade terrena.

— Perdoe-me, mas tudo é tão inédito para mim que preciso interrompê-la para pedir algum detalhe, quase que a cada frase sua...

— Claro, meu filho, fique à vontade e pergunte o que quiser.

— A senhora disse que nesse outro mundo vive uma humanidade mais adiantada moralmente do que nós, daqui da Terra. Quem deu essa informação?

— Como você sabe a psicofera terrestre é formada de esferas interligadas, onde permanecem os Espíritos sem o equipamento físico. Tais esferas têm clima espiritual consentâneo com o estado evolutivo de cada habitante do plano espiritual. A esfera em que me posiciono é coordenada por amigos que por bondade, podendo estar em esferas superiores, ali permanecem por determinado tempo como

coordenadores. Isso, das esferas espirituais serem coordenadas por voluntários de elevação superior, ao que fui informada, acontece em todas as demais esferas espirituais terrenas. Numa esfera elevada ocorrem contatos com Espíritos oriundos do mundo para onde você viajará em estágio missionário.

Fazendo longa pausa e respirando fundo mamãe completou:

— Tudo no Universo louva a bondade de Deus, o Supremo Criador! Dessa forma, meu filho, o mais importante na tarefa a ser cumprida por você se reveste de mais uma mostra do Amor do Pai para com seus filhos. Isso, porque a finalidade precípua dessa verdadeira missão será mostrar à nossa humanidade o que a aguarda, dependendo tão somente da melhoria moral dos Espíritos que a compõem — encarnados e desencarnados, que afinal somos todos nós...

Mamãe, num gesto carinhoso, passou a mão sobre minha fronte. Àquela altura mais e mais me sentia enlevado.

Então, ela prosseguiu:

— Pelo que me informaram os mentores, tal missão sinaliza que a humanidade terrena está no limiar da regeneração planetária, tão e tanto decantada, já a partir do Mestre Jesus, quando esteve encarnado aqui, proclamando seu segundo advento⁷.

Considerou, prudente:

— Não nos esqueçamos de que uma transformação de tão grande magnitude moral não ocorre da noite para o dia, isto é, mencionar que isso já está no limiar significa que tal promoção da humanidade terrena, em obediência às Leis Divinas, ainda demandará alguns séculos...

Volveu:

— Com essa sua abençoada índole de perguntar sem parar e de sempre querer mais explicações, mais detalhes, a par de louvável senso de observação e análise, lá naquelas longínquas paragens do céu irá testemunhar como vive o povo que as habita. Será recebido como convidado especial e tratado como um hóspede querido.

Imensa felicidade invadiu-me a alma, só de pensar que talvez eu pudesse bem cumprir a tarefa proposta e que disso resultaria que tantas

⁷ - Esse segundo advento (de Jesus) se dará segundo Luiz Olímpio Guillon Ribeiro (1875-1943), ex-presidente da FEB por longos anos, no seu livro "Jesus – nem Deus, nem homem", p. 14, 3ª Ed., 1990, FEB, RJ/RJ, (...) *quando o mesmo Jesus vier como Espírito da Verdade em todo o seu fulgor espírita ao planeta terreno purificado e transformado, na qualidade de seu soberano, visível para as criaturas também purificadas e transformadas, mostrar a verdade sem véu.*

peças se encantassem com as bênçãos da vida num mundo cuja humanidade é mais feliz do que a terrena.

Mamãe, sempre com bondade, captando meu pensamento e minha felicidade, no entanto não se eximiu de me advertir contra a chama perigosa da vaidade:

— Simplicidade e sua irmã mais velha, a humildade, são a tônica daquele e naquele mundo. Em tudo, simplicidade e humildade.

Absorvi plenamente o alerta, para que minhas ideias não desandassem, isto é, para que eu não permitisse a contaminação da vaidade.

Mamãe asseverou:

— Se você aceitar essa tarefa, logo passará a ser treinado ainda aqui na Terra em desdobramentos astrais, durante alguns dias, ou melhor, algumas noites, quando dormir. Sua viagem acontecerá quando estiver apto a se desdobrar, estando emancipada sua alma, com o corpo em estado quase de vida vegetativa⁸. Como sabe, o cordão fluídico manterá devidamente ligados seu perispírito e o corpo orgânico.

Explicou:

— Isso acontecerá sob responsabilidade e cuidados conjugados de mentores espirituais terrenos e desse mundo que visitará e será sob cuidados e acompanhamento permanente que será transportado até o mundo deles, em desdobramento devidamente acompanhado e seguro, lá permanecendo em breve estágio, como já disse.

Ia dizer qualquer coisa, mas o olhar de mamãe, voltado para o infinito, desencorajou-me e calei. Captei que ela ia orar...

De fato, sabendo com certeza que as perguntas "ferviam" na minha mente, mamãe, bondosamente, com muita paciência convidou-me à prece:

⁸ Emancipação da alma: Allan Kardec tratou desse assunto em "O Livro dos Espíritos", 2ª Parte, no Cap. VIII. Complementou-o em "A Gênese", Cap. XIV, item 23.

Ainda sobre essas viagens interplanetárias encontra-se na obra "Obreiros da Vida Eterna", de André Luiz, com psicografia de F.C.Xavier, no Cap. 3, pág. 29e30, 9ª Ed., 1975, FEB, RJ/RJ: "Muitos companheiros nossos (...) alcançam admiráveis prêmios de viagens, não só às esferas superiores do Planeta que nos serve de moradia, mas também aos círculos de outros mundos..."

No livro "Recordações da Mediunidade", de Yvonne do Amaral Pereira, há diversos registros sobre desdobramentos (Cap. 1 e 4). No Cap. 4: "Durante dois meses permaneci em estado singular, como de transe incompreensível, estado de coma, por assim dizer, sem comer, sem falar, respirando debilmente, vencida por sonolência insólita e alimentando-me artificialmente com auxílio alheio".

— Filho: vamos conversar com Jesus, a fim de que você receba o amparo necessário para o exercício pleno do livre-arbítrio na decisão que tomar. Caso aceite a tarefa, que sejam prósperos os treinos precursores para sua viagem; nesse caso, terá preparação espiritual, através de desdobramentos durante o sono; sonhará e ao acordar a lembrança será difusa, para não perturbar seu equilíbrio na parte orgânica. Não comente tais sonhos, com ninguém. Inclusive, este nosso encontro será apagado de sua lembrança, até o término de todas as etapas da tarefa, o que significa a conclusão dos seus registros. Aguarde que Nosso Senhor Jesus Cristo dar-lhe-á respostas no momento adequado. Tudo o que eu acrescentasse agora seria desperdício de tempo, essa bênção tão deslembrada de quase toda a humanidade...

Entendi perfeitamente as recomendações e a proposição.

Mamãe proclamou:

Deus Pai, de Bondade Infinita e Amor por toda a Criação, permita que Jesus e seus abençoados auxiliares diretos aceitem nossa simples oferta de também nos alistarmos no Exército do Bem.

Bastante comovido, pensando na incrível viagem disparei:

— Mamãe, mamãe, já me decidi: quero, sim, cumprir essa tão honrosa quanto transcendental tarefa. Contudo, perdoe-me, mas não consigo superar um pensamento que me ocorreu: numa viagem da Terra a outro mundo há probabilidade de acontecer algum...

Não consegui completar a pergunta. Mamãe tranquilizou-me:

— Compreendo que esteja algo temeroso, Ângelo. Mas não há o que temer. Acima de tudo, considere que essa é uma missão de grande nobreza e a Caridade de Jesus protege permanentemente os agentes do bem. Sem nos esquecermos de que o Mestre também protege aos demais, desde que esses estejam de coração aberto para o cumprimento das Leis de Deus.

Afirmou, consolidando o esclarecimento:

— Para esta tarefa, excepcionalmente, no tempo que durar a tarefa, seu corpo físico será devidamente protegido e mantido em estado latente (coma induzido, espiritualmente). No mundo visitado você estará amparado por mentores de lá, propiciando-lhe apoio fluídico e companhia permanente, para poder nele transitar com segurança. Quanto às condições em que acontecerá sua viagem, de ida e volta, podemos imaginar que seriam em processo reverso. Por exemplo: quando Espíritos elevados visitam a Terra, com a diferença que não

carecem de qualquer apoio terreno, eis que em si mesmos reúnem condições de adaptabilidade fluidica durante a permanência entre nós, mundo diferente do qual procedem.

Após pequena pausa, adjuntou:

— Terminada sua tarefa de observador-repórter, sempre amparado por protetores voltará à Terra, reintegrando o perispírito no seu corpo orgânico, que então “despertará” do coma.

Silenciou por instantes e disse ainda:

— De volta, você próprio terá abençoada ligação mental com o mundo em que estagiou. Os registros lá efetuados emergirão em sua memória, para que sejam registrados em livro que, certamente se constituirá em feliz e sagrada esperança no porvir, da parte daqueles que o lerem e tiverem boa vontade.

Mamãe, com indizível carinho acentuou:

— Deus tem infinitos e insondáveis recursos para que o Bem se realize e se instale, em qualquer parte do Universo e daí, os prepostos do Cristo agirão convenientemente para que tal livro chegue às mãos e à mente de muita gente, muita...

Todo feliz, ainda ouvi:

— Caso você não se recordar por completo de tudo que observar e assimilar terá a assistência de tutores que acompanharão *pari passu* o que você registrar, ratificando ou retificando uma que outra das suas conclusões.

Aduziu:

— Na seara do Senhor ninguém é melhor do que ninguém. Desde o capinador, ao semeador, ao adubador, ao zelador, ao colheitador, ao armazenador, ao transportador, ao entregador, ao cozinheiro, ao servidor do alimento, todos desenvolvem nobres tarefas na sagrada missão de ofertar o pão a quem tem fome. Esse alimento, basicamente está consubstanciado nas Leis de Deus, tão bem explicadas e exemplificadas por Jesus, máxime a Lei do Amor.

Meditou por momentos e seguiu:

— Não demanda explicações outras a verdade absoluta de que o trabalho prospera irresistivelmente, em todas as esferas universais, quando desenvolvido por um grupo alinhado entre si e colimando o bem de outrem desamparado, um apenas, ou muitos. Isso acontece porque há em todo o cosmos uma energia pulsante, oriunda de Deus, que impulsiona para o êxito quaisquer tarefas em busca de resultantes

protetoras, sejam de que grau sejam, em toda e qualquer escala de medida, do micro ao macro.

Mamãe olhou-me significativamente, como que buscando captar se eu tinha assimilado todos esses últimos conceitos. Na verdade, tinha, sim.

Percebendo-o, retomou:

— Por tudo o que já sabemos da incomparável Justiça Divina, desnecessário lembrar que em todos os fatores de sucesso do bem, quando dirigido a atender pessoas ou grupo de pessoas, há o indispensável fator “merecimento” da parte dos beneficiários, como o dispenseiro de benesses. Também oportuno consignar que o Amor do Pai para com todas as criaturas, boas ou más, em qualquer momento de necessidade, de carências, de amarguras, de solidão e desespero, igualmente flui sempre dos céus como ajuda oportuna e adequada a todos, sem exceção.

Mamãe interrompeu suas reflexões, talvez para que eu pudesse melhor entendê-las. Fazendo pequeno silêncio, voltou:

— Não pensemos, filho, nem você nem eu, que Deus autoriza diferente padrão de atendimento ao justo e ao injusto. O amparo divino é um e um só: infinito, ininterrupto, incansável. O que é necessário examinar é como essa ajuda é aceita, ou não; como ela é recebida, ou recusada; como é administrada, se com reconhecimento e gratidão, ou se com revolta e azedume. Tal seja a forma como o ajudado se coloque diante da ajuda que lhe é ofertada, tal será o resultado obtido.

Mamãe agora me olhou de soslaio e indagou:

— Será que você percebeu aquilo que quero dizer, isto é, que Deus é sempre integralmente paternal, para bons e para maus, para honestos e para ladrões, para justos e para culpados, para vítimas e para réus, para humildes e para orgulhosos, para puros de coração e para malvados?

Respondeu ela mesma:

— Todos, de uma única forma, são amparados pelo Criador: com desvelado amor, com igual dispensa de bênçãos, com processos perpetuamente voltados para novas chances de novos aprendizados, e o mais importante de tudo — com chances sem conta, infinitas, de que o réprobo se arrependa, busque refazer o que desfez, quite-se perante a consciência e “não volte a pecar” e passe, acima de tudo, a amar ao próximo.

Arrematou:

— Tudo o que existe tem um padrão vibratório. E uma das leis divinas contempla que vibrações similares se unam isto é, se casem,

continuando no mesmo diapasão, contudo com energia dobrada, triplicada, quadruplicada, infinitamente, quantas sejam as fontes das vibrações. Isso é válido para o bem ou para o mal. Dessa forma, não fica difícil entender porque os maus conseguem êxitos em maior número — temporários, obviamente — do que os bons. É que na Terra, ainda predomina o mal sobre o bem. Acontece que no Universo a força do bem é incomparavelmente maior do que a do mal e assim é que, cedo ou tarde, em decorrência dos recursos pedagógicos próprios do reto proceder, o arrependimento — um desses recursos da abençoada lei divina de ação e reação — entra em cena e aí um recomeço se impõe. Para que eu refletisse na proposição e catalisasse suas consequências, mamãe calou-se. Olhou para um ponto vago no infinito celestial e explanou ainda:

— Não há mal perpétuo. Nunca se esqueça disso, Ângelo: nenhum mau procedimento se eterniza. Nos planos superiores, celestiais, estão Espíritos elevadíssimos, em missão de permanente ajuda à obra toda da Criação. Tamanho e tanto é o bem que realizam que se torna impossível a qualquer um de nós outros, trilhando árduas escaladas evolutivas, acreditar que muitos deles andaram em descaminhos perante as leis de Deus, isso num tempo que o passado quase esqueceu...

Seus olhos brilharam ainda mais intensamente, caso isso fosse possível: — Essa é medida exata da grandeza de Deus: a concessão de oportunidades sem conta para que os perdidos se encontrem com Ele. Os conceitos explanados por mamãe, muitos deles já repetidamente expostos desde os Profetas, adquiriam, na minha mente, formato de lições para sempre.

Mamãe, se possível fora, conseguiu surpreender-me ainda:

— Você sabe por que disse tudo isso?

— Ora, mamãe, foi uma bênção ouvi-la. Ficaria a vida toda ouvindo a senhora.

— Essa ida a outro mundo se prende a um passivo em sua existência...

“Tremi nas bases”, como se diz vulgarmente...

— Pois é, não faz tanto tempo assim — não se esqueça da medição universal do Tempo, onde séculos são segundos —, num ambiente de conturbação político-religiosa numa área de poderosas nações, contraditórias entre si, você recebeu da mais forte delas alta incumbência para discursar num plenário que as reunia, propondo trégua nas dissensões. Sua responsabilidade seria discursar sobre os pontos comuns e com isso aplinar arestas. Diferentemente de tais

povos, seu conhecimento do livro sagrado — o Evangelho — era incomparável. Por isso o Plano Maior anteriormente designou-o naquela existência terrena como mensageiro pacificador, enaltecendo a unificação.

Mamãe parou e a seguir recomeçou, falando mais baixinho, como que para impedir que o vento, a relva macia e as estrelas a ouvissem:

— Você foi, mas a vaidade falou mais alto do que sua responsabilidade e daí que, conquanto muito aplaudido, nenhuma valia teve o que disse. Você despejou erudição no auditório repleto de autoridades, mas foi omissos sobre o ponto fundamental, que era explanar sobre os seculares vetores de união de pessoas, sociedades ou povos: o esquecimento recíproco das ofensas e dissensões; respeito aos direitos alheios para que os seus sejam respeitados; sobretudo, o amor a Deus e ao próximo. Tal a linguagem universal da paz... Por isso...

— ... Fiquei devendo, não é mesmo?

— Sem dúvida: antes mesmo de renascer naquele país você foi bem preparado para tal missão pacificadora. Inclusive, várias foram as providências dos amigos do Alto para que você lograsse alcançar a posição que teve, isso para bem poder se desincumbir do celestial projeto unificador.

Parou um pouco, creio que para eu me recompor. Logo prosseguiu:

— Agora, filho querido, graças a créditos auferidos em existências terrenas posteriores, nas quais a autorreforma moral falou alto em seu procedimento, você está sendo meritoriamente indicado para outra tarefa, talvez a mais alta que um encarnado possa almejar.

Vendo-me emocionado, mamãe fez pequena pausa. E disse:

— Naturalmente reportando o que ver e vivenciar nesse estágio extraterreno você trará para a humanidade acenos de vida mais feliz. Os mensageiros do Senhor se encarregarão de induzir seus registros para pessoas bem intencionadas quanto à própria evolução moral, e dessa reunião de pensamentos que será criada, uma poderosa força nascerá, qual pequena nascente, que poderá se tornar em caudaloso rio.

Com um sorriso encantador e gentil asseverou:

— Filho amado, os momentos felizes que estamos desfrutando, e que tanto bem me proporcionam, e, estou certa, a você também não podem ser desculpa para que nossas obrigações comuns sejam postergadas. Ainda ficarei algum tempo por perto, em comunhão com seu pai, a quem também tanto amo.

Comentou, com manifesta tristeza:

— O Pai permitiu esse nosso feliz reencontro e estou jubilosa de desfrutar destes momentos junto a você e seu pai. Contudo, não poderei me alongar, pois o dever conclama a todos os trabalhadores de boa vontade a não trocarem o bem coletivo pelo bem estar pessoal.

Mamãe tinha razão.

Mais não disse.

Ao nos despedirmos, ambos silentes e com lágrimas boiando nos olhos, sabíamos que aquele encontro traduzia o amor de Deus, sempre reunindo os que se amam, e mais que tudo, invariavelmente ofertando novas oportunidades de progresso moral. E que, novo encontro, talvez demorasse...

Não consegui perceber com clareza como mamãe partiu, aliás, nem sequer sabia mesmo como chegara. Tudo pareceu um sonho. Ela veio e foi, tal como o dia chega à alvorada e se vai ao crepúsculo, só que em breve espaço de tempo.

Saudade fustigando-me o coração pensei: *Sozinho — estou sozinho.*

Mas logo me corrigi: *oh!, quanta ingratidão! Não estava sozinho... Tinha a companhia e o testemunho das estrelas, lá no céu, ao mesmo tempo tão distantes, mas para mim, naquele momento, tão próximas, amigas, consoladoras da "minha solidão"...*

Como a conversar com as estrelas e para que elas me ouvissem fiz em voz alta uma prece a Jesus, agradecendo a bênção daqueles momentos felizes ao lado de minha mãe. E aproveitei para pedir ao Mestre que não me desamparasse nos dias do futuro, nos meus tempos de quitação, nos quais estava disponibilizada para mim oportunidade incomparável de justificar a bênção da confiança da Espiritualidade, escolhendo-me para realizar algo deveras importante.

Nesse enlevo papai delicadamente acordou-me, da "soneca":

— Filho: seu "soninho" deve ter sido gostoso, pois faz meia hora que estou a seu lado. Mas já é hora de irmos para casa.

Devo esclarecer que desde que mamãe morreu papai não mais se casou. E eu, com vinte e cinco anos e solteiro, continuei morando com ele.

Nisso, uma enfermeira veio até nós e, pedindo desculpas "por nos incomodar", informou que um paciente meu apresentava crise de movimentos estranhos. Solicitou se eu poderia atendê-lo...

— Já estou indo —, respondi.

Papai disse:

— Ficarei aqui o esperando.

Atendi meu paciente, ministrando-lhe medicamento adequado às leves contrações nervosas que apresentava, sem maiores complicações.

Dirigi-me ao jardim, para com papai irmos para casa.

Mas, ao chegar, agora era ele que tinha pegado no sono...

Cuidadosamente sentei-me ao seu lado, que depois de quinze minutos acordou, espontaneamente, declarando eufórico:

— Acabei de ver Mariana: ela estava linda!

Embora sem clareza, num ponto qualquer da minha memória uma vaga lembrança visitou-me do meu breve e abençoado encontro com mamãe, ainda há pouco. Comentei:

— Graças a Deus! Parece-me que também eu me encontrei com mamãe, ainda há pouco, no entanto não consigo me lembrar de como foi...

— Pois é, filho, eu também não sei o que conversamos, eu e sua mãe...
Agradecemos a Jesus.

Nos dias que se seguiram ao sublime encontro com mamãe, de fato, muitas coisas interessantes aconteceram em minha vida, principalmente enquanto dormia.

Para não me alongar em detalhes registro que passei a sonhar de uma forma bem diferente, quase todos os dias.

Como mamãe asseverara, sem lembranças...

Se hoje as relembro bem é porque, concluída a tarefa, a memória sobre elas se recompuseram, como mamãe preconizara.

Daqueles sonhos, no primeiro eu ouvia alguém lembrar-me as instruções passadas por mamãe; no segundo, eu me vi desligado do corpo físico, sem qualquer iniciativa da minha parte, sentindo-me "pairar no ar" — ação típica de desdobramento espiritual, emancipando minha alma.

Senti-me completamente seguro e à vontade.

A seguir surgiram, sem dizer palavra, também pairando no ar, dois homens e uma mulher, com atitudes fraternais e protetoras. Um por um, abraçaram-me. Confesso que meu coração quase parou, tamanha a emoção quando ela abraçou-me fraternal e carinhosamente... Não me recordei, como ainda não me recordo, em toda a minha vida, de ter visto mulher mais bela...

Tive que fazer tremendo esforço para evitar que uma arritmia cardíaca não me visitasse. Naquele instante tudo me pareceu um momento mágico, em que o Tempo parou, não meu coração.

Salvou-me uma prece que enviei em caráter “urgentíssimo” ao Divino Amigo pedindo para que não me deixasse embaçar a bênção que me visitava a alma. Embora o amor para mim seja de fato o sentimento mais sublime, aquela não era hora para me empolgar.

A mulher, jovem e bela, meiga e irradiando alegria, por incrível que pareça, só pode ter adivinhado minha prece silente, pois disse entre um sorriso inesquecível:

— Ângelo, amigo querido, sobre todos nós paira o amor de Jesus!

“Como ela sabe meu nome?”, pensei.

Os outros dois companheiros dela, interrompendo meus devaneios, com gesto amigável convidaram-me a entrar num pequeno e estranho veículo, com o interior muito iluminado.

Entrei no veículo, ou melhor, entramos, os quatro.

Tudo era estranho nesse veículo: não bastasse ser translúcido, era redondo, sem motor, sem rodas, sem asas, sem hélices, ofertava bastante conforto para nós, que nos acomodamos.

Os três desconhecidos deram-se as mãos e coube à moça pegar na minha. Sem que nada fosse dito captei que o momento era de uma silenciosa oração, da qual participei, sempre pensando em Jesus.

Percebi que desconhecida força direcionava o veículo para o alto e que o deslocamento era absolutamente silencioso. Raios coloridos perpassavam no exterior do veículo que cada vez mais ia se deslocando para muito alto, num voo estratosférico. O silêncio, repito, era absoluto. Meus “protetores” nada falavam. Permanecíamos de mãos dadas.

Mal iniciou a subida pude ver a Terra! Lindíssima!

Foi inescapável, num lampejo, lembrar-me do primeiro homem que viu este planeta, estando em órbita, há quase um século⁹, exclamando, maravilhado: *A Terra é azul!* Pois, de fato, após noventa anos daquela admirável e primeira façanha terrena, eu a repetia agora, mas em condições absolutamente diversas... Recordei a seguir de que em 1969 o primeiro homem pisou na nossa Lua!

Pensando no deslumbramento que deve ter sentido esses dois pioneiros terrenos em voos espaciais, agora estava eu ali, numa outra circunstância totalmente diversa da deles, mas igualmente extasiado diante da vastidão sideral!

⁹ Referência ao astronauta russo Yuri Gagarin que deu uma volta de 108 minutos em torno da Terra, em 12.Abril.1961.

Nesse devaneio concordei com um cronista que certa vez lamentou que deveria ser um poeta o primeiro homem a vivenciar tais experiências, pois poderia, melhor do que ninguém “contar em versos, o deslumbramento, o espanto do momento”¹⁰.

Decorridos tantos anos ali estava eu no espaço, incapaz de descrever a magnificência da Criação Universal! Só admirá-la.

Saindo dessas lembranças deduzi ser incalculável a velocidade do veículo no qual estava, pois a Terra foi se afastando...

Sei que estava sob proteção daqueles bondosos Espíritos, pois de toda a minha estranheza, a maior delas era o fato de que eu não senti o menor receio naquela fantástica viagem.

Depois desses dois sonhos comecei a sentir leve tontura em alguns períodos do dia, de causa indefinida pela medicina. Em nenhum momento a memória sequer me permitiu associar isso à da tarefa que me aguardava.

Na verdade esses sintomas nada mais eram do que as derradeiras providências do Mais Alto, fortalecendo-me fluidicamente para a viagem a outro corpo do sistema solar.

Papai percebeu que algo estranho se passava comigo, relativamente à parte orgânica, pois lhe solicitei que assumisse ou transferisse para outro médico algumas das minhas responsabilidades no hospital.

Metódico e espiritualizado, compreendeu minha atitude, pois contei que estava me preparando para uma importantíssima tarefa espiritual, a ser realizada nos próximos dias.

Quando lhe disse isso perguntou:

— Deus seja louvado! Você poderia me dizer qual será a tarefa?

— O senhor nem acreditará, mas na verdade nem mesmo eu sei...

— Como assim?

— Pois é, só sei que há algo que devo fazer e que a Espiritualidade me apresentará no momento adequado.

— Sabe, filho? Desde aquela tarde que você tirou uma soneca e depois fui eu que adormeci um pouquinho, sonhando com sua mãe... Acho que tem algo a ver com essa sua tarefa.

— Por que o senhor diz isso?

¹⁰ Reflexão do escritor brasileiro Luís Fernando Veríssimo, pinçada de uma crônica do jogador de futebol Tostão, na Folha de S.Paulo, de 06.Nov.2013.

— Porque, por mais que me esforce, não consigo lembrar nada do que conversei com sua mãe naquele momento mágico, só sei que foi uma bênção de Deus.

E explicou:

— Como você também não se lembrou de como foi seu encontro com sua mãe naquele dia, o fato é que numa noite dessas sonhei que você “voava”, isto é, volitava, sob proteção de amigos que desconheço.

Acrescentou:

— E também, há poucos dias, também espontaneamente vi que sua aura se apresentava muito bonita, mais do que das esporádicas vezes que isso aconteceu, quando na nossa vigília.

Visitou-me estranho pensamento de que também eu sonhara há dias com uma agradabilíssima volitação.

Papai aconselhou:

— Confiemos em Jesus!

2

Chegando a hora

O Espiritismo, felizmente, desde o início do século vinte e um, passou a ser admitido em alguns meios científicos, em particular, na Medicina.

Assim é que no nosso hospital, papai, eu e outros médicos, espíritas todos, em alguns casos atendíamos pacientes procedendo a diagnósticos intuitivos, percebendo espiritualmente anomalias perispirituais refletindo nas patologias. Nesses casos, por segurança, sempre realizamos segundo diagnóstico médico, terreno.

Graças a Jesus e à bondade dos bons amigos espirituais, nunca houve caso de diagnóstico terreno em conflito com o intuitivo...

Papai, eu e esses médicos somos estudiosos de obras espíritas, a partir da Codificação da Doutrina dos Espíritos — as cinco obras básicas, elaboradas por Allan Kardec, com arrimo permanente do Plano Maior.

De início, nas obras de Kardec encontramos alicerce seguro para nossas buscas do caráter científico/filosófico/religioso relativo às questões transcendentais da vida. No particular à “Medicina do Futuro”, por exemplo, Kardec antecipa brilhantemente, quase que profetiza¹¹:

Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem na devida conta o elemento espiritual na economia do ser, terão dado grande passo e horizontes inteiramente novos se lhes patentearão. As causas de muitas moléstias serão a esse tempo descobertas e encontrados poderosos meios de combatê-las.

Proveitoso complemento de esclarecimentos espirituais encontramos na série de treze livros do Espírito André Luiz, com psicografia de F. C. Xavier, este, em parceria de alguns livros com o médico Waldo Vieira.

Ainda relativamente à “Medicina do futuro”, nessa abençoada série encontramos outras assertivas, corroborando o que Kardec antecipara:

¹¹ - In “Obras Póstumas”, Allan Kardec, 1ª Parte, I, *O perispírito como princípio das manifestações*, Item 12, p.45-46, 21. ed. 1985, FEB, RJ/RJ.

Em *Missionários da Luz*, Cap.6, pág. 63, 21ªEd., 1988, FEB, RJ/RJ: *A ciência médica atingirá culminâncias sublimes quando verificar no corpo transitório a sombra da alma eterna.*

Em *Obreiros da Vida Eterna*, Cap.19, pág. 282, 9ªEd., 1975, FEB, RJ/RJ: *O médico do futuro aprenderá que todo remédio está saturado de energias eletromagnéticas em seu raio de ação.*

Em *Entre a Terra e o Céu*, Cap.13, pág.82/83, 13ªEd., 1990, FEB, RJ/RJ: *A mente, tanto quanto o corpo físico, pode e deve sofrer intervenções para reequilibrar-se. Mais tarde, a ciência humana evolverá em cirurgia psíquica, tanto quanto hoje vai avançando em técnica operatória, com vistas às necessidades do veículo de matéria carnal. No grande futuro, o médico terrestre desentranhará um labirinto mental, com a mesma facilidade com que atualmente extrai um apêndice condenado.*

Em paralelo aos procedimentos médicos adequados e instruções para mudança de alguns hábitos, quando os pacientes se mostram receptivos, também tecemos considerações relativas a melhoria de comportamento, como complemento decisivo para a respectiva cura.

Junto a nenhum paciente jamais realizamos apologia ou proselitismo de qualquer religião. Nossos eventuais aconselhamentos são todos baseados na moral cristã.

A tontura que sentia pouco a pouco foi aumentando, sem no entanto causar-me qualquer sintoma de algum desarranjo orgânico.

A duas semanas do encontro com mamãe no jardim do hospital entrei em relativo colapso orgânico, ainda indefinido pela medicina, que diagnosticou, pobrememente, estado de coma.

Desde o início dos sintomas de tontura, até desmaios de brevíssima duração, jamais senti qualquer desconforto ou dor.

Estava analisando um trabalho médico na minha sala de trabalho, ao som da *Ária na corda Sol (G)* ou *Ária da Quarta Corda*, de Bach, na singela, mas agradável interpretação de um pianista meu amigo¹², quando, ao final, senti uma tontura mais forte e pedi a papai que me ajudasse. Ele me conduziu a um quarto aparelhado para atendimento de emergência e só me lembro de ter dito a ele:

— Eu e o senhor sabemos que Jesus nos protege...

Foi então que adormeci suavemente.

¹² Alfredo Rodrigues Câmara (cunhado, amigo e irmão em Jesus) - Nota pessoal do Autor

Papai, que já estava mais ou menos preparado para tal acontecimento, decidiu alugar-me num apartamento do nosso hospital, onde eu permaneceria sob cuidados médicos em tempo integral.

Por bondade e responsabilidade médica de pai, fez-me companhia, passando a dormir nesse apartamento, aguardando que o coma revertisse. Assim procedeu até o dia em que despertei, após cumprir minha sagrada tarefa.

Quando adormeci, sem me perturbar, vi-me saindo do corpo e sendo cumprimentado pelos três amigos da insólita viagem de dias atrás. Assimilei que estavam me aguardando.

Vi meu corpo confortavelmente deitado no leito hospitalar e sequer duvidei de que em Espírito estava desdobrado. Papai acarinhava minha cabeça e essa sensação dulcíssima eu a registrava integralmente. Pensei: *Sim, estou em emancipação espiritual e graças a Deus sob a proteção de amparadores bondosos.*

Eles, os amparadores, disseram, um de cada vez, abraçando-me e com um aperto de mão:

— Sou Marceyus.

— Sou Frankov.

— Sou Stella.

O momento era de tamanha transcendência que um sentimento de pureza invadiu-me ao ver novamente aquela mulher, cujo nome agora sabia. Naquela fração de segundo não saberia expressar, por palavras, o que senti, algo assim próximo à felicidade e alegria, integrais.

Marceyus interrompeu meu enlevo:

— Vamos seguir?

Convidou-me a segui-los e não receei acompanhá-los, até porque de imediato lembrei-me da viagem que fizera com eles. Meu estado de emoção fortíssima relativamente a Stella foi de imediato substituído por bem-estar jamais experimentado. Ao mesmo tempo uma sensação de segurança invadiu-me por inteiro. Estava entre amigos.

Não indaguei "ir para onde?", apenas segui-os. Fiquei quieto.

Quando entramos no "meu velho e conhecido" veículo, Marceyus informou-me:

— Iremos daqui até uma esfera espiritual amiga, onde permaneceremos algum tempo até seguir viagem...

A seguir, com todos de mãos dadas Stella orou:

— *Deus nos proteja e autorize que Jesus nos acompanhe até o "Paço das Bem-Aventuranças".*

Olhei aquela mulher, tão serena, sem a mínima afetação ou atitude de superioridade, até pelo contrário, seu semblante irradiava paz de Espírito; seu porte, simplicidade; seus gestos humildade.

A despeito de todos os meus esforços, foi com grande respeito que mais uma vez fiquei admirado com tanta formosura... Ao formar essa ideia ela sorriu para mim e logo fechou os olhos. Olhos lindíssimos!

Emancipado do corpo físico, tinha plena noção da responsabilidade de meus atos, até porque os amigos que me recepcionavam no plano espiritual incutiam-me tranquilidade e harmonia mental.

Assim, formulei uma ordem para minha mente: *Estou a serviço de Jesus e por isso tenho que concentrar-me em bem desempenhar a tarefa que me foi confiada; não posso nem devo vacilar, permitindo que emoções desviem meus passos — não devo me permitir quaisquer arrebatamentos, que não sejam relativos à tarefa a realizar.*

Lembrei-me de um conselho que meus pais me deram, incontáveis vezes, desde que os meus sete anos: *Sempre que estiver com algum problema, desconforto, dor ou indecisão, um primeiro e maravilhoso remédio é dirigir uma prece a Jesus e com certeza ajuda virá.*

Seguir esse conselho desde então foi uma das melhores ferramentas que a Caridade de Deus concedeu-me: a prece!

Durante a viagem não tirei meu pensamento de Jesus, suplicando ao Divino Amigo que fortalecesse meu sincero propósito de trabalhar na Sua seara.

Não percebi qualquer vibração que denunciasse movimento do veículo. Seu interior, sempre iluminado e agora com algum revestimento interno não me permitia vislumbrar o exterior.

Em poucos minutos, durante os quais nenhum de nós disse palavra, Marceylus informou:

— Estamos no *Bem-Aventuranças*. Graças a Deus fizemos boa viagem.

Novamente não captei como o veículo agora estava pousado, pois foi com surpresa que vi a porta se abrir.

Deixamos o veículo e vi que estávamos em uma espécie de praça arborizada, era de dia, a temperatura muito agradável, o ar perfumado e muitas pessoas passavam por nós, todas invariavelmente sorrindo amigavelmente...

Sabia que aquele não era o meu "eu" físico, se assim posso me expressar, posto que ele ficara no hospital. Este outro "eu" era a forma (o perispírito), e não aquela duplicata, material, orgânica...

Estando no plano astral e consciente disso, senti-me liberto das amarras físicas, porém a elas ligado, sabendo que por um invisível fio¹³.

Frankov olhou-me com simpatia, homologando minhas reflexões.

Caminhando, passamos por vários edifícios de contorno sextavado. Paramos defronte um deles, à entrada do qual uma placa indicava: *Paço das Bem-Aventuranças*. Entramos nele.

No interior daquele prédio, de magnífica construção, Marcelyus encaminhou-nos para uma sala ampla, onde pessoas dialogavam entre si, mas à nossa chegada cessaram as conversas e nos cumprimentaram. Captei que estavam nos esperando...

Estavam reunidas em grupos, cada quatro assentadas em torno de uma mesa, sobre as quais se viam vários documentos.

— Ora, ora, quem vem lá: o nosso Ângelo! Seja bem vindo! Jesus o abençoe, meu filho.

Quem pronunciara essa fraternal recepção era um homem, talvez de uns cinquenta anos. Quase todos repetiram as boas vindas:

— Seja bem vindo, Ângelo. Jesus está conosco.

Se isso era para me tranquilizar, dado que talvez eu estivesse algo confuso com tudo aquilo, o efeito foi exatamente esse.

Admirado, olhei para o homem que me recepcionou, depois para os demais. Quis dizer algo, mas a emoção me tolhia...

Os três amigos que me trouxeram até ali se acercaram de mim e com bondade levaram-me para nos assentarmos.

A seguir, o homem que nos recepcionara disse-me, com amabilidade:

— Fique à vontade, estamos felizes com sua presença como participante das nossas reflexões. Meu nome é Campos.

Assim dizendo, dirigiu-se aos demais:

— Logo retornaremos à pauta da nossa reunião. Agora vamos dar as boas vindas ao irmão Ângelo, que dentro em breve seguirá a trabalho para outra humanidade... Sagrado trabalho... Assim dizendo, colocou a destra sobre minha cabeça e foi justamente aí que me afloraram, por

¹³ No Espiritismo: o ser humano tem três corpos: Espírito, perispírito, corpo físico. O perispírito se desdobra em camadas. Nos encarnados, os três corpos se entrelaçam. Quando há desdobramento, no sono, por exemplo, ou no caso citado, o Espírito, revestido do perispírito, ambos se desprendem do corpo físico, a ele permanecendo unidos por um fio invisível — o cordão fluídico. Nesse caso, o corpo físico fica em repouso e o Espírito tem liberdade de ir ao seu ponto de interesse. Na morte física, rompe-se esse cordão e sobrevivem os dois primeiros — Nota do Autor.

completo e de imediato, todas as lembranças do que estava reservado para mim, os esclarecimentos no encontro com mamãe e os sonhos. Antes que qualquer eventual agitação interior me alcançasse, Campos adiantou:

— Como é do conhecimento de todos, nosso Mestre autorizou o contato de um encarnado terreno com a humanidade que habita num outro mundo indene às barbáries que infelizmente existem na Terra. Foi por indicação de nossa querida Mariana, a mãe do nosso Ângelo, que todos os preparativos foram feitos para que ele vá até lá e depois repasse para aqueles que “tiverem ouvidos para ouvir” o que ele tenha anotado. Olhou para o trio que me trouxera até ali e depois, fixando o olhar em mim, como a me informar especificamente, proclamou:

— Marceyus, Frankov e Stella: sejam mais uma vez bem-vindos à nossa casa espiritual, muito honrada por hospedar tão valorosos missionários. Não contendo a curiosidade que ardia em minha mente, com voz trêmula foi que perguntei:

— Onde é esse mundo para o qual eu irei?

— *Europa*¹⁴, satélite de Júpiter.

Minha surpresa... A maior de toda a minha existência... “Viajar até aquelas longínquas paragens cósmicas... Meu Deus! Meu Deus! Júpiter? Ou melhor, para um satélite daquele enorme planeta? Lembrei-me dos meus tempos de leves estudos astronômicos, e tudo o que recordei era que tudo aquilo lá é gelo só...”.

Campos, com bondade, aproximou-se e outra vez pousou levemente a destra em minha frente. Acalmei-me completamente.

Um olhar de incomparável doçura foi dirigido coletivamente a mim.

Administrando tão forte surpresa, agora com a solidariedade tácita dos presentes, unanimemente caridosos para comigo, senti-me fortalecido o suficiente para outra pergunta ardente:

— Quando será meu encontro com a outra humanidade?

— Ele já começou, faz tempo: Marceyus, Frankov e Stella são de lá e foram incumbidos de acompanhá-lo na sua sublime tarefa — ida, permanência e volta.

Impossível descrever essa nova surpresa.

Deixo a cargo dos leitores imaginarem o que sentiriam, no meu lugar...

¹⁴ Nesta obra o satélite *Europa* será grafado em *itálico*, sem alusão ao continente terrestre Europa - Nota do Autor

Campos prosseguiu:

— É uma honra para nós outros, daqui do “Bem-Aventuranças”, que nosso humilde grupo tenha recebido participação em tão elevada incumbência, a par da confiança integral pelo bom desempenho dela. A escolha de Ângelo não foi aleatória, senão sim, fruto de demoradas observações nos incontáveis tarefeiros que têm condições para a missão. Alguns, até, com maior experiência do que ele. Não obstante, foi eleito por uma singularidade praticamente infantil, própria de sua personalidade...

Todos sorriram, com franqueza e alegria.

Pensei em questionar qual era essa “singularidade praticamente infantil” da minha personalidade, quando Campos, obviamente “adivinhando” meus pensamentos, completou:

— Refiro-me, naturalmente, à abençoada capacidade infinita do nosso Ângelo em querer saber mais e mais, pelo que, embora sendo arguto observador do que acontece ao seu redor, considero-o uma das pessoas que mais faz perguntas em todo o sistema solar...

A fraternal brincadeira de Campos fez com que todos sorrissem, sem o menor sentido de zombaria, só de alegria.

Isso me pacificou.

Reconheci que, de fato, aquela foi uma pequena radiografia da minha alma. Ali, ninguém zombava de mim. Os componentes daquela equipe espiritual tão fraterna não eram disso. Alegria e bondade extravasavam de todos e foi isso que captei dos risos diante do que ouviram. Para alicerçar meu pensamento levantaram-se de onde estavam e vieram até mim. Um a um cumprimentaram-me afavelmente.

Novamente perdi a capacidade de falar. Ou melhor, de perguntar...

Conselheiral, Campos recomendou-me:

— Durante seu estágio no mundo mais evoluído do que o nosso, seja mais observador do que perguntador.

A seguir asserenou o ambiente, calmo já de per si, informando:

— Segundo a própria ciência já comprovou, tudo no Universo está abençoadamente sujeito a uma inexorável lei divina: a Lei do Progresso. O princípio inteligente progride percorrendo uma longa fieira evolutiva, com demorados estágios nos reinos da natureza — mineral, vegetal, animal e hominal —, cada um partindo do exato momento da criação —

da mônada¹⁵ —, até alcançar a angelitude, individual e invariavelmente por esforço próprio, alcançável após participar de várias humanidades...

Respirou fundo e prosseguiu:

— Os mundos, todos os mundos, estão incluídos nessa diretriz divina. E para não nos alongarmos, dirigindo nossos pensamentos para o planeta Terra, chegados são os tempos em que, vagarosa, mas paulatinamente, já estão sendo dados os passos finais para a promoção a mundo regenerado. É de suma importância que os líderes humanos que assumirem a incumbência dessa transformação, já a partir de agora e nos próximos séculos, estejam informados de quais serão os procedimentos que culminarão com tão sublime promoção.

De novo olhou-me demoradamente...

Estranha preocupação me invadiu ante o olhar fixo de Campos, sinalizando que aquilo que acabara de dizer, dizia respeito a mim.

Tomou-me as mãos e confirmou:

— Ângelo tem responsabilidade nessa história, pois recebeu de Jesus uma tarefa que sinalizará para todo o planeta que “os tempos já chegaram...”.

Baixei a cabeça. Quase chorei.

Campos, com tato e bondade, socorreu-me:

— Excelente essa sua impetuosidade de perguntar, sempre com lógica e respeito, em fazer digressões e reflexões, que juntamente com seus conhecimentos da Espiritualidade credenciaram-no para a nobre tarefa.

E dirigindo-se aos companheiros:

¹⁵ Mônada:

a. No sistema de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), filósofo e matemático alemão: *In* “Grande Enciclopédia Larousse Cultural, Vol. 7, Ed.Universo, 1990,SP/SP:

- *Substância simples, ativa, indivisível, de que todos os entes são formados;*

b. No Espiritismo: *In* “Evolução em Dois Mundos”, André Luiz, psicografia de F.C.Xavier/W.Vieira, p.31 e 34, 11ª Ed., 1989, Fed. Espírita Brasileira, RJ/RJ:

- *Célula espiritual, o princípio inteligente em suas primeiras manifestações* (ou seja, na primeira fase de evolução do ser vivo), *os germes sagrados dos primeiros homens. (...)* *A mônada vertida do plano espiritual sobre o plano físico atravessou os mais rudes crivos da adaptação e da seleção, assimilando os valores múltiplos da organização, da reprodução, da memória, do instinto, da sensibilidade, da percepção e da preservação própria, penetrando, assim, pelas vias da inteligência mais completa e laboriosamente adquirida, nas faixas inaugurais da razão.*

— O Ângelo, além de extremamente sensível e sincero, usa e abusa da abençoada virtude da curiosidade sadia em aprender o que não sabe, perguntando sempre e sempre. Graças a isso hoje é conhecedor profundo das coisas espirituais...

Campos informou-me:

— Você ficará três dias em preparativos aqui conosco, antes da viagem, concluindo sua adequação.

Encerrando a reunião proferiu sentida prece, agradecendo o Amor de Deus e o amparo do Mestre Jesus para com todos daquela singela assembleia. Os participantes levantaram-se e, entre abraços ternos, cumprimentaram-se e quase todos deixaram o recinto.

Campos, que permaneceu, dirigiu-se aos três amigos que haviam me conduzido até ali e recomendou-lhes:

— Por gentileza, estejam à vontade aqui na nossa paragem espiritual, tão feliz com sua presença. Sei que nesses três dias estarão fortalecendo fluidicamente o nosso Ângelo para a viagem. Por gentileza mostrem-lhe nossa cidade.

Dirigiu-se a mim:

— Você ficará hospedado em dependência individual e passará por processo de sono induzido, da mesma forma que seu físico dorme agora.

Foi-me cedido um quarto simples, porém com todo conforto.

Dali poderia sair e retornar a hora que quisesse.

Orei ao Supremo Criador, louvando a grandeza da Criação.

Acordei no dia seguinte e à saída recebi um amável bom dia dos meus três orientadores "de" e não "do" outro mundo...

Quando vi Stella, eclodiu-me um pensamento tranquilizador: *Graças a Deus não fixei minhas emoções nela, conquanto cada vez que nos aproximamos uma corrente eletromagnética me percorre dos pés à cabeça...*

Tirando-me dessa reflexão Frankov informou:

— Sempre que possível vamos caminhar em silêncio, em comunhão com a paz deste lugar, proporcionando-nos bem-estar e revigorando nossas energias.

Para mim, tal sugestão funcionou como uma educada solicitação para que eu não fizesse perguntas. E fazer perguntas era exatamente o que eu tinha planejado para aquelas caminhadas...

Ao término da caminhada naquele dia, Marcelyus aconselhou:

— É importante que você repouse por algum tempo e mais tarde nos reuniremos novamente.

À tarde, de fato, saímos em nova caminhada.

Com muito respeito e tato pedi licença aos amigos para fazer “poucas perguntas”, sobre *Europa*...

Marcelyus, educadamente, anuiu, porém alertando:

— Sobre o mundo sim. Sobre a humanidade, só quando lá estiver.

— Será que vocês podem me contar qual é o aspecto físico daquele tão distante mundo?

Marcelyus respondeu:

— Vou citar dados superficiais, não necessariamente exatos, mas que lhe darão uma ideia do nosso mundo. O mundo, que aqui na Terra é chamado de *Europa*, é um das dezenas de satélites do planeta que vocês chamam de Júpiter. Para nosso entendimento, também denominarei de *Europa* o mundo que você conhecerá e que tem o tamanho quase da Lua da Terra. A distância média da Terra é variável entre seiscentos e cinquenta milhões a oitocentos milhões de quilômetros, dependendo do posicionamento orbital dos vários planetas do sistema solar. A superfície de *Europa* é coberta de gelo, mas sua estrutura é essencialmente rochosa. A humanidade que vive em *Europa* ocupa o centro do satélite, onde um mar o rodeia.

Mais Marcelyus não disse... Nem eu perguntei...

Fizemos outros passeios.

A cada passeio, ou caminhada, eu era aconselhado pelos amigos a me recolher ao meu aposento e repousar por algum tempo.

Como hóspede do “Paço das Bem-Aventuranças”, desfrutei de momentos de muita paz, conforto e espiritualidade.

Ali se ouvia música à hora que fosse desejada, da espécie preferida, no volume adequado. O simples desejo de ouvir essa ou aquela música funcionava como ordem “para o ar” executá-la. E o mais notável é que só quem tinha tal desejo é que a ouvia.

Assim se passaram os três dias, nos quais participei de duas reuniões com entidades bondosas, tendo por agenda comentários sobre a melhor maneira de ajudar aos necessitados, em todas as esferas terrenas, ignorantes das Leis de Deus. E principalmente os que conhecem essas Leis, mas não as praticam...

Como prestar tal ajuda? Era o que se discutia ali, definindo qual a mais indicada atividade-meio, segundo o tipo de amparo a ser dado —

encontrando a resposta invariavelmente e sempre em Jesus, o modelo oferecido a Deus para os procedimentos humanos.

Essa a atividade-fim dos habitantes daquele abençoado e aprazível lugar, em missões que permanentemente planejavam e realizavam, seja no plano espiritual, mais na crosta.

Há algo de fantástico que preciso relatar sobre a região onde estava instalado o "Paço das Bem-Aventuranças": a alimentação era quase desnecessária, pois o sentido da fome não anunciava tal necessidade.

Quando pensei em alimento, no primeiro dia, recebi alimentação aparentemente sólida, mas que na verdade, segundo explicou-me Frankov, tratava-se de substância etérea, elaborada pelos Espíritos elevados do "Paço das Bem-Aventuranças", adequada à que eu estava acostumado¹⁶. Mas, no decorrer do dia, essa fome de "sólidos" foi desaparecendo e nos outros dois dias percebi, não sem espanto, que meu apetite havia praticamente desaparecido... E assim mesmo, quando eu pensava em me alimentar, já não recebia comida "sólida": eu próprio deveria atender às minhas necessidades, segundo ensinaram-me os orientadores.

— Como? Inquiri a Frankov.

Sem dizer palavra, levou-me ao jardim do "Paço das Bem-Aventuranças" e demonstrou, de uma forma insólita. Perdoem-me a rudeza da expressão, mas não tenho capacidade para definir aquela maravilha que era "comer o ar". Sim: quando necessário, e isso eu aprendi e vivenciei não apenas com Frankov, mas com todos, era só fixar o pensamento em energias revigorantes e aspirar devagar e demoradamente a atmosfera, que de imediato a "fome" desaparecia.

Treinei isso e para minha alegria essa bênção me alcançou.

Sem que eu perguntasse, Frankov adiantou:

— Quanto à eventual excreção (eventual só nos casos de alimentação como a sua), ela ocorre de modo inverso à ingestão, ou seja, é eliminada pelos poros.

Outra coisa que era espantosa ali: a maioria das pessoas "deslizava". É isso mesmo: vi vários Espíritos se deslocando sem pé no chão, a pequena altura do chão, "de pé"... Nenhum deles tinha pressa nesses deslocamentos.

¹⁶ Detalhes in "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec, 2ª Parte, Cap. VIII, item 128, p.161, 52ª Ed., 1944, FEB, RJ/RJ

Já tardo em dizer, sem nenhum constrangimento, menos ainda tentando bancar o humilde, que lá só havia Espíritos elevados e eu, naturalmente, não era um deles. Sinceramente.

Olhava aquilo abismado, quando meus orientadores me esclareceram que se eu quisesse, também poderia fazê-lo. Considerei não ser prudente realizar deslocamentos daquele jeito, ao rés do chão. Mas, incentivado pelos três amigos, realizei isso algumas vezes, primeiro com amparo deles, depois, em "voo solo", bem devagar, com medo de cair e numa altura mínima do chão, em pequenos trechos.

Naquela abençoada cidade havia outros "Paços": "Paço da Esperança", "Paço da Concórdia", "Paço da Fraternidade", "Paço do Perdão"...

Ali, muito acima da crosta terrestre o Sol brilhava mais, e as noites mostravam o dobro de estrelas, tudo com o denominador comum de louvor ao Criador.

Se eu disser "sagrada obsessão", estarei sendo leviano, além de escorregar num paradoxo, contudo, como definir as atividades fundamentais de todos aqueles "Paços", senão como centros de excelência da caridade? "Filantropia permanente" soa melhor, sob a égide do amor ao próximo...

Por falar em amor, registro que vi Espíritos de todas as idades e dos dois sexos, invariavelmente todos em convivência pacífica.

Foi a partir do terceiro dia que eu já conseguia realizar uma proeza: conseguia também "adivinhar" um ou outro pensamento dos meus três orientadores, verdadeiros amigos e irmãos. Mas, só deles... Explicaram-me que isso se devia à sintonia que nós criáramos, pela proximidade, convivência fraterna e principalmente pela minha tarefa...

E assim, podendo "deslizar", "comer o ar" e adivinhar pensamentos, tudo em pequena escala, fui considerado apto a iniciar a transcendental tarefa, propriamente dita.

Na verdade, hoje sei que a tarefa já tinha se iniciado desde meu encontro com mamãe. A fase subsequente, de preparativos, representou uma espécie de treinamento e da minha adequação perispiritual, para que eu pudesse deixar a psicofera terrestre e alçar voo no cosmos, rumo ao distante mundo.

Sentindo meu corpo espiritual algo modificado, sem que eu notasse exatamente como isso acontecera, chegou finalmente a hora de iniciar a viagem. Antes, Campos convidou-me para uma pequena caminhada e sem demora informou:

— Todos nós daqui dos “Paços”, não apenas os que laboram no “Bem-Aventuranças”, estamos felizes, Ângelo, muito felizes, porque você está apto a partir para sua missão, indo em nome de Deus. Irá em busca de revelações proveitosas ao progresso da humanidade e com sabedoria retornará qual um chacareiro que tenha colhido abundantes frutos num pomar sagrado, para distribuí-los a famintos do saber.

Eu estava deveras comovido. Emocionadíssimo.

Perder a fala perto de Campos já era um lugar comum. Perdia-a.

Ele captava esse meu embaraço e sempre dava um jeito de desatar o nó na minha mente. Estancou o passo e olhando-me paternalmente informou:

— A caridade de Jesus concedeu-lhe o passaporte para que a incrível viagem aconteça.

E arrematou, num lance de fortíssima expressão:

— *Europa* espera por você!

Abracei-o, com infinita gratidão, agora podendo dizer:

— Campos, mestre respeitável. Não sei como agradecer tudo o que você e todos daqui fizeram por mim. É com felicidade que aguardo o momento de partir e na mesma intensidade, com tristeza, por deixar convívio tão feliz. É com o maior respeito que preciso fazer uma pergunta...

Sabendo que teria poucos momentos para estar com Campos e também para não negar o meu velho hábito de fazer perguntas, nenhuma até ali feita a ele, fiz uma única pergunta:

— Tudo o que observei aqui me induz a refletir que essa região da psicosfera terrestre é um local de paz absoluta. Muitos estudiosos das coisas espirituais já assinalaram que o planeta Terra é circundado por camadas astrais, nas quais vivem Espíritos, devidamente agrupados segundo sua evolução. Aqui, na região dos “Paços”, imagino que vivem os Espíritos mais evoluídos da Terra. Mamãe me disse que no mundo que eu visitaria vivem Espíritos cuja evolução os contemplou com direito a viver naquele mundo onde o bem é prevalecente. O que notei aqui me leva a perguntar por que é preciso que um humano vá a *Europa* para observar como vivem os Espíritos num mundo onde prevalece o bem, se isso já acontece nesta esfera onde estamos?

Campos sorriu fraternalmente e respondeu-me:

— É essa sua perspicácia que o distingue de muitos outros que poderiam ser candidatos... Suas observações até aqui o levaram a supor que nós, daqui dos “Paços” somos absolutamente felizes, que nada

temos a resgatar... Sobre as mais altas esferas astrais terrenas é adequado o entendimento referente aos Espíritos que nelas se movimentam, embora a realidade seja muito mais complexa. Os “Paços” se encontram entre elas... Mas, não somos “os Espíritos mais evoluídos deste mundo”, como você pensou. Enquadramo-nos tão somente como seres esforçados na autorreforma, o que nos nivela com pelo menos um terço da humanidade.

Campos silenciou alguns instantes, como que buscando lembranças esmaecidas, lá nas dobras do tempo...

Seguiu:

— Você, que gosta de perguntar, responda-me: suponhamos que um Espírito chega aqui hoje e fica feliz em conhecer este “Paço”. Esse Espírito se pensasse como você poderia até supor que somos um grupo dos Espíritos mais evoluídos da Terra, entre os quais você. Você se considera assim?

Levei um susto.

Mais acostumado a perguntar do que a responder, demorei pensando e só pude exclamar, com sinceridade:

— De forma alguma!

— Pois é: então como é que você imaginou que nós daqui do “Bem-Aventuranças” somos assim tão evoluídos, se nem sequer sabe desde quando cá estamos, quais nossas obrigações e qual seria nossa conta de débitos e créditos perante as Leis de Deus?...

Como eu não tivesse resposta, ele mesmo respondeu:

— Tão grande é o amor do Pai para com Seus filhos que a todos concede — aos que aceitam — períodos de relativa tranquilidade, para refazimento de forças, objetivando fortalecer-lhes a disposição quanto à própria melhora moral. Enquadre-nos assim e responda você mesmo se ainda nos consideraria “os mais evoluídos da Terra”...

Sempre busquei fazer perguntas lógicas, conquanto multiplicadas. Percebi, dessa vez, que toquei num ponto muito acima da minha capacidade em navegar naquele mar de lógica e de humildade, no qual Campos e seus companheiros eram marinheiros experimentados...

Sempre amigo, Campos mudou de assunto:

— Você está indo como verdadeiro repórter destacado para missão em país estrangeiro, motivo pelo qual necessitou de estagiar aqui, para adquirir condições de se posicionar em *Europa*. Imagine que qualquer repórter, antes de uma viagem a outro país precisa conhecer ao menos alguns dados sobre o lugar que visitará e levar os trajes necessários ao

clima de lá. Não digo que a vida em *Europa* seja igual à nossa, mas sim, que aqui é a que embora palidamente, dela se aproxima. A qualidade lá é muito superior.

Fazendo pausa, logo prosseguiu:

— Poucos dos que estão nesta cidade de paz não são residentes fixos; maioria, entre os quais me incluo, e agora você, somos apenas hóspedes temporários. No total, aqui está parcela ínfima, inexpressiva, de toda a humanidade. Há esferas mais adiantadas do que esta e nelas estão ainda menor quantidade de Espíritos, relativamente a esta; igualmente poucos são os que nelas têm residência fixa. E veja que a humanidade terrena tem cifras em torno de bilhões de Espíritos: nove bilhões encarnados¹⁷ e cerca de trinta bilhões desencarnados¹⁸. Nesta metade do século vinte e um, tal é o número dos inquilinos terrenos e nosso planeta é ainda um mundo atrasado, no qual as dores, dificuldades, egoísmo e orgulho sobrepõem-se ao bem comum. Essa situação já foi muito mais grave, mas mesmo assim, a atual, conquanto aproximando-se cada vez mais da regeneração, ainda é dolorosa.

Comecei a ter a resposta para minha pergunta.

Campos continuou:

— Assim, poucos são os que podem ser exemplo para a diversidade de Espíritos que habitam na Terra, pois embora tenham mais experiência do que a maioria deles, nem por isso se consideram melhores. No passado de cada um de nós desta região espiritual ainda há registros de contas a serem acertadas com a humanidade e principalmente com as leis divinas... Com a própria consciência...

Ali, obviamente, falara alto a humildade de Campos.

E ele arrematou:

— Ademais, se você divulgasse para a humanidade terrena como é a vida por aqui e o que fazem os que aqui estão, repito que você estaria falando de uma diminuta parcela da humanidade, que momentaneamente vivencia tempos de reconstrução, tendo por bênção clima de paz. No entanto, relatando o que ver em *Europa*, onde a humanidade que lá habita é nivelada majoritariamente pelo império do

¹⁷ Dados demográficos puramente estimativos sobre 2.051, da Wikipédia – a enciclopédia livre da internet, lembrando que a história se passa no meio do século XXI...

¹⁸ Esse número é igualmente estimativo, com base em raros registros na literatura espírita, segundo pesquisa e estudos que realizei - Nota do Autor.

Bem, da fraternidade, do amor ao próximo enfim, você estará falando de um mundo onde todos os seus habitantes agem mais ou menos da mesma forma e em tempo integral. Isso, há séculos. O principal detalhe de *Europa* é que no passado dos seus habitantes não há contas a pagar a outrem, senão sim, a si mesmos. Numa coisa os europeanos e os terrenos são absolutamente iguais: todos estamos em rota de mais progresso a ser alcançado. Entendeu?

Claro, eu havia entendido com precisão as reflexões de Campos.

Antes de terminar esse breve e talvez último passeio com Campos, antes de partir para *Europa*, não resisti a uma dúvida que me espicava:

— Campos: é com o maior respeito que peço sua caridade em me esclarecer sobre Stella... Cada vez que me aproximo dela há um turbilhão de emoções que vibram em meu coração, todas elevadas, sem qualquer conotação sensual...

Campos sorriu, como se aguardasse essa pergunta. Respondeu:

— Ângelo, Ângelo... Lembre-se dos ensinamentos esclarecedores que a Doutrina dos Espíritos oferta dirimindo as dúvidas humanas. Se você refletir e orar a Jesus, certamente encontrará a resposta. Não obstante, por enquanto, não tenho condições de dizer o que representa esse estado de Espírito que o acomete na presença dela, mas de uma coisa tenho certeza.

Tomou-me as mãos e disse com ênfase:

— O Tempo, que é o grande mecânico da Vida, imortal Criação redentora de Deus, agindo invariavelmente a favor de todos e de tudo que foi criado, iluminará sua dúvida, na hora certa. Aguarde e ore.

Retornamos para o interior do “Paço das Bem-Aventuranças” e nova surpresa me aguardava, tão ou mais emocionante do que as muitas que vivenciara até então: todos os que faziam parte daquele grupo estavam em preces, postura que logo Campos assumiu e eu também.

E, sem que palavra fosse proferida, alguns instantes depois meu coração quase parou quando tive certeza de que mamãe estava chegando. No momento não atinei como é que sabia da chegada dela, mas hoje, em análise prospectiva desse e de tantos outros eventos que vivenciaria na insólita viagem, reflito que já naquele momento meu perispírito estava equipado de uma faculdade extra, temporariamente emprestada para utilização no meu estágio num outro mundo.

De fato, um feixe de luz desceu do teto e fixou-se no piso, ao lado da mesa de Campos. Essa luz foi se avolumando e brilhando mais e mais,

assumindo a forma de pirâmide de muitas faces, com cerca de três metros de altura. Foi de dentro de uma das faces que mamãe saiu calmamente e deslizando no ar, a uma altura de palmo do chão, veio até mim e me beijou.

Estático e em grau máximo de felicidade, nem precisei perguntar para perceber que mamãe ali, manifestava-se segundo o dom dos Espíritos que têm pureza suficiente para a ubiquidade¹⁹, isto é, estando num lugar, irradiar sua imagem em outro.

Mamãe, irradiada, cumprimentou-me carinhosamente:

— Filho da minha alma, amor do meu coração: como lhe disse, há bem pouco tempo, Deus tem infinitos caminhos... O processo que permite minha presença aqui, tão real, acontece por bênção maior, concedida a mim pela caridade de Jesus. Não poderia estar em Espírito devido à tarefa socorrista que ora executo em ambiente degradado, o que me obrigou a densificar minha estrutura perispiritual. O retorno da densidade que me é própria demandaria tempo e o tempo é bênção que deve ser utilizada por inteiro.

Mamãe dirigiu-se a Campos:

— Amigo querido, a mãe que sou lhe agradece, comovida, seu carinho para o tesouro da minha vida que é meu filho Ângelo.

Nesse momento ninguém conseguiu evitar que sublime emoção envolvesse a todos naquele ambiente, do que lágrimas discretas e coletivas mais pareciam assistentes aplaudindo mamãe.

O silêncio das lágrimas: como soa alto nos corações sensíveis!

Eu era o que mais chorava, só que, diferentemente dos demais, com total falta de educação: bem alto!

Mas, não chorar: como evitá-lo?

Há um verdadeiro rol de linguagens mudas no ser humano, estas, muito mais expressivas do que palavras, e chorar é uma delas, impregnada pelas emoções, manifestando-se quase sempre sem permissão da mente e da razão.

Comprovante do que digo foi o fato de ver mamãe também com lágrimas bailando nos olhos.

De comum acordo, coletivamente celebrado por todos os Espíritos ali presentes, foram consagrados alguns instantes para o silêncio.

Serenadas as emoções, mamãe retomou:

¹⁹ In "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec, questão nº 92.

— Irmãos aqui presentes, sou-lhes igualmente devedora do amparo dedicado a Ângelo. Rogo a Jesus conceder-lhes sempre mais bênçãos.

Dirigiu-se com ternura e especialmente aos três amigos de *Europa*:

— Meu filho estando com vocês é para mim como se estivessem comigo, pela confiança e carinho que lhes dedico, como se filhos meus também fossem. Que o Amigo Celestial, Nosso Senhor Jesus Cristo pague por mim seus cuidados ao Ângelo. Com muita humildade dou-lhes também minha bênção, de mãe agradecida.

E dirigindo-se a mim:

— Filho: meu amor por você o acompanhará nessa sagrada tarefa.

Beijando-me carinhosamente, mamãe retornou lentamente para o interior da pirâmide, nela adentrando da mesma forma como dela saíra. Logo a imagem se desfez.

Da chegada à partida, mamãe não ficou ali mais do que breves minutos, mas inesquecíveis minutos.

Na sala reinou clima de paz e de elevação espiritual jamais sentido por mim. As lágrimas, de todos, ainda não haviam secado...

Campos disse:

— Irmãos em Jesus, é chegada a hora de Ângelo, na função de embaixador, iniciar a abençoada jornada a um mundo irmão da Terra.

E prestou uma última informação, surpreendente, até então desconhecida por mim:

— Ele não é o primeiro e certamente não será o último a fazer essa mesma viagem, no entanto, a dele se reveste de um caráter mais específico, posto que ele naquele outro mundo comparecerá como "repórter especial". Há tempos já foram feitos os contatos com os irmãos de *Europa*, encarregados de recepcioná-lo e prestar-lhe as informações que solicitar.

A seguir orou a Jesus:

— *Mestre, receba nossa gratidão por mais essa caridade. Pedimos, Divino Amigo, que o nosso Ângelo seja feliz na tarefa que o Seu amor autorizou seja realizada, a bem do nosso sofrido, mas tão amado planeta. Sabemos perfeitamente que os resultados da missão não trarão o tão almejado diploma de planeta regenerado à Terra, não obstante, não desconhecemos também que assim como o Sol, o amanhecer e sua claridade não chegam ao meio da madrugada. Mas, quem poderá negar que as lições colhidas, quais sementes benfazejas, ao serem semeadas em almas que plantam e esperam pela fertilidade da colheita do amor,*

venham a representarem, essas sementes, quais os primeiros raios da alvorada? Sê conosco, Jesus e que a sua paz habite em nossos corações. Um a um todos os presentes vieram até mim e me abraçaram.

Finalmente, Marcelyus, Frankov e Stella se aproximaram e falando em nome dos três, foi ela quem disse:

— Esteja em paz. Iremos e estaremos com você, caro amigo.

A cada vez que Stella se aproximava de mim ou que eu a contemplava, minha alma sentia o perfume do amor. E, nesses momentos fugazes quanto mágicos, eu devaneava, perguntando aos Céus: *será que em alguma jornada da nossa existência já estivemos juntos?*

Sem resposta...

Campos, que ainda não tinha se despedido de mim, passou o braço sobre meu ombro, conduzindo-me a uma larga porta, que à nossa aproximação se abriu, deixando ver no exterior fortes luzes e aquele mesmo veículo redondo que me trouxera até o Paço das Bem-Aventuranças.

Não disse palavra. Apenas osculou-me a face. Com delicadeza fez um gesto qual se fora ele o condutor do veículo, sinalizando-me nele adentrar, bem como dirigiu o mesmo sinal aos meus três protetores.

Entramos, os quatro.

Frankov orou:

— *Que o Senhor dos Universos nos proteja e Sua paz nos acompanhe.*

As luzes foram diminuindo de intensidade, as paredes do veículo foram se tornando cada vez mais opacas e em instantes nada mais pude ver. Invencível sonolência me alcançou e foi assim que, decorrido tempo que desconheço por completo acordei.

3

Outro mundo e outra humanidade

— *Estamos em Europa. Agradecemos, Pai, Seu amor infinito por todas as criaturas e pela boa viagem que fizemos.*

Era Marcelyus agradecendo a Deus a chegada!

Nisso, a porta do veículo foi se abrindo...

Marcelyus, Frankov e Stella desceram... "Deslizando"...

Do lado de fora do veículo estava um homem que me pareceu de meia idade e de semblante amistoso. Abraçou afetosamente aos três.

Admirei ver que meus amigos tinham crescido, isto é, estavam bem mais altos, sem mais nem menos. O homem com eles era igualmente alto.

Com bondade convidaram-me, a uma só voz:

— Venha conosco, Ângelo. Não tenha receio de nada.

Fui descer do veículo e aí não tem palavras para descrever outro susto: deslizei também naquela pequena distância, de não mais do que uns cinco metros. Na verdade, lembrei-me que aprendera a voitar lá no "Paço das Bem-Aventuranças". Mas agora, eu estava "encarnado". Pelo menos, essa foi minha impressão ao me tocar. O fato é que logo estava ao lado dos quatro.

Não cessaram meus sustos...

Eu também estava do tamanho do deles... E isso representava que eu aumentara cerca de meio metro, em relação à minha altura normal.

Foi inevitável que uma ligeira tontura me alcançasse, mas fui rapidamente socorrido por Marcelyus que colocou a destra em minha frente, com efeito benéfico imediato.

Recompus-me.

Não sabia o que dizer.

Olhei em volta.

Fiquei em êxtase ao ver uma imensidão de gelo, a se perder de vista e em plena claridade solar. Intrigou-me não estar sentindo frio. Com tanto gelo "tinha" que estar sentindo muito, muito frio...

No mesmo instante passei mesmo a sentir frio intenso.

Socorreu-me Marcelyus, enfático:

— Pare de pensar no frio! Pense que está confortável!

Em obediência mentalizei “não sentir frio”. E no mesmo instante o frio foi embora... Pensei: *Incrível, isso, tal qual no plano espiritual da psicosfera terrena, quando a força do pensamento constrói o que se pensa com fervor... Isso quer dizer que permaneço “em Espírito, aqui”.*

Admirando a fantástica paisagem à minha vista ergui o olhar...

Nunca saberei traduzir em palavras a emoção que me invadiu ao ver o grande planeta Júpiter, várias vezes maior do que a visão terrena do Sol, e ao lado dele, mais ao fundo e em tamanho menor, ele, o Sol...

Lá estavam: dois sóis!

Estanquei. Não consegui me mover, tamanho o impacto que me causou inimaginável visão: dois sóis, um bem grande, outro menor, o primeiro com menos luminosidade, o outro, brilhante qual um diamante, se me perdoam o pleonasma. Aquele, Júpiter. Este, o “nosso” Sol!

A custo consegui exclamar, do fundo da minha alma:

— Meu Deus!

Além do Sol, Júpiter também doava luz para *Europa*...

Repito: não há palavras para descrever tal maravilha.

Os amigos respeitaram minha vontade de parar e, estático, ficar ali demorado tempo, contemplando aquela soberba tela celestial.

Elevei o pensamento a Deus, louvando seu Amor e Sabedoria!

Captei claramente que os amigos também participaram da minha oração.

O simples fato de ter chegado em *Europa*, percorrendo a imensa distância da Terra, sem qualquer vestimenta especial, e agora eu também estar mais alto comprovou-me que algo transcendental acontecera em mim durante a viagem. Forte sensação de que minha nova altura se devia a uma interferência fluídica, utilizando a propriedade da plasticidade que é intrínseca ao perispírito. Certamente tal interferência foi de responsabilidade dos meus três amigos daquele mundo²⁰.

Segundo aprendi no Espiritismo, quando o Espírito vai habitar um mundo, com apoio da Espiritualidade receberá matéria cósmica desse mundo para com ela revestir o Espírito. Assim, o perispírito é adequado

²⁰ *In*: O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão nº 94ª, registrando que Espíritos elevados, em visita a um outro mundo revestem seu perispírito de matéria cósmica desse mundo, para nele permanecer.

(*Reflito e imagino que talvez algo assim como um “sobretudo fluídico” – Nota do Autor*).

para a existência só naquele mundo. Os Espíritos elevados têm condições de visitarem outros mundos, apropriando eles próprios o revestimento adequado ao mundo visitado. Já o Espírito que não possui essa condição de independência, só com amparo espiritual de protetores especializados poderá ir e permanecer num mundo diferente do seu.

O fato é que parti da psicofera da Terra em condições normais (terrenas) e cheguei ao satélite de Júpiter, também em boas condições, porém diferentes (europeanas) — obviamente sob amparo.

Outra dedução: estamos na psicofera de *Europa*, e não em “solo” europeano. De fato, não estou encarnado...

— Seja bem-vindo, Ângelo! Sou Augustiel. Brilhante dedução: sim, estamos na parte espiritual deste mundo.

Quem assim se dirigiu a mim era o homem de semblante fraternal, com quem instantaneamente me simpatizei e que sabia meu nome...

Extasiei-me diante da deslumbrante e até então inimaginável paisagem de um mundo com cenário de tanta luz, tanto gelo. Novamente elevei o pensamento a Deus, o Supremo Criador, louvando-O.

Augustiel:

— Este é um dos quatro *planetas secundários* de Júpiter, que lá na Terra, de onde você foi trazido até aqui para um estágio missionário, são designados como “as quatro grandes luas de Galileu”: *Io, Europa, Ganimedes e Calisto*. Assim, para terrenos, este é *Europa*. Seus três novos amigos daqui e eu, recebemos a honrosa e fraternal incumbência de assessorá-lo em sua missão. Sinta-se “em casa”, ou melhor, “como se estivesse em seu mundo”.

— Muito obrigado, agradeço sua gentileza.

— Praticamente para a maioria das coisas que lhe causarem dúvida, no decorrer da sua estada você próprio encontrará as devidas explicações. O que não encontrar, estaremos sempre, sempre à sua disposição para os esclarecimentos necessários. Sugiro que memorize tudo o que vê e o que conversarmos, para facilitar suas anotações.

Logicamente ele também sabe a finalidade de minha vinda e já me recomendou mais observar do que perguntar; é isso mesmo que pretendo fazer, pensei.

— Sim, meu amigo, faça assim. Sabemos da sua tarefa, abençoada.

É fascinante essa condição de ler pensamentos, voltei a pensar.

— Essa é uma das características dos habitantes de *Europa*. No seu caso, pela transcendência de sua missão, querendo, você poderá aplicá-la parcialmente com nós quatro — disse Augustiel.

Voltei a examinar superficialmente meu corpo.

Logo Augustiel informou:

— Durante o tempo da sua missão, mediante apoio fluídico que lhe será prestado, poderá exercer algumas faculdades que ainda não possui, mas que aqui, e só aqui, poderá utilizar.

Diante dessa informação tive uma reflexão instantânea: *Se os Espíritos elevados, quando se deslocam para outros mundos menos evoluídos do que o seu, apropriam e se revestem, eles próprios, de fluidos desses mundos, julgo que comigo agora ocorre o inverso, ou seja, eu é que aqui estou com fluidos mais depurados do que os do meu mundo, e logicamente do meu perispírito, ação essa que acontece inteiramente sem qualquer participação da minha parte, mas por superior amparo espiritual...*

Senti-me absolutamente protegido, e mais, muito abençoado.

Sem nada dizer, Augustiel abraçou-me paternalmente. Ele captara minha reflexão, endossando-a.

Olhei, novamente, para a imensidão gelada sobre a qual só nós cinco estávamos. Era deslumbrante e ao mesmo tempo misteriosa.

Augustiel esclareceu-me:

— Estamos, sim, na parte astral de *Europa*, na qual visitantes são recepcionados. Há outra parte, material, a partir da camada de gelo e bem abaixo desta, no centro do nosso mundo. Sua missão será toda ela exercida na parte, digamos, "sólida", que fica após essa abençoada e protetora camada de gelo e para onde iremos agora. Vamos mirar o horizonte.

Assim dizendo Augustiel impôs a destra sobre minha fronte. Senti como que uma eletricidade, muito agradável, percorrer todo o ser.

A imensidão de gelo, à minha frente, era de fato incalculável.

Repetiu que eu mirasse o horizonte. E foi então que sob sua magnética indução, onde antes na minha visão só havia gelo — muito gelo —, comecei a sentir sutil sonolência. Tomou minha mão e indicou-me para pegar na mão de Stella; juntamente com Marceyus e Frankov, todos nos demos as mãos. Quando Stella me tocou senti percorrer-me da cabeça aos pés uma nova e agradabilíssima energia, que eu diria radiante. Sensação igual jamais experimentara.

Antes de "dormir", consegui pensar: *Essa mulher... Sempre que nos tocamos visitam-me sensações maravilhosas, puríssimas...*

Aí, toda aquela amplidão gelada foi aos poucos desaparecendo.

De surpresa em surpresa, grande foi a causada quando despertei de um aparentemente brevíssimo cochilo: deslumbrado, sentindo-me em “terra firme”, agora vislumbrava um mundo parecido com “o meu”: solo, árvores, avenidas, pessoas.

Augustiel dirigiu-se a Marcelyus, Frankov e Stella:

— A partir de agora Ângelo fica sob minha responsabilidade direta, conquanto vocês lhe façam companhia. Considerem muito bem cumprida sua tarefa de trazê-lo, pelo que lhes dou minha gratidão. Que o Grande Arquiteto os abençoe. Vou conduzi-lo ao seu aposento. Depois que Ângelo repousar eu os convocarei. Muita paz!

Augustiel abraçou um a um.

Antes de nos deixarem, a Augustiel e a mim, os três demonstravam alegria e me abraçaram com carinho.

Pensei: *abraços, estou vendo, são demonstração universal de fraternidade. Como seria bom se lá na Terra as pessoas se abraçassem mais. As conhecidas, no mínimo, uma vez por dia. As desconhecidas, quando por algum motivo se reunissem.*

Falando, ou melhor, pensando em abraços, os abraços dos meus três protetores “extraterrestres” transmitiam intenso bem-estar. O abraço de Stella, contudo, fazia com que em minha alma despontasse um sentimento até então oculto. *Seria só de fraternidade? Não seria de carinho? Quem sabe, de amizade? De simpatia, apenas?*

Não consegui impedir que outra dúvida ainda maior eclodisse em minha mente, em resposta *às minhas perguntas íntimas: será de tudo isso... Ou, talvez de... Amor?*

Não, não era possível.

No entanto captei sem sombra de dúvida que também ela se emocionara, pois seu olhar brilhou mais, num lampejo para mim inesquecível.

Não me contive:

— Voltarei a vê-la?

Percebendo minha inconveniência, naquele momento, corriji-me, dirigindo-me aos outros amigos:

— Voltaremos a nos ver?

Apenas sorriram. Logo, os três que me trouxeram nos deixaram, deslizando suavemente, não sei para onde foram.

Tive certeza de que captaram meus sentimentos relativos a Stella, todos nobres, aliás, imperando fraternidade e admiração, tanto quanto por

Marcelyus e Frankov. Só que... Sobre Stella, em minha mente, instalara-se fortemente outra sensação, indefinida, naquele momento.

Apenas com Augustiel, aguardei instruções. Que logo vieram:

— No deslocamento que acabamos de realizar, vindo do plano astral deste mundo até aqui, seu perispírito materializou-se²¹, da mesma forma como nas reuniões mediúnicas terrenas um Espírito que a elas comparece, invariavelmente com ajuda dos médiuns presentes, esses de “efeitos físicos”. Assim, agora você está revestido com um equipamento aparentemente orgânico, temporário, adequado à vida física em *Europa*. Instintivamente, apalpei-me. De fato, pareceu-me estar “encarnado”, ou melhor, mesmo em perispírito, estar tangível. Conhecendo o quanto é útil o apoio fluídico dos bons Espíritos, certamente foram meus protetores daquele mundo que me proporcionaram tão singular plasticidade perispiritual.

Augustiel informou:

— Você terá uma acomodação bem simples, onde poderá registrar suas impressões e anotações sobre nosso mundo. Todas as suas necessidades serão atendidas em seu aposento, ou se você precisar de mais alguma coisa será atendido. Esteja à vontade para se dirigir onde quiser, à hora que se sentir disposto a isso.

E complementou:

— Você terá liberdade plena para se deslocar nesta cidade onde estamos. Vamos?

Segui-o a passos calmos. Estávamos numa larga avenida, na qual não havia veículos trafegando. Apenas muitas “pessoas”, algumas em passo regular, outras deslizando, nenhuma com pressa...

Augustiel, captando meu pensamento informou:

— Neste mundo não há veículos, a não ser como aquele que o trouxe. Quando há necessidade ou vontade de algum deslocamento de maior distância, deslocamo-nos com volitação.

Olhei para o céu daquele mundo e outra vez extasiei-me ante a inesquecível imagem dos dois sóis: Júpiter e o Sol...

Augustiel explicou-me:

— Aqui em *Europa* acontece um interessante fenômeno de ótica: embora nossa humanidade resida “dentro” do corpo celeste, abaixo e recoberto dessa camada de gelo com espessura de até trinta quilômetros e mais dura do que rocha conseguimos ver perfeitamente o

²¹ *In*: “O Livro dos Médiuns”, Allan Kardec, Cap. VI, itens 104 e 105.

céu, como você viu à sua chegada... Isso, por vários fatores, dentre eles o fato de que os raios solares que nos alcançam têm outros componentes que na Terra ainda não são conhecidos; outro detalhe é que o gelo europeano contém um forte magnetismo, este vindo da claridade joviana²²; não bastasse isso, nossos organismos são dotados de um elemento na visão que nos favorece essa bênção, tornando translúcida referida camada de gelo.

A visão do Sol e de Júpiter, irmanados, não me saía do cérebro, da mente, da alma... Maravilha das maravilhas, aquela multicolorida e deslumbrante tela celeste com dois sóis!

Admirei os belos edifícios da avenida, repleta de jardins e árvores majestosas, principalmente palmeiras, cujas folhas dançavam alegres, volta e meia roçando umas nas outras, como se estivessem a se acarinhar, a se beijar. Quando chegamos ao prédio onde seria hospedado Augustiel informou:

— Todos os nossos prédios são térreos. Basta você adentrar no saguão e logo uma esteira rolante o levará ao seu aposento. Quando descansar um pouco, terei alegria em acompanhá-lo, de início, nos locais em que queira ir.

Abraçou-me, por sua vez e deixou-me.

A medo, adentrei no edifício.

De fato, ao entrar meu primeiro passo já foi sobre uma esteira rolante. Sem qualquer comando da minha parte, sem qualquer vibração ou ruído, tão logo transpus o vestíbulo fui conduzido a um ponto algo distante da entrada, à porta de um aposento onde a tal esteira rolante parou. Ato contínuo a porta se abriu, mansamente.

Ainda com medo dei um passo para dentro do aposento, mobiliado com simplicidade. Maravilhei-me, a iluminação vinha das paredes. Ampla janela deixava ver, ao fundo, jardins de lindíssimas flores e as árvores.

²² Adjetivo relativo a Júpiter. A palavra vem da Roma antiga, da mitologia romana: *Jóvis* era o deus responsável pelo nascimento do Sol, pelo início dia e pelo começo da vida. *Jóvis*, um dos principais deuses dos romanos, conhecido também como Júpiter, levava os seres humanos ao despertar matinal, ao renascer. A natureza toda era acordada com a ordem de Júpiter, uma espécie sussurro ao pé do ouvido: "Desperta!" Então, surge no português as palavras jovem, jovial, jovialidade, que têm como raiz a personalidade do deus *Jóvis*. (Nota da Wikipédia, a enciclopédia livre da Internet.)

Percebi que da mesma forma como se abriera, a porta se fechara.

Senti algo como uma leve sensação de claustrofobia...

Imediatamente aproximei-me da porta, pensando em encontrar maçaneta para abri-la, mas automaticamente ela se abriu. Aliviado, experimentei me afastar.

A porta se fechou. Aproximei-me. A porta abriu. Assim, aliviado, entendi que a minha aproximação, ou o meu distanciamento, eram a chave da porta.

Examinei o aposento: não havia banheiro, pia, torneira, aparelhos sanitários. Ao constatar isso, "lembrei-me" que há tempos não tinha tido sintomas de necessidades fisiológicas. Não deu outra: no mesmo instante as tais necessidades se manifestaram em mim...

Preocupe-me. *Como satisfazê-las?*

À medida que pensava nisso, mais as preocupações aumentaram.

E com elas, as necessidades também...

Mas, assim que tive esse pensamento algo fantástico aconteceu: um banheiro completo, com tais aparelhos surgiu do nada, fazendo com que a suíte se tornasse mais ampla.

Diante daquela visão minha preocupação cessou e as necessidades também sumiram. E com elas, as instalações para higiene pessoal.

Embora desnecessário, confirmei efusivamente que aquilo que eu pensava acontecia!

Decidi fazer um, ou melhor, alguns testes: lembrando-me dos meus tempos de estudante, pensei numa cadeira e não demorou lá estava minha cadeira predileta, dos meus velhos tempos de aluno no curso de medicina; pensei num sanduíche de queijo, passado numa chapa, com um pouquinho de orégãos e folhinhas tenras de hortelã e não é que "o ar", como diligente garçom, logo me ofertou um daqueles apetitosos lanches, ainda como dos meus tempos de estudante? O agradabilíssimo perfume da hortelã invadiu todo o aposento. Não o lanchei, até porque não estava com fome...

O sanduíche e o perfume da hortelã desapareceram...

Outra dedução: as coisas que eu pensava se materializavam, mas não exatamente como eu pensava na atualidade, mas sim, como as lembranças foram impressas em minha memória, nas primeiras vezes.

Relembrei que dos meus estudos espíritas sobre o "laboratório do mundo invisível", do qual os Espíritos conseguem materializar aquilo em que pensam, desde que com enérgica concentração mental. E que a maioria dessas "construções" é temporária.

Num terceiro e derradeiro teste, pensei em mamãe...

Oh! Que surpresa maravilhosa!

A face de mamãe surgiu no ar, no alto do aposento!

Claramente aquela era uma imagem ubíqua, parcial, mas com toda a aparência de com vida!

Com semblante ligeiramente de repreensão, ouvi:

— Filho: as bênçãos divinas colocadas à nossa disposição pela caridade do Pai não se prestam a experimentos, a dúvidas... Utilize-as somente quando necessárias e de preferência a benefício do próximo. Muita paz!

A imagem se desfez.

Em algum ponto do Universo minha mãe recebera meu pensamento e falara comigo, em resposta, tudo instantaneamente!

Reconhecendo minha imprudência, prometi a mim mesmo que faria o máximo esforço, dali em diante, em só "construir" aquilo que de alguma forma fosse de proveito. De preferência, proveito para o próximo. E só "falar" com mamãe, quando oportuno.

Fiz fervorosa prece de gratidão a Deus por tantas bênçãos recebidas.

A prece acalmou-me. Fui até a janela e embevecido fiquei longo tempo contemplando a maravilhosa paisagem exterior.

Comecei a pensar em tudo o que me acontecera até ali.

Com a mente fervilhando com tantas e fantásticas descobertas sobre aquele mundo, senti cansaço mental e sono. Bastou pensar em dormir e surgiu à minha frente um grosso acolchoado, no qual me deitei e imediatamente adormeci. Sem sonhos.

Acordei com o inconfundível e agradabilíssimo som do canto do sabiá, quase parecendo que eram muitos e trinavam na minha janela.

Pensei: *Sabiás! Aqui também existem e cantam como lá na Terra!*

Levantei-me. O acolchoado se desfez no ar. E, para meu espanto vi que não tinha cama ou estrado sustentando-o à meia altura. Na verdade, eu dormira num edredom flutuante.

Desconhecia por completo quanto tempo fiquei adormecido.

Mas, como sabiás cantam no fim da madrugada imaginei que o dia estava amanhecendo...

Acostumado "há séculos" a fazer uma pequena higiene matinal ao levantar da cama, pensei nisso, mas também pensei, em menos de um segundo, que talvez naquele mundo isso não fosse necessário. Até porque se necessário fosse, instalações adequadas "fixas" existiriam no aposento que me foi designado.

De repente me lembrei de que há muito tempo eu não me alimentava, pois o lanche de queijo, perfumado de hortelã que imaginara não o havia ingerido, no entanto ele sumira. Mas agora era diferente, eu havia

feito uma longa viagem, havia conversado um pouco com Augustiel e depois fui para meu quarto, onde dormi.

Quanto tempo durou tudo isso? — pensei.

Augustiel dissera “ontem” que teria alegria em acompanhar-me. Então decidi ir procurá-lo, para minhas primeiras visitas. Aproximei-me da porta e ela se abriu. Saí e ela se fechou. A tal esteira rolante levou-me para a porta de saída do prédio.

Quando deixei o prédio senti uma profunda sensação de solidão, vendo tantas pessoas na avenida, sempre umas andando e outras deslizando, algumas sós, outras com companhia. Um detalhe intrigou-me: todas essas pessoas olharam-me com bondade e me cumprimentaram. Não disseram “bom dia”, como eu esperava, pois tendo acabado de acordar, imaginei que fosse de manhã. Apenas dirigiam-me um olhar amigo e erguiam a mão, levemente.

Obviamente, eram desconhecidas para mim, mas decididamente educadas e fraternais. Todas!

Sim, pensei, sou um estranho neste mundo tão distante da minha querida e amada Terra. Pensando nisso lágrimas recheadas de saudade rolaram pelas minhas faces.

As palmeiras, ainda e talvez até mais, beijavam-se delicadamente.

Os sabiás prosseguiram gorjeando.

Numa fração de segundo veio-me à memória uma poesia dos meus primeiros tempos infantis de estudante, há tantos e tantos tempos, de autoria de Antônio Gonçalves Dias (1823-1864):

Canção do exílio
- De *Primeiros cantos* (1847) –
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;

— Ângelo, Ângelo, não se entregue às angústias e às cismas da saudade. Você não é um desconhecido aqui, muito menos ficará solitário. Praticamente todas as pessoas que vê nessa avenida residem nos arredores e são conhecidas, umas das outras. Assim, vendo-o pela primeira vez, demonstraram amizade.

Era Augustiel que, sem que eu percebesse, aproximou-se e bondosamente me abraçou.

Baluciei apenas:

— Bom dia.

— Bom dia. Acompanhe-me num passeio.

A passos calmos fomos andando pela avenida.

Um imenso encantamento se apossou de minha alma quando meus olhos voltaram a me mostrar os dois (sublimes) sóis sobre o céu de *Terramor...*

Na hora lembrei-me de uma belíssima metáfora de Michelângelo, quando o imortal pintor, escultor, arquiteto e poeta italiano (1475-1564) exclamou: *O Sol é a sombra de Deus!*

Não consegui superar a vontade de louvar ao Supremo Criador e dessa vez, apropriando-me indevida e pobrememente daquela metáfora, mas imbuído de um grande amor e gratidão ao Pai exclamei, por minha vez: *Júpiter é a sombra do Sol!*

Augustiel, visivelmente emocionado também, nada disse. Mas sua alma demonstrava forte emoção, do que a luz em seu tórax dava conta. Não consegui por muito tempo compreender como é que eu, simples terráqueo, consegui emocionar Espírito tão elevado... Só hoje me dou conta de que a emoção, minha e dele, deveu-se à Grandeza de Deus...

Ele recomendou:

— Se depois de observar os acontecimentos você não obtiver explicações para eles, terei prazer em esclarecer-lhe o que queira saber. Outra vez recebia recomendação de mais observar e menos perguntar.

Augustiel voltou:

— Inicialmente vou adiantar alguns detalhes deste mundo. Nosso dia não acompanha o dia de Júpiter; lá, a duração aproximada é de dez horas terrestres, já o dia sideral de *Europa*, relativamente à Terra dura cerca de três dias e meio²³, isto é, bem diferente do dia de Júpiter.

Essa me pegou desprevenido. Inquiri:

— O quê? O dia aqui dura três dias e meio do dia terreno?

— Sim. E o ano em Júpiter tem a duração de quase doze anos terrestres²⁴. Vou me expressar segundo a medição cronológica terrena, para facilitar sua compreensão inicial sobre este mundo: você chegou ao amanhecer deste dia, quando havia amanhecido há vinte horas; durante dez horas você esteve dormindo. Em mais ou menos trinta e três horas

²³ *Europa* – duração do dia sideral: 3 dias, 13 horas, 13 minutos e 42 segundos (rotação síncrona) – Nota da Wikipédia, a enciclopédia livre da internet

²⁴ Júpiter - duração do ano: 11,86 anos terrestres; duração do dia: 9 horas, 50 minutos e 33 segundos terrestres (no equador) – Nota da Wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

aqui anoitecerá. E depois, em cerca de vinte e duas horas ocorrerá um novo amanhecer.

Logo acrescentou:

— Ângelo, entenda que em *Europa* não temos relógios. O tempo aqui tem outra contagem, diferente à da Terra. O que posso adiantar é que será simples para você entender isso, desde que considerando que nossos dias são mais longos do que na Terra e os anos duram muito mais.

— Deixe ver se entendi: o dia dura cerca de oitenta e cinco horas, divididos em dois períodos — diurno e noturno; o primeiro dura cerca de sessenta horas e o segundo, as outras vinte e cinco. É isso?

— É mais ou menos isso. Sua matemática não arranha a realidade. Tanto o Sol quanto Júpiter fornecem claridade.

— Júpiter é esplendoroso, parece quase um sol...

— Astronomicamente falando, Júpiter é o único planeta do nosso sistema solar que irradia mais calor do que recebe, sim, do Sol. Por isso, essa irradiação tem características específicas de luz e calor. Reflita que a camada de gelo de *Europa* funciona como filtro dos raios solares e irradiador da luz a se expandir por todo este mundo.

Adiantou outra informação surpreendente:

— A claridade que Júpiter oferta tem muito a ver com os três anéis que o circundam e captam mais e mais luz solar.

Ante meu assombro diante de tudo que ouvia Augustiel fez silêncio obsequioso à minha mente. Depois de algum tempo, voltou:

— Assim, aqui não há metade do planeta dormindo e outra metade em vigília, como lá na Terra. Em *Europa* pequena parte da humanidade está dormindo e a maior parte está na vigília. Segundo a movimentação orbital de Júpiter, conjugada com a do Sol, a claridade que nos enviam cessam em pequena parcela do dia induzindo, também pequena parcela da nossa humanidade a dormir.

Possibilitando-me assimilar o que informava, fez pausa e a seguir continuou:

— Explicando melhor: dormimos por cerca de oito a dez horas diárias, mas não todos ao mesmo tempo. Sendo noite, ora a posição do Sol, ora a de Júpiter, ora as duas conjugadas, deixam parte de *Europa* sem luz, a não ser a das estrelas, também por no máximo oito a dez horas diárias. Essa característica é de fundamental importância para o entrelaçamento entre os habitantes, pois no ciclo diurno, com claridade plena e majoritário, vivem coletivamente as outras partes da nossa

humanidade, na vigília. Isso facilita as comunicações e todas as demais atividades planetárias.

Eu estava abismado com essa diversidade. Leis naturais, particularmente as astronômicas, fazem emergir em quem conhece algumas delas a grandeza da Criação e a sabedoria de Deus!

Aí, sentindo-me um pouquinho — só um pouquinho — à vontade, emergiu o “velho Ângelo perguntador”:

— Perdoe-me uma pergunta: em que ano estamos aqui, relativamente à Terra?

— No ano de 2960.

Pensei: *Meu Deus! Hibernei por mais de nove séculos?*

Não tem jeito: precisava fazer um montão de perguntas, para as quais eu não teria nenhuma condição de observar para deduzir. Queria explicações relativas a uma viagem de cerca de seiscentos milhões de quilômetros; se deixei a Terra no ano de 2051, como aqui já são 2960? Quais as características do veículo que nos trouxera? Que combustível era esse que dava essa incrível velocidade? Como é que não vi um único instrumento, nem painel de controle no veículo? Quanto tempo demorara essa incrível viagem?

E por aí vai...

Augustiel respondeu-me calmamente:

— É verdade, você não teria condições de dirimir tais dúvidas. Mas, pela ordem de suas questões, informo que o ano de 2960 é puramente pedagógico, ou seja, é uma projeção comparativa com a Terra e remonta à época em que este corpo celeste iniciou a hospedar inquilinos de vários outros mundos, inclusive dela, a Terra, fato que até hoje acontece. Este mundo tem a civilização com cerca de nove séculos terrenos à frente da civilização terrena. O veículo que trouxe você e os três amigos é uma cápsula que se desmaterializa na partida e se recompõe (rematerializa-se) integralmente na chegada, utilizando uma das propriedades do *ectoplasma sideral*, abundante no cosmos. A velocidade é praticamente incalculável, quase instantânea. O comando para a viagem é inteiramente feito por associação de equipes, uma na origem e outra no destino. Quanto ao tempo de viagem, vocês vieram da Terra aqui em pouco mais de três horas. Ao adentrarem na psicofera joviana, até a aproximação de *Europa*, a viagem não demandou mais do que alguns instantes. Porém, de Júpiter até aqui, o percurso demandou quase três horas, proporcionando-lhe condições fluídicas no perispírito adequadas à vida neste mundo, condições essas

que você vivenciará só durante sua permanência nele. Espíritos elevados daqui, que têm essa especialidade, utilizaram intermediação de Marcelyus, Frankov e Stella e supervisionaram a viagem. Quando retornar à Terra, o que foi feito em seu perispírito na vinda, será da mesma forma feito reversamente.

Comentou, com jovialidade:

— Como vê, Ângelo, agora você tem um bônus temporário, dando-lhe condições de bem desempenhar sua tarefa. Esse bônus vale apenas para utilização na sua permanência neste mundo, acrescentando-lhe maior acuidade mental, além de energias diferenciadas, perispirituais.

No mesmo instante lembrei-me de que estudara na faculdade de medicina, dentre tantos e abençoados aprendizados, um sobre a mente e o *Pensamento Criador*, de Deus²⁵:

No Plano Maior, o Fluido Elementar, também chamado "Hálito Divino" é a base que mantém a associação, na respectiva forma, de tudo o que há em todo o Cosmo. O elétron é elemento atômico essencial (corpúsculo-base) nas modificações materiais em todo o Universo, cujas forças dinâmicas exprimem o Pensamento de Deus, o Criador! A essa bênção incorpora-se outra, a matéria mental, permanentemente dinâmica, que temos e com a qual plasmamos o que precisamos e a seguir utilizamos. A Suprema Sabedoria tem recursos infinitos que desconhecemos, administrando sistemas e formas, tanto no micro, quanto no macro cósmico. A inteligência desponta neste cenário de bênçãos com a faculdade de ser co-criadora, valendo-se daquilo que o seu meio ambiente lhe proporciona.

Concluí, recordando ainda uma vez:

— *Allan Kardec registrou as respostas de Espíritos elevados que definiram com extrema simplicidade, sobre o "Laboratório do Mundo Invisível", que tem matéria prima para edificar mentalizações.*

Augustiel fez um pequeno movimento de cabeça, aprovando o que lembrei. Da minha parte, mentalizei as informações que ele me dera e procurei memorizá-las.

Augustiel acompanhou minhas reflexões e só alguns minutos após retomou:

— Eu e muitos outros daqui, egressos da Terra não faz muito tempo, quando aqui chegamos ficamos maravilhados com este mundo. Os que

²⁵ *In: "Mecanismos da Mediunidade", A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. IV (Matéria Mental), p.43, 9ª Ed., 1986, FEB, RJ/RJ.*

nos antecederam, não se sabe desde quando, houveram por bem denominar *Europa* de *Terramor*. Até hoje não se sabe se a intenção foi associar duas palavras — terra + amor —, ou: terra + mor (esta, significando “terra maior”, no sentido moral)... Ou ambas.

— A propósito: quando você diz “eu e muitos outros daqui”, quantos habitantes tem essa humanidade?

— Habitam em *Europa* cerca de cinquenta milhões de Espíritos, sendo metade no plano espiritual e metade no material. No plano físico existem quase duzentas cidades, cada uma com uma população média de cem a cento e cinquenta/mil habitantes. As cidades são semelhantes em praticamente tudo.

Augustiel, com sua aparência sempre amiga e jovial, conquanto seus prováveis setenta e poucos anos, após olhar-me fraternalmente retomou:

— Como disse, *Terramor* é o nome dado talvez pelos primeiros humanos que aqui chegaram após conquistarem a bênção de habitar num mundo de regeneração²⁶. Isso, há cerca de vinte e nove séculos terrestres. Desde então, periodicamente têm sido transferidos para cá outros humanos. Eu, por exemplo, não faz muito tempo que aqui estou.

E retomou:

— Os moradores daqui, tanto quanto na Terra e em infinitos outros mundos, somos temporários, isto é, *Terramor* não será o destino derradeiro de nenhum de seus habitantes.

Acentuou:

— Tudo o que Deus cria é abençoado. Os mundos, por exemplo, alguns bens diferentes uns dos outros, de forma alguma poderíamos estabelecer comparações, pois tudo na Criação tem um objetivo. A Terra, por exemplo, serve de berço para bilhões de seres, a partir da sua criação pela Perfeição Absoluta, nosso Pai. E lá, para os seres galgarem ao reino da inteligência contínua o espaço de tempo é longo, muito longo...

²⁶ Mundo de regeneração: Segundo Allan Kardec (1804-1869), Codificador do Espiritismo, trata-se de um mundo de transição, onde a alma penitente encontra nele a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Em todas as frentes (dos seus habitantes) vê-se escrita a palavra amor. Perfeita equidade preside as relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis. Embora ainda haja provas a suportar, porém sem as pungentes angústias da expiação. Em síntese: predominância do bem sobre o mal.

(Vide detalhes em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, Cap. 3, item 17).

— Sim, Augustiel, recordo-me de que em meus aprendizados sobre a evolução, aprendi que o *princípio inteligente*²⁷ leva, em média, cerca de um bilhão e meio de anos para alcançar o reino hominal²⁸.

— Em *Europa* a permanência de vida é muito diferente à da Terra: aqui é o próprio ser que, ao adquirir maior bagagem moral, perceberá se já reúne condições de pleitear transferência para outra “morada divina”, em busca da continuidade de evolução.

Sempre em passos calmos, observando as graciosas construções, algumas coletivas e outras para residências, ouvi Augustiel continuar:

— *Terramor* é um mundo tranquilo, habitado por Espíritos remanescentes de vários corpos celestes. Os que aqui habitam, modo geral, têm formação espiritual bastante aproximada da homogeneidade. Não temos estrutura política, apenas um conselho de sábios governa este mundo e designa encarregados, tanto para os assuntos morais da vida quanto os orgânicos, para a existência física (como encarnados), que por aqui dura em média entre cem e cento e cinquenta anos.

— Então, todos que habitam aqui — cinquenta milhões, como você disse — são bons?

— A humanidade de *Europa* é composta de Espíritos de vários graus de evolução. Todos vivemos em calma e temos repouso adequado para nossas fadigas, remanescentes de vidas anteriores em mundos menos desenvolvidos. Aqui o sexo é considerado sagrado, realizado sempre em sublime comunhão, colocando a paz, a compreensão e a harmonia — o amor, enfim —, acima da paixão. Não diria que aqui inexistente paixão, há sim, mas é comparável à alvorada, trazendo claridade no fim de uma noite calma. Assim como a compaixão antecede à caridade, a paixão antecede ao amor.

Entendi e gostei da metáfora de Augustiel: “a paixão é como a claridade da alvorada no fim de uma noite calma”... Isso significando que quem

²⁷ Princípio Inteligente: é a origem da criação divina de cada ser vivo terrestre, que irá estagiar nos reinos inferiores, finalmente no hominal. Concluído por esforço próprio o ciclo de evolução terrena, o Espírito será transferido para outros mundos, onde a vida é até mais estuante do que na Terra, só que em clima de fraternidade, sem as perturbações terrenas. *Europa*, assim chamada uma das quatro grandes luas do planeta Júpiter, é um desses mundos (apenas para fins da narrativa imaginária desta obra) nos quais habitam Espíritos regenerados...

²⁸ *In*: “Evolução em Dois Mundos”, A.Luiz/F.Xavier-W.Vieira, 1ª Parte, Item VI, p.53, 11ª Ed., 1989, FEB, RJ/RJ.

ainda não está apaixonado dorme na noite calma e ao se apaixonar acorda tendo o amor como luz em sua vida...

Augustiel aduziu:

— Paixões, quando não domadas pela razão e respeito às Leis de Deus, trazem as desventuras experimentadas por quem se entrega aos desvarios da irresponsabilidade — emoções e sentimentos sem o freio do respeito à Vida, sagrado inibidor das enganosas sensações do sexo sem amor.

Meditou um pouco, como me dando tempo para pensar bem como o amor em *Terramor* é vivenciado...

Augustiel não deixava qualquer dúvida quanto à integridade moral e a bondade que irradiavam de suas expressões e palavras.

Em nenhum momento ele tocou num ponto sensível que por repetidas vezes me acometera, relativamente a Stella: a imagem dela ocupou espaço no meu coração desde o primeiro momento em que a vi e isso me obrigava a um sobre-esforço mental, para não cair na vala dos desenganos, a que Augustiel acabara de se referir...

Com efeito, no jardim da minha alma uma flor de sublime perfume — o do amor — vinha sendo irrigada pelos mais puros sentimentos que brotaram do meu coração. *Mas, o que ela sentia a meu respeito?*

Lembrei-me de uma frase atribuída a Michelangelo Buonarroti, escultor, pintor, arquiteto e poeta italiano (1475-1564): *O amor é a asa veloz que Deus deu à alma para que ela voe até o céu.*

Sem resposta quanto aos sentimentos dela, meditei na minha triste realidade: viajar pelo espaço infinito e mesmo que viajasse *cem vezes* mais alto ainda não chegaria ao céu, se Stella não fosse comigo.

Naquele momento, essa resposta pareceu-me mil vezes mais longe de mim do que a distância na viagem que fizera até aquele mundo.

Então, consciente da responsabilidade da tarefa que me trouxera de tão longe, repreendi-me com a fortaleza da vontade e da prece, essas abençoadas ferramentas das quais se vale o Espírito para superar contingências que podem gerar tormento: *Jesus esteja comigo e que eu seja merecedor de estar com Ele.*

Augustiel, que claramente “lera” meus pensamentos, filosofou:

— Não mergulhe seus sentimentos no mar das dúvidas, sem o escafandro da fé, nem acelere as coisas do coração, pois o Amor vibra no ritmo divino de sublimação da vida.

Continuou falando da humanidade de *Europa*:

— Orgulho, vaidade e ódio não encontram guarida em praticamente nenhuma alma europeana. Respondendo sua pergunta “se todos somos bons”, eu diria, em síntese, que nos esforçamos em melhorar nosso comportamento moral, obedecendo às Leis de Deus, insculpidas em nossa consciência.

Quase as mesmas palavras de Campos para a mesma pergunta...

Augustiel olhou-me com bastante compreensão e quase poderia jurar que captei alguma compaixão quando declarou:

— Para que você compreenda bem essa verdade e possa repassá-la, necessário será destacar que, modo geral, fundamentalmente todos os europeanos são aqueles Espíritos que conquistaram, por mérito individual, aqui residirem. Isso graças ao esforço próprio da autorreforma moral, que é a característica de todos, sem exceção. Excepcionalmente ocorre um que outro deslize, e mesmo assim, quando isso acontece, envolve sentimentos, emoções íntimas, nunca atos violentos, fraudes ou vingança. Não há santos entre nós, no sentido de Espíritos puros. Todos ainda temos “contas a pagar”, no nosso acervo existencial. Uns mais, outros menos...

— Quando ocorre um desses deslizes, gerando “contas a pagar”, como você se refere, de que forma acontece a devida quitação?

Agora, com tristeza asseverou:

— Raros são os que vez ou outra não conseguem se manter alinhados às Leis de Deus e eventualmente sucumbem a uma ou outra tentação, fruto de alguma má tendência ainda não de todo extirpada do seu pensamento, ou de suas ações. Aí, reconhecendo o deslize, eles próprios requerem uma forma construtiva de reparação, seja com afastamento daqui, indo a estágio em mundo transitório, ou, às vezes, existência em mundos mais atrasados, até que sob provas e expiação eliminarão tal fraqueza, a qual, vencida, significará conquista da bênção do retorno.

— E, ao contrário, como se verifica maior progresso para os europeanos que já conquistaram maior elevação moral?

— Sob duas alternativas: na primeira, existência missionária em mundos atrasados, para ali ajudar o progresso de suas respectivas humanidades; na segunda alternativa, considere que Júpiter mantém sob custódia sideral dezenas de outros mundos, de tamanhos bem menores do que os quatro que Galileu observou. É nestes pequenos mundos, que existem “postos de reflexão, de aperfeiçoamento”, para todos os que quiserem alcançar mais evolução. Estes postos foram

indicados por Allan Kardec, em um dos seus preciosos textos, denominando-os de “Mundos Transitórios”²⁹.

De fato, lembrei-me das lições aprendidas nos livros de Allan Kardec, tratando desses mundos, voluntariamente escolhidos como moradia por Espíritos que buscam depuração espiritual. Os que lá estão não precisam de nada, pois ali não há vida física, apenas convivência com outros Espíritos, como se estivessem num acampamento, em repouso e em busca de maior instrução. Com suas reflexões, em clima de grande calma, revigoram a disposição na aquisição de mais FÉ e maior disposição consciente/subconsciente para a prática da CARIDADE. Esses heróis da boa vontade sabem que virtudes não são ensinadas, pois constituem tarefa de aquisição individual. E que o ideal é que sua prática deve ser em tempo integral, ou quase integral, na vivência, no dia a dia, principalmente com ações espontâneas. Essa a sua busca heroica nesse “retiro”.

Perguntei:

— A maioria dos europeanos é remanescente da Terra?

— Não tenho como responder, dado que o anonimato é a tônica por aqui, considerando que o passado de cada um é da responsabilidade e interesse apenas dele. Sei que assim como eu, são muitos os que vieram, no entanto, a população de *Terramor* é composta também de “gente” de outros planetas e isso não apenas do nosso velho e tão querido sistema solar.

— Como é o plano espiritual daqui?

— Em vaga comparação entre a Terra e *Europa*, sabemos que alguns estudiosos terráqueos, espiritualistas, classificaram o plano espiritual do seu planeta em sete esferas astrais, a primeira já a partir da subcrosta terrestre e as outras seis, acima, formando a psicofera terrestre. Nesse padrão, em *Europa* outra será a classificação, para adequar o entendimento terrestre. Temos apenas uma esfera espiritual, a partir da camada gelada indo até pequeno espaço aéreo.

Considerarei muito importante essa informação, bem diferente da realidade terrena.

Antes de prosseguir, Augustiel julgou oportuno esclarecer:

— A esfera espiritual de *Europa*, como disse, parte do revestimento gelado até pouca altura; essa pouca altura se depreende da psicofera joviana, essa de imensas proporções, vindo até quase o teto da nossa,

²⁹ *In*: “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec, Parte segunda, questões 234 e 235.

sem trespassá-la. A psicofera joviana assim se comporta com todos os demais corpos celestes que tem cativos em sua fantástica órbita ao redor do Sol, demonstrando-nos como a Sabedoria do Criador a tudo provê, pois sendo respeitadas as respectivas psicoferas, cada mundo terá a sua no grau de evolução a que humanidade dali a conduzir.

Logo Augustiel explicou:

— Para efeito de entendimento puramente pedagógico, vamos adiantar alguns detalhes sobre os Espíritos encarnados e desencarnados de *Europa*: na esfera espiritual estão os Espíritos desencarnados, havendo entre eles os sábios que governam *Europa* e os demais, com provas ainda a superar, até ascenderem a mundos mais felizes. Anote que quando cito "sábios", não me refiro exclusivamente aos que têm conhecimentos elevados, mas sim, os que integralizam sabedoria com o amor ao próximo. São muitas as atividades dos sábios nessa esfera: alguns se ocupam do arquivo existencial de nossa humanidade; suas faculdades lhes facultam acesso instantâneo à situação de cada um dos que habitam ou visitam este planeta, conhecendo-lhes detalhes de personalidade, débito e crédito perante as Leis de Deus; outros, além de programar as próprias reencarnações, programam também as dos demais europeanos. Invariavelmente agem pensando no bem dos outros. Na média, a permanência da maioria dos Espíritos nesta esfera é curta. Logo reencarnam.

Dando-me tempo para assimilar tão importantes esclarecimentos, depois de prolongada pausa Augustiel volveu:

— São bondosos habitantes dessa esfera que definem a oportunidade de alguns de nós que, individualmente ou em grupo, voluntária e caridosamente, se apresentem para visita de uma existência em mundos onde sejam utilíssimos, ou mesmo para reencontro com amigadas não esquecidas, que lá ainda estejam e necessitem de amparo...

Deu tempo para que eu meditasse profundamente nessa informação, o que fiz relembando tantos benfeitores terrestres.

O amigo prosseguiu:

— Entre os sábios encontram-se geneticistas espirituais altamente especializados na adequação perispiritual dos componentes desses grupos voluntários, pois seus perispíritos precisam ficar compatíveis com os dos mundos que visitarão. Não se tratando apenas de visita, mas sim de uma existência inteira, são ainda esses sábios que trocam os perispíritos desses voluntários, concedendo-lhes nova vestimenta que

irá orientar a composição orgânica que usarão no mundo em que caridosamente estagiarão.

Acrescentou um interessantíssimo detalhe:

— Esses mesmos cientistas cuidam também da meticulosa adequação morfológica e genética dos animais que para aqui são encaminhados por Entidades Angelicais. Após, referidos animais, retornam para mundos onde prosseguirão trilhando a sagrada fieira evolutiva a que todo ser vivo percorre, do átomo ao arcanjo.

E aduziu:

— Quase sempre, nesses casos, para situar exemplos na Terra, esses animais renascerão lá, muitos, como humanoides, sinalizando para eles que o porvir da inteligência contínua está mais próximo...

Concedeu-me instantes para novas reflexões. Logo retomou:

— Os sábios transitam livremente na esfera astral ou na parte sólida, segundo seus objetivos de apoio. Por vezes reencarnam e realizam grandes feitos, sempre filantrópicos ou pedagógicos. Mantêm contato com outros mundos em nível superior de elevação espiritual.

Mais pausa para que eu pudesse aquilatar o que era informado.

A seguir informou sobre os Espíritos encarnados:

— Sob tutela da esfera espiritual estão os Espíritos encarnados de *Europa*, incluindo os visitantes de outros mundos, que sempre os há por aqui. Você é um deles...

Seguiu, após esse momento de humor:

— Aqui há os que se apresentam voluntários para, em Espírito ajudar outros mundos, como já me referi, individualmente ou em grupo. Às vezes, para a referida ajuda até existências físicas repetidas, são solicitadas e eventualmente autorizadas. A aprovação final é da competência dos Espíritos sábios, que homologam ou retificam partes das atividades que serão levadas a efeito.

Sempre concedendo silêncios para que eu sedimentasse mentalmente tão importantes esclarecimentos, Augustiel retomou:

— Todos os habitantes de *Europa* temos ainda algumas provas e expiações, contudo sem os sofrimentos e angústias de mundos ainda sem essa bênção.

Pensei: *dizer "mundos ainda sem essa bênção" foi caridosa cortesia de Augustiel para não dizer "como na Terra..."*

Ele sorriu, captando meu pensamento. Seguiu:

— Aqui, resgates por expiações representam pequenos sofrimentos físicos, que geralmente não duram toda a existência, e sim, pouco

tempo. Por exemplo, uns ficam temporariamente com dificuldades visuais, outros sentem pequenas dores, alguns mais ficam incapacitados, tudo isso, repito, por breves períodos. Esgotada a expiação, sem murmúrios, sem lamentações, com resignação e fé na Justiça Divina, logo retomam a normalidade.

Falou sobre as provas:

— São puramente de consciência. Cessam diante da autoconscientização e das respectivas providências reparadoras, com ações morais inversas às que deram origem à provação.

Comentou sobre os trabalhos físicos:

— Na esfera física, os encarnados — onde estamos —, naturalmente, cuidam da própria manutenção física e colaboram com a logística planetária, particularmente a captação e distribuição da eletricidade que, em *Europa* tem particularidades de uso bem mais especializadas do que as da Terra. Esses cuidadores agem também nos suprimentos: armazenamento do que é produzido e posterior atendimento às necessidades dos lares europeanos. Dedicam-se também a atividades intelectuais, sempre com foco nas Leis de Deus.

Completou o ciclo de informação das esferas europeanas:

— Nesta esfera muitos se dedicam a trabalhos manuais de plantação e colheita de pequenas lavouras e plantas frutíferas e as de emprego medicinal. Em muitas dessas atividades são esplendidamente auxiliados por animais, inteiramente dóceis e dedicados, os quais eles protegem e instruem, com respeito e amor.

Fiquei embevecido: realmente *Terramor* era um mundo encantador!

Meditei: *será com minha melhor possibilidade que espalharei aos "quatro ventos e aos quatro cantos do mundo" as bênçãos de residir num mundo como este, fruto exclusivo de mérito.*

Encerrando o passeio, Augustiel acompanhou-me até meu endereço e com muita bondade aconselhou-me a descansar por algum tempo e que, a seguir, iniciasse as anotações do que vira e ouvira sobre *Europa* naquele primeiro dia.

Convidou, gentil:

— Quando terminar suas anotações, caso esteja disposto, faremos mais passeios.

Claro que concordei, na hora.

Abraçou-me fraternalmente e nos despedimos.

4

Amor, sempre o amor...

De surpresa em surpresa, comecei a me acostumar com os fatos em *Terramor*: dessa vez foi inesperadamente encontrar em meu aposento, cadeira de trabalho e diante dela uma tela aparentemente de cristal, qual uma TV. Inexistentes, quando eu o deixei.

Inexistentes, também, qualquer apetrecho para escrita.

Experimentei a cadeira e simultaneamente constatando que era muito confortável, a tela acendeu. Imaginando o que seria aquele sinal, refleti que só poderia ser para uma finalidade: registrar minhas impressões, meus aprendizados até ali. Que já não eram poucos. Porém, se a tela era algo assim como um monitor de computador, perguntei mentalmente: *onde estão o teclado e o mouse?* Ao mentalizar interrogativamente esses dois acessórios informáticos imaginava que logo se materializariam. Pois não era assim que as coisas aconteciam por ali? Mas, oh! Não dessa vez... No mesmo instante surgiu na tela: *onde estão o teclado e o mouse?*

Desnecessárias explicações: minha pergunta estava na tela...

Foi-me fácil deduzir que não haveria necessidade de digitação de palavras, pois minhas ideias automaticamente seriam registradas na tela.

Sempre cauteloso, prudente, pensei: *obrigado, meu Deus*. Na tela surgiu: *obrigado, meu Deus*.

Refleti, com base nos meus aprendizados, que aquele era um fenômeno de ideoplastia³⁰, o que me causou grande felicidade, pois assim seria muito mais fácil realizar todas as minhas anotações.

Como sugerido por Augustiel, descansei mesmo, debruçando-me na janela e admirando as flores, haurindo seu perfume, embora sem saber por quanto tempo. Ligeira ansiedade me assaltava, para iniciar a

³⁰ Ideoplastia: Consiste na materialização de pensamentos que se exteriorizam em imagens de longa ou de curta duração de acordo com a persistência da onda em que se expressam (*In: "Mecanismos da Mediunidade", A.Luiz/F.C.Xavier-W.Vieira, Cap. XIX [Ideoplastia], p.137, 9ª Ed., 1986, FEB, RJ/RJ*).

elaboração do livro no qual me competia narrar como é a vida em *Europa*.

Confortavelmente instalado, fiz uma prece e iniciei meus registros.

Sei que demorei bastante, pois fiz correções, revisões de frases, pequenas mudanças de conceitos.

Quando por fim dei por anotado tudo o que queria, lembrando-me do manuseio dos computadores, quando em trabalhos escritos ("programas de editores de textos"), ante a inexistência de teclado, onde eu acionaria a(s) tecla(s) "salvar" (deixar o trabalho em segurança), pensei, ou melhor, "conversei" por pensamento com a tela: *por hoje é só, favor salvar o trabalho para quando eu continuar posteriormente, a partir deste ponto*.

Para minha alegria, a tela confirmou: *anotações em segurança*.

Novamente orei ao Mestre Celestial, com gratidão.

Levantei-me da cadeira e a tela apagou.

Deduzi que quando eu me sentasse a tela se acenderia.

Aí fiz um teste: sentei. A tela acendeu. Levantei. A tela apagou.

Fiz outro teste: sentado, pensei: *Louvado seja Deus!* A frase surgiu na tela. Não a salvei, de propósito, para me certificar se só quando eu pensasse em "salvar" meu texto ele seria salvo. Levantei-me e a tela se apagou. Voltei a sentar e a tela acendeu, sem nada escrito. Algo apreensivo pensei: *onde estão minhas anotações?* Para minha tranquilidade, surgiram na tela todas as minhas anotações e no fim delas, em parágrafo, a frase: "Louvado seja Deus!".

Como no meu aposento não havia relógio, aliás, já tinha sido informado sobre a inexistência deles, só percebi que estava anoitecendo porque começou a escurecer.

Pensei: *é hora de dormir*.

Até parece brincadeira de algum mágico, mas ato contínuo, do nada, surgiu o tal edredom flutuante. Acomodei-me nele, confesso que com medo de levar um baita tombo. Como não caí, repreendi-me interiormente: *"estou agindo igualzinho aos Apóstolos que, com medo do mar agitado, acordaram Jesus, que dormia no barco em que estavam..."*³¹.

Como de costume, à hora do descanso noturno, fiz uma oração a Deus, uma das mais fervorosas da minha vida, agradecendo ao Pai pelos momentos que eu estava vivendo.

³¹ Mateus, 8:23-27 (A tempestade acalmada).

Adormeci.

Ao acordar imaginei que era novo dia. Fui para a entrada do prédio e, como prometera, Augustiel estava à porta, esperando-me. Quando o vi, brotou-me um pensamento familiar: *até parece papai, quando eu era criança, e ele me levava para a escola...*

Daquela forma tão impressionante, quanto simples, isto é, de forma mental, Augustiel comentou, também sem sequer abrir a boca, mostrando que captara minha reminiscência:

— *Eu teria a maior honra em ter um filho como você!*

Ao captar o pensamento daquele bondoso protetor, naquele preciso momento, eletrizado, percebi que recebera a bênção de ler pensamentos, agora, de Augustiel. Provavelmente, também dos demais protetores e para emprego apenas durante meu estágio no mundo deles. Mentalmente elevei uma prece a Jesus por mais essa bênção.

Augustiel convidou-me:

— Então, está disposto a uma nova caminhada?

— Sim, e com o maior gosto.

— Sempre que você necessitar de repouso seu aposento irá pouco a pouco escurecendo, automaticamente, induzindo-o a dormir, pois está programado para isso. Como nosso dia vale por mais de três dos lá da Terra é natural que nesse ponto seu metabolismo não se adeque ao nosso. Não obstante, quando anoitecer, você de fato dormirá, em condições similares as da Terra, respeitado seu ciclo circadiano.

Enquanto caminhávamos, foi ouvindo Augustiel, principalmente quando ele falava, ora em voz alta, ora em pensamento, bem como lembrando como Marcelyus, Frankov e Stella assim também se dirigiam a mim que concluí: *em Europa a linguagem utilizada é feita de duas maneiras: a primeira, como na Terra, linguagem articulada, de poucas expressões verbais; a segunda, muito mais eficiente, em circuito mental de imagens plasmadas pelo interlocutor, facilmente apreendidas pelo ouvinte*³².

Captando minha reflexão sobre linguagem, Augustiel indicou a direção de um novo passeio e acentuou:

— No Universo todo, a linguagem tem vários processos. Aqui, podemos falar de duas maneiras: da forma terrena, isto é, utilizando as cordas vocais e aparelho fonador, bem como podemos nos comunicar pela

³² *In: "Evolução em Dois Mundos", A.Luiz/F.C.Xavier-W.Vieira, 2ªParte, II, p.171, 11ªEd., 1989, FEB, RJ/RJ.*

antiga e tão discutida telepatia³³, isto é, transmitindo quadros ou imagens. A segunda forma de comunicação é o sistema mais utilizado por todos aqui, além de ser a mais apropriada que nossos sábios empregam para eventuais comunicações com amigos na Terra e em alguns outros planetas. Assim, nada tem a ver com distância, pequena ou imensa. No caso da Terra, apenas com poucos terráqueos isso é possível. Mas não vai demorar e a Terra desenvolverá esse mesmo tipo de transmissão-recepção direta, isto é, de mente a mente, de um ou muitos mensageiros, para também um ou muitos receptores, seja individualmente, seja em grupo.

Refleti: *Ele confirma que a regeneração da Terra não vai demorar...*

Augustiel acrescentou, com brilho nos olhos:

— Esse processo de comunicação desconhece distâncias... É instantâneo, qualquer que sejam o espaço ou barreiras entre os "interlocutores".

Completo:

— Para sua tranquilidade, devo esclarecer que, quando concluir a missão que o trouxe, você retornará em paz, da mesma forma que estava quando sua mãe o visitou lá no jardim do hospital; porém, se por algum motivo, a qualquer instante quiser retornar, poderá fazê-lo.

— Agradeço sua bondade em me conceder tanta atenção. E, interessante, sobre minha vinda para aqui... Lembro-me, sim, de que há tempos atrás sonhei que assinara um contrato para a realização de um trabalho, do qual ao acordar não me recordava qual seria. Também sonhei com viagem num aparelho redondo, parecendo que eu ia sair da Terra. Claramente está definido que era preparação para minha estada em *Terramor*.

Ao que me lembro, em toda a minha existência terrena, sempre procurei ser absolutamente sincero e objetivo, jamais permitindo que dúvidas repousassem em minha mente. Só tive a lucrar com isso, pois incontáveis situações, que inicialmente poderiam descambar para eventuais constrangimentos, aclararam-se e com isso fiz muitas amizades.

³³ Telepatia: Modernamente, o conceito de receber e enviar mensagens entre pessoas, pelo pensamento, devendo existir um emissor e um ou vários receptores, próximos ou distantes.

Dentro desse padrão comportamental, meditei e orei bastante aos Amigos da Espiritualidade, rogando que me assistissem no que pretendia falar, e principalmente, que fosse o que fosse que ouvisse eu mantivesse equilíbrio para bem desempenhar minha tarefa naquele tão longínquo mundo...

— Augustiel, perdoe-me se incorro em impropriedade, mas preciso clarear meus pensamentos, e mesmo fortalecer minha sincera disposição de bem cumprir o trabalho que me trouxe até seu mundo.

O bondoso guia olhou-me com especial carinho e dessa vez disse em voz mansa e plena de caridade para comigo:

— Querido amigo Ângelo, não se deixe turvar por emoções aparentemente desconstruídas. O Todo Poderoso não abandona nenhum dos Seus filhos, jamais, a todos concedendo a bênção da razão para que esta seja profícua ferramenta dissipando suas dúvidas.

Abraçou-me demoradamente e a seguir prosseguimos nossa caminhada, como que me encorajando a expor o que ia pela minha alma.

Foi, pois, com o peito arfando que consegui falar:

— Visita-me, de todo inesperado e igualmente de forma invencível, um sentimento a que não dei o mínimo azo para que acontecesse... Refiro-me à eclosão súbita do meu amor por Stella, tão forte que não tenho condições de afastar do meu pensamento. Antes de tudo, digo com a força da verdade que em meu coração esse sentimento não tem conotação sensual, o que, de certa forma me conforma, mas até quando, e como administrar esse amor impossível?

Augustiel, sempre exalando tranquilidade, nada disse, encorajando-me assim a prosseguir expondo meus pensamentos.

E prossegui:

— Quando digo "amor impossível", refiro-me à realidade, que me colocou num mundo e ela em outro... Como humano e consciente de minhas multiplicadas limitações temo pelo futuro, recordando que o Mestre Jesus lecionou: "Vigiai e orai para que não entreis em tentação, pois o Espírito está pronto, mas a carne é fraca"³⁴. Asseguro que no meu caso, não é a carne que dita o que me vai pela alma. Mas... Até quando? E o pior: em breve retornarei para o meu mundo, separado deste por milhões e milhões de quilômetros...

Como aquele bondoso Espírito me induzisse a dizer mais o que me ia pela alma, concluí:

³⁴ Mateus – 26.41.

— Ressalto que não cometeria o desatino de embarçar Stella e a mim, declarando-me a ela. Não bastasse a responsabilidade que tenho pela minha tarefa aqui, eu incorreria em grave demonstração de ausência de fé no Amor de Deus. E isso, jamais!

Semblante sereno e paternal, Augustiel assegurou:

— Em primeiro lugar, caro irmão e amigo, agradeço sua confiança e louvo a sinceridade que transcende de suas palavras. Conquanto desnecessário, apenas no contato de um único dia noto bem que foi abençoada a escolha para que fosse você a nos visitar. Se você me permitir, tecerei reflexões modestas sobre o que explanou.

— Será uma caridade, pelo que já lhe dou gratidão.

— Gosto muito quando você cita as lições do Divino Mestre, que é o Cristo de Deus, o que faz com que o patamar das ideias seja extremamente elevado. Aliás, os ensinamentos de Jesus são válidos universalmente, isto é, não são válidos apenas para a humanidade terrena, mas sim, para qualquer mundo do Universo onde existam Espíritos de boa vontade. Dessa forma, vou lembrar outro conselho que Jesus repassou para os Apóstolos, exortando-os a falar abertamente e sem medo sobre a Boa Nova: "Nenhum pardal cai em terra sem o consentimento do vosso Pai! Quanto a vós, até mesmo os vossos cabelos foram todos contados. Não tendes medo, pois valei mais do que muitos pardais"³⁵.

Por essas palavras Augustiel conseguiu aplacar a intensa emoção que naquele momento de confissão tomara conta de mim.

Continuou:

—O Pai olha permanentemente por Seus filhos, não é mesmo?

— Sim!

— Até os pardais são protegidos pelo Divino Poder, não é assim?

— Sim!

— A Contabilidade Celestial tem o número de cabelos de cada criatura humana, não foi o que Jesus afirmou?

— Foi!

— A mim essas afirmações deixam à mostra que o acaso não existe, isto é, nada acontece sem que as Leis Divinas desde sempre regulem os atos da Vida e da Natureza. Concorda?

— Concordo!

³⁵ Mateus - 10-29a31.

— E se tudo se subordina às Leis Divinas, sendo elas perfeitas, imutáveis e válidas para todo o Universo, isso prova que Deus é a inteligência suprema e soberana, infinito em todas as perfeições, soberanamente justo e bom. Penso assim. Você também?

— Eu também!

— Se tudo o que existe é Criação de Deus, necessária e obviamente, o Amor é uma das obras divinas. Correto?

— Sem dúvida!

— O Amor, se posso assim me expressar, figuradamente, “é a mãe” de todas as demais virtudes, o que faz dele a primeira e maior dentre as demais Leis Divinas. Pensa como eu?

— Sem dúvida!

— Ainda falando do Amor, objeto de suas tão sinceras reflexões de há pouco, temos que ele é assim como um sublime leque de infinitas hastes, cada uma delas purificadas e purificadoras quando vivenciadas com e pelo coração. Sua opinião?

— A mesma sua!

— Como são infinitas as hastes do Amor, não há possibilidade de enumerá-las. Não obstante, podemos lembrar que desde que fomos criados, paira permanentemente sobre todos nós o Amor do Criador. Quando a criatura ingressa no reino da razão, aí bom será que seu coração manifeste amor a Deus, louvando-O com gratidão. Pela existência, pela Vida e pelas infinitas bênçãos que o Pai derrama sobre Seus filhos. Não sei se você vê dessa forma nossa união com Deus...

— Claro, Augustiel. Você diz exatamente o que sinto por Deus.

— Dentre as citadas infinitas bênçãos, menciono o amor das mães, talvez o primeiro e mais intenso que a Vida oferta, antes mesmo dos filhos nascerem. E aqui não me refiro só aos homens, pois até nos animais reina o amor maternal, bastando citar o amor e proteção que recebem os filhotes de tigres e de jacarés. Para não me alongar, reflitamos agora sobre o sentimento que se destaca dos demais: o amor que une para sempre duas criaturas, duas almas, dois corações, dois sonhos — tudo em união sagrada. O que temos?

— A felicidade. Uma família. Um lar!

— Ponto para Ângelo.

— ?! (*Perplexidade*)

— Considerando que você concordou com tudo que eu disse, concluo que o seu imaculado amor por Stella nada tem de impossível, até porque, acontecimento tão sagrado, não poderia visitar a alma e a

seguir negar-lhe o esplendor que dele emana. Dessa forma, o que ora você sente enquadra-se numa dessas surpresas que a Vida apresenta, qual se a Fé estivesse a buscar uma comprovação. É assim?

— É... Mas...

— Vamos concluir nossas reflexões sobre o Amor comentando sobre outra abençoada criação divina: refiro-me agora ao Tempo — bênção das bênçãos, que em todo o Universo soluciona todo e qualquer problema, de qualquer natureza! Inclusive os problemas do Amor. Você duvida disso?

— De forma alguma! É que...

— Sabendo que não temos apenas uma vida física e que os caminhos da rota evolutiva nos leva a diversos quadrantes — tudo sob supervisão das Leis Divinas —, lógico intuir que muitos foram, são e serão os nossos amores: a cada existência física, pelas muitas mães e pais e irmãos e avós e tios e amigos com os quais vivemos. Mas, elevando-se sobre todos esses amores, um há que se perpetua no tempo: é quando duas almas sintonizam a essência do Amor e juntas caminham por tantas e tantas estradas, em tantos e tantos tempos, em muitos e muitos tempos... Você me acompanha nessas ideias?

— Estou feliz, Augustiel, ouvindo-o. Creio que pouco ou nada mais há a comentar sobre o meu sentimento por Stella. Ia dirigir-lhe uma última pergunta, mas já está respondida. Perguntaria como saber se ela também me ama... Essa é uma resposta que ele, o Tempo, e somente ele poderá me dar, quando Deus permitir.

Augustiel abraçou-me comovidamente.

Estavam encerradas as digressões sobre o amor, motivadas pelo meu nebuloso amor por Stella...

Sentia-me pacificado, não obstante, mais apaixonado...

Uma reflexão de Augustiel, dentre tantas, todas sábias, não me saía da cabeça: *ele dissera que o Tempo soluciona todo e qualquer problema, de qualquer natureza! Inclusive os problemas do Amor. Será que ele sabe algo sobre meu amor por Stella e não quer, ou não pode me dizer?...*

5

Um bandeirante do ano 2960

Com tato e caridade, Augustiel substituiu meu clima mental, prestando forte informação:

— Considero importante você registrar que aqui existe apenas um idioma — o Esperanto³⁶.

— O Esperanto... Zamenhof, que o criou, é europeano?

— Anote bem mais um esclarecimento: nossa humanidade é formada de Espíritos oriundos de diversos mundos. Alguns deixaram em seus mundos grande progresso. Outros, partindo daqui, em missão, visitaram planetas, vivendo uma ou mais existências físicas neles, objetivando exclusivamente levar adiantamento. Não obstante, como norma que fala pela humildade, nem uns, nem outros, se gabam disso e inclusive, na medida do possível, o oculta.

— Gostaria de saber se aqui há necessidade de “alfabetização”, ou os europeanos, numa determinada idade, recordam o que aprenderam até aquela existência?

— Em primeiro lugar, devo informar que aqui a infância não é como na Terra, onde a criança passa pela adolescência e juventude, até atingir a maioridade, além de necessitar quase sempre de mais alguns anos para atingir a maioridade. Em *Europa* a infância é curta e a transição para a maioridade demanda poucos anos, com brevíssimos estágios na adolescência e juventude.

Consolidou o esclarecimento:

— Tanto quanto na Terra, aqui, ainda, os Espíritos não têm conhecimento pleno de suas vidas anteriores, no que diz respeito aos seus relacionamentos com outros Espíritos. Isso constitui inapreciável bênção para nosso progresso. Já quanto aos aprendizados da vida física, esses, os europeanos, não os esquecem, de uma existência para outra, o que proporciona mais tempo para aquisição de novos conhecimentos. Reflita que essa bênção desonera aos pais e professores, os quais,

³⁶ Esperanto: Língua auxiliar internacional, criada em 1887 pelo médico polonês Lázaro Luiz Zamenhof.

assim, podem prioritariamente se dedicar a ministrar educação moral, com base integral nas Leis de Deus.

Interrompeu um pouco o que dizia, mas logo prosseguiu:

— Vez por outra, uma que outra lembrança a respeito do que fizeram de filantropia em outros mundos assoma-lhe à memória e, como disse, sequer comentam com quer que seja. Somente nossos sábios têm pleno conhecimento da trajetória evolutiva, própria e dos que aqui habitam.

Voltando ao Esperanto, comentei:

— Quanto ao Esperanto, estudei-o e conheci a biografia de Zamenhof: um verdadeiro missionário, que paralelamente ao exercício da Medicina, sempre caridosamente, criou o Esperanto, imbuído de semear concórdia mundial e do divino ideal da solidariedade humana. Realmente: um homem exemplar!

— Para eventuais contatos com a Terra, o que acontece entre Espíritos evoluídos, daqui e de lá, não há necessidade de idioma algum, porque o que é transmitido é recebido pela mente. Já no caso da palavra pronunciada, neste mundo, o equipamento cerebral dos europeanos ou seus visitantes tem um decodificador que automaticamente traduz o que é dito ou ouvido, de maneira que quem fala ou ouça, ouve na sua linguagem pátria, ou melhor, planetária.

Aduziu:

— Para que você não se embarace, vou dar um exemplo: o que até agora dialogamos, se eu falasse a um asiático, ele entenderia exatamente o que você entendeu; se fosse um russo, chinês, italiano etc., ainda assim qualquer um deles entenderia da mesma forma.

Fez pequena pausa e continuou:

— Neste mundo a psicofera é toda ela impregnada de intensas propriedades magnéticas, regulando praticamente tudo o que aqui acontece. Quando um de nós conversa com outro, em linguagem articulada ou mental, o que é dito é facilmente captado. Se queremos falar algo para alguém que esteja distante, utilizamos a linguagem mental, que viajando instantaneamente por ondas psicoeletromagnéticas dá o recado ao endereço desejado.

Explicou:

— Aquele que diz, na verdade nada fala, apenas pensa em alguém com quem quer dialogar. Esse alguém, esteja onde estiver, capta essa vibração e responde à fonte, pelos mesmos mecanismos. Os cérebros de cada um dos habitantes daqui possuem um dispositivo, digamos, infinitamente mais aperfeiçoado do que a glândula epífise terrena, que

possibilita essa bênção, de verdadeira antena espiritual, funcionando como transmissora-receptora.

— Estou emocionado. É muita felicidade ver tudo isso que está acontecendo e aprender tantas novidades...

Andamos um pouco em silêncio.

Em êxtase, ia observando a beleza dos prédios, todos térreos como Augustiel asseverara. Extensos jardins, cobertos de relva e floridos, deixavam o ar maravilhosamente perfumado.

Notei que muitas pessoas passeavam, assim como nós. Íamos respondendo aos cumprimentos que nos eram dirigidos, invariavelmente, por todos.

Caminhava meditando em tudo que Augustiel dissera sobre o amor, de forma extremamente pedagógica fazendo-me encontrar as respostas que buscava...

Surpresas, naquele mundo, não deveriam mais me alcançar, ou melhor, para mim não deveriam existir. Contudo, Augustiel reservara para aquele passeio um acontecimento que conduziria minhas emoções a um inesperado quão feliz patamar elevadíssimo, não bastasse o próprio fato de estar num outro mundo...

Convidou-me:

— Caso você queira ver e até mesmo participar de momentos dedicados a lazer mental, podemos visitar um espaço dedicado às artes em geral, que oferta momentos de sensibilidade aos que quiserem.

Aguardei mais alguns detalhes, que logo vieram:

—Temos um grande anfiteatro, e qualquer um de nós, que tiver vontade, poderá adentrar nele e até participar da função do momento. Tudo acontece com muita calma, sem hora para iniciar, nem para terminar. A simples presença de alguém já motiva alguma atividade artística, seja um cantor, um poeta, um pintor, um artesão, bailarinos volitantes — enfim, ali é o lugar ideal para a expressão do belo, seja para os olhos físicos, seja para os do Espírito. Quando termina o ato, individual ou grupal, há momentos de quietude e reflexão, dando tempo para que nova função comece. Só há voluntários.

Fomos caminhando e alguns minutos depois chegamos.

Do lado exterior o prédio era ricamente iluminado, dando-me a impressão de que havia lâmpadas acesas dentro das paredes...

Entramos.

Se de fora havia luz, dentro intensa luminosidade.

Grande salão, com poltronas confortáveis, mais da metade delas ocupadas.

Ao transpor a entrada, percebi claramente que a atmosfera envolveu-me num agradável “banho fluídico”.

Augustiel deixou-me escolher onde assentar, logo ficando ao meu lado.

Um coral de mulheres foi surgindo das duas extremidades do palco, que ao fundo mostrou paisagem noturna de um belíssimo mar, enluarado, no qual um navio chegava... Andando em passos lentos e delicados elas desceram do palco, pelas duas extremidades, reunindo-se após, e passaram a percorrer todo o salão, entoando uma música que já de início deixou-me comovidíssimo: *A bocca chiusa* (À boca fechada), que se ouve no início do terceiro ato da ópera *Madame Butterfly*, de Puccini³⁷.

Aquela não era hora para perguntas.

Podem imaginar minha surpresa, ouvindo a milhões e milhões de quilômetros de distância da Terra, a mesma música que lá também eu embevecidamente já ouvira tantas vezes?

De encantamento em encantamento naquele mundo, pareceu-me que cada uma das cantoras trazia o corpo com iluminação colorida, partindo dos poros minúsculos pontos multicoloridos, que só lentamente esmaeciam, para logo outros pontos surgirem, de outras cores, com magnífico resultado em suas vestes.

Grandioso e inenarrável espetáculo!

O coral foi se aproximando de onde estávamos.

Indescritível felicidade visitou meu coração ao ver que Stella era uma das cantoras. Nossos olhares se cruzaram...

Augustiel pousou a mão sobre meu antebraço, num toque que para mim significou que quando ele me convidou sabia que ela estaria ali.

Stella sorriu-me, linda, linda...

Outras cantoras também sorriam para alguns outros assistentes, indicando familiaridade com eles, talvez amizade, talvez... Amor...

À medida que sorriam para alguém, rápido foco luminoso estabelecia ligação entre cada uma delas, respectivamente com as pessoas contempladas por sua atenção.

³⁷ Esse trecho, considero-o de alta sensibilidade, representando o respeito aos que dormem, motivo pelo qual, segundo o libreto, pescadores no mar cantavam baixinho, de boca fechada, como se romanticamente homenageassem a noite, no caso, uma mulher...

De todos os momentos felizes e áureos naquele mundo, até ali, o que mais me emocionou, elevando minha sensibilidade às alturas, foi quando ganhei o olhar de Stella, qual sonhado presente: ela se iluminou mais e eu fui alcançado como que por um pequeno clarão que não demorou mais que um segundo. Mas que me pareceu uma passagem para viajar nos séculos.

Concluído o canto lírico, cada uma das cantoras dirigiu-se para a plateia, assentando-se, ao que percebi, junto a conhecidos.

Ia aplaudir quando Augustiel, delicadamente me impediu e informou: para aplaudir não há necessidade de gestos ou sons. Observe que, agora, cada assistente fica ligeiramente iluminado, isso significando emoção.

De fato, até eu estava com luz no peito, por coisa de segundos...

Stella veio até onde eu estava e sentou-se ao meu lado.

Nenhuma palavra, nem dela, nem minha.

Falar, naquele momento mágico... O quê? Desnecessário por completo, eis que o silêncio, às vezes, como naquele momento, vale mais que qualquer declaração de sentimentos visitando dois corações...

Sob o influxo amparador de Augustiel consegui manter a calma.

Um novo espetáculo iniciou-se.

Um casal de jovens dirigiu-se ao palco, declamou um poema versando sobre a magnificência da Criação. O interessante era que, ora ele, ora ela, cada um recitava um verso do poema, alternando-se. Foram aplaudidos, também daquela insólita forma europeana. Outro casal assomou ao palco e igualmente declamou novo poema, da mesma forma, isto é, alternando os versos, ora a jovem, ora o companheiro dela.

Os olhares trocados entre os declamadores demonstravam claramente que se amavam — volta e meia suas silhuetas brilhavam...

Nessa minha narração sobre a vida em *Europa*, presenciando e vivenciando surpresas e mais surpresas, não encontrei palavras que me ajudassem a fugir do lugar comum da repetição, com referência aos meus grandes espantos.

Nem de longe poderia suspeitar o que aquela tarde reservara para mim. Imaginei que fosse de tarde, pois, sem relógio, o que podia fazer para me situar era mentalmente calcular quantas horas haviam se passado desde que acordara.

Stella perguntou-me:

— Você conhece algum poema?

Na hora lembrei-me de que horas antes eu reproduzira mentalmente, completo, o poema “Canção do Exílio”.

Mesmo antevendo “algum perigo”, fui sincero:

— Sim.

Sem mais nem menos, pegou na minha mão e num gesto inequívoco levantou-se, convidando-me a segui-la.

Não resisti. Segui-a. Fomos para o palco...

De frente para a plateia, Stella fez um gesto gentil para todos, dizendo:

— Este é nosso amigo Ângelo. Vem de longe nos visitar.

Ouvi, sensibilizadíssimo, um carinhoso: “Seja bem-vindo!” coletivo.

De emoção em emoção até hoje não sei como meu coração aguentou tantas. Mas, então, logo outra materializou aquele perigo que imaginara há pouco: Stella, sem sequer me consultar anunciou:

— Com muito carinho vamos ofertar-lhes um poema lá do mundo dele.

Tive estranha sensação: parecia que o chão começara a tremer, sutilmente... Enganei-me — eu é que já estava tremendo, desde que subira naquele palco.

Brincando com o público Stella informou:

— O poema que vamos declamar se chama *Kanto de l' Ekzilo (Canção do Exílio)*, mas não tem nada a ver com a presença do Ângelo entre nós, pois aqui ele é um querido amigo, mais que isso, um querido irmão.

Notei que desde que chegara naquele estabelecimento foram chegando mais pessoas — maioria, crianças — que logo lotaram o anfiteatro.

O ambiente foi sutilmente invadido por agradabilíssimo fundo musical de violinos tocando o Concerto No. 1 “La Primavera”, da composição “As quatro estações”, do compositor italiano Antonio Lucio Vivaldi (1678-1741).

Stella sussurrou:

— Diga cada verso na sua linguagem e eu a repetirei em Esperanto.

O clima daquele lugar era altamente benéfico, agradável, fato que eu já registrara em mim mesmo, desde que ali adentrara.

Busquei na prece, naquele momento, a única força extra para tão grande cometimento, qual seja, declamar em público. Estou absolutamente convicto de que algum poeta da Espiritualidade, talvez como um dos assistentes invisíveis que poderiam estar ali, apiedado de mim, ouviu meu apelo e me ajudou.

Iniciei, tímido.

Embora eu não tivesse entonação vocal artística, quando proferi as primeiras palavras da poesia ouvi minha própria voz reverberando em todo o recinto.

Ainda contraído, animei-me um pouco quando Stella repetiu o que eu dissera.

A cada verso que eu citava, Stella reproduzia em Esperanto³⁸.

Minha terra tem palmeiras
Mia lando havas palmojn,
 Onde canta o Sabiá;
kie kantas sabia'
 As aves, que aqui gorjeiam,
Birdoj tie ĉi kantantaj,
 Não gorjeiam como lá.
tiel ne belsonas ja.

Nosso céu tem mais estrelas,
Kaj ni havas pli da steloj,
 Nossas várzeas têm mais flores,
Sur herbejoj pli da floroj,
 Nossos bosques têm mais vida,
En arbaro pli da vivo,

Quando cheguei nesse verso a emoção embargou-me a voz.

Pensei: *Como dizer que "minha vida" tem mais amores?*

Certamente Stella percebeu o embaraço da minha alma e socorreu-me em linguagem mental:

— *Diga apenas o que o poeta sentiu...*

Olhando-a embevecido, prossegui com ardor:

Nossa vida mais amores.
pli da amo en la koroj.

³⁸ Versão em esperanto: do livro de Francisco Valdomiro Lorenz (1872-1957), *Diverskolora Bukedeto - Poemoj kaj poemetoj* (Em tradução livre: *Pequeno arranjo multicolorido de flores, ou Ramalhete de diversas cores*) - Editado pela FEB sob o nome de "Poemas e Versos", traduzidos de 40 línguas, p.32, 2ªEd., 1987, FEB, RJ/RJ - Em homenagem ao jubileu centenário do Esperanto,

Em cismar, sozinho, à noite,
Tie nokte solrevante
 Mais prazer eu encontro lá;
Pli da ĝoj' mi trovas ja;
 Minha terra tem palmeiras,
Mia lando havas palmojn,
 Onde canta o Sabiá.
kie kantas sabia'

Minha terra tem primores,
Mia lando ĉarmojn havas,
 Que tais não encontro eu cá;
Kiujn ne trovas ĉi;
 Em cismar –sozinho, à noite–
Tie nokte solrevante
 Mais prazer eu encontro lá;
Pli da ĝoj' mi trovas ja;
 Minha terra tem palmeiras,
Mia lando havas palmojn,
 Onde canta o Sabiá.
Kie kantas sabia'!

Não permita Deus que eu morra,
Di' ne volu, ke mi mortu,
 Sem que eu volte para lá;
Sen reveni tien, ha,
 Sem que desfrute os primores
Sen ekĝui la belaĵojn,
 Que não encontro por cá;
Kiuj ĉi ne estas ja;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Sen revidi la palmarbojn,
 Onde canta o Sabiá.
Kie kantas sabia'.

Quando concluímos o último verso vi que os presentes estavam emocionados e gratos, aplaudindo-nos à moda de *Terramor*, isto é, sem qualquer ruído, mas com seus tórax intensamente brilhantes.

Stella aproximou-se e me abraçou, fraternalmente.

Aconchegado àquela mulher maravilhosa, amor da minha vida, fiquei sem reação. Apenas retribuí o afeto, abraçando-a por minha vez, com o coração aos pulos.

Stella, então, selando aqueles momentos sublimes, beijou-me a face.

A plateia iluminou-se, compreendendo que ali não estavam dois amigos ou declamadores poéticos, amadores, mas na verdade duas criaturas para as quais talvez o futuro as brindasse com o amor recíproco.

Voltamos para nossas poltronas.

Augustiel, também demonstrando alegria, abraçou-me, paternal.

A seguir, em continuação com os atos de arte, pintores estariam produzindo suas obras, sob as vistas dos interessados.

Stella informou que ainda ia permanecer mais algum tempo ali, pois tinha agenda com o coral.

Com Augustiel e eu em silêncio retornamos ao endereço dos meus aposentos. Ao chegarmos ele considerou que era melhor eu entrar e registrar todos aqueles instantes de encantamento.

Bem em frente ao “meu prédio”, embora já noite, por poucos momentos os sabiás gorjearam...

Ante meu espanto ao ouvir aquele inconfundível trinado noturno Augustiel comentou, enigmaticamente para mim:

— Parece que os sabiás estão também aplaudindo e agradecendo sua gentileza de declamar uma poesia citando-os...

Imaginei que ele estava brincando... — *Será?...*

Em apenas um dia em *Europa* eu vivenciara praticamente uma existência inteira. Minha alma transbordava de felicidade, ainda sob a emoção dos intensos momentos vividos há pouco com Stella.

Registrei tudo na “tela amiga”.

Adormeci suavemente.

6

Mundo regenerado

Quando acordei tive a insuperável alegria de ver o nascer do Sol e, ao lado dele, os primeiros contornos do gigante planetário, Júpiter.

A alvorada mais parecia que Deus estava derramando tintas em todo o céu. As cores refletidas na tela celeste de gelo de *Terramor*, mesclando as luzes do Sol e de Júpiter, superavam o também lindíssimo fenômeno terrestre da aurora boreal.

Fiquei à janela, mudo, contemplando tal maravilha da Criação por muitos minutos.

Embevecido, deixei meu aposento.

Stella me aguardava do lado de fora do prédio.

Não consegui disfarçar a imensa alegria que senti ao vê-la.

Cumprimentou-me:

— Bom dia, Ângelo. Augustiel solicitou-me que o acompanhasse hoje.

Não sabia o que dizer. Foi ela quem volveu, convidativa:

— Vamos passear?

Assim dizendo pegou-me a mão.

Por Deus! — pensei —, *isso não está acontecendo...*

Stella olhou-me fixamente e adiantou:

— Andar de mãos dadas estabelece sintonia proveitosa.

No meu caso, foi mais que isso: senti agradabilíssima sensação de felicidade, mas seguida de anseios indefinidos, provocados pelo sentimento da realidade daquele momento venturoso. Pensei na imensa distância “de casa” e o futuro, quase que por certo, ambos impedindo-me sequer sonhar com a concretização do meu amor por Stella...

Foi inescapável imaginar — ao menos imaginar — como seria bom se ela se tornasse minha namorada (linda namorada, aliás...).

Percebendo que eu não tinha “tanta elevação” para ficar de mãos dadas sem pensar em namoro, ela deixou minha mão.

Fiquei aliviado e constrangido, simultaneamente: aliviado porque foi quebrada a fonte de tensão emocional, fruto dos reflexos terrenos sensuais que acontecem em determinadas situações de alguma aproximação ou de pequena intimidade entre um homem e uma mulher;

constrangido porque sabia que ela tinha percebido essas minhas duas emoções, conflitantes entre si.

Nosso passeio, pelo que ela informou, seria em direção a um bosque. Seguimos caminhando, a passo lento, ambos silentes.

Foi ela quem “quebrou o gelo”, com perdão do trocadilho (em se tratando de *Europa*, o “planeta de gelo”):

— Você gosta de livros?

Fui espontâneo:

— Não sei viver sem eles.

— Quais os livros que mais marcaram sua vida?

— Seria difícil nomear muitos, não obstante cito apenas dois.

— Por que marcaram tanto assim?

— Apenas como simples registro lembro-me que fiquei extremamente empolgado com esses dois livros, ofertados por meu pai, quando ingressei no curso de medicina.

— Eram livros de medicina?

— Na verdade, eram muito mais que isso... Escritos no fim do século vinte, demoraram até seu valor ser reconhecido oficialmente, isto é, para que passassem a serem considerados obras indispensáveis aos estudiosos da Vida, o que inclui medicina, sociologia, filosofia e mais que tudo, explicações irrefutáveis da existência do Espírito.

— Quais são esses dois livros?

— São livros que tratam, o primeiro, da *Evolução* dos seres, desde sua criação por Deus, tanto quando encarnados, quanto desencarnados, percorrendo incontáveis experiências em vários reinos, até alcançar os páramos da sabedoria; já o segundo explana cientificamente o sublime sistema de intercâmbio dos encarnados com os desencarnados, e vice-versa, isto é, a *Mediunidade*³⁹.

Prossegui comentando:

— Essas duas abençoadas obras, somente muitos e muitos anos depois de serem editadas tiveram comprovação científica — por enquanto —, da maioria dos conceitos e informações neles constantes. Se o primeiro tratou da evolução, o segundo desvendou como os incomparavelmente refinados sistemas integrados do cérebro humano e do psicoeletromagnetismo corroboraram para que a humanidade terrena usufruísse de diálogo permanente com a humanidade espiritual. Não

³⁹ Referência aos livros “Evolução em Dois Mundos” e “Mecanismos da Mediunidade”, ambos do Espírito André, com psicografia de F.C.Xavier e W.Vieira, edição da FEB

bastassem todas essas bênçãos, foi com base nessas obras que a medicina conseguiu até aqui eliminar, senão todas, ao menos a maioria das patologias neurológicas.

— Sei a quais livros você refere. São nossos conhecidos... Constam de nossas bibliotecas, bem como das bibliotecas de vários outros mundos. Sempre me lembro dos ensinamentos que ofertam.

Mais uma informação daquele mundo a calar profundamente na minha alma.

Stella, com suave gesto incentivou-me a prosseguir.

Como se estivesse falando com minhas lembranças, disse:

— Oh! Como também lembro e isso, ao tempo que a Ciência terrena, desvendando o complexo mecanismo do sistema nervoso central, possibilitou a obtenção de capacidade para igualmente eliminar outras tantas síndromes de todo o organismo físico. Tenho esperanças que a inclusão do tratamento do Espírito via perispírito, nos consultórios médicos, seja um dos importantes passos para que o planeta não demore a deixar a categoria de “provas e expiações” e adentre gloriosa e vitoriosamente no de “mundo regenerado”.

Stella comentou:

— É verdade, Ângelo. Esse não deixa de ser um passo para que a Terra, trilhando a esperança e a fé em Deus, prossiga sua justa demanda para se transformar num mundo com regeneração planetária!

Confirmei:

— Esse futuro recebeu reforço com a sublime esperança alcançada com o avanço da genética na investigação das causas espirituais das doenças, tornando muitos dos profissionais da saúde humana em “médicos-médiuns”. Aliás, já no século dezenove Kardec, magistral e quase que profeticamente anotou que os médicos do futuro combateriam as causas de muitas doenças levando em conta a ação do perispírito sobre o organismo fisiológico⁴⁰.

— A verdade não tem pátria, nem autor. Ela é insubmergível: sempre estará à tona da razão e se basta por si mesma. Contudo, devemos agradecer a Deus pelo aporte da Doutrina dos Espíritos tanto aqui, quanto na humanidade terrena. Assim é que o Espiritismo, sem esse mesmo nome, muito antes da Terra recebê-lo ele já fazia parte da nossa cultura moral.

⁴⁰ Informação já citada no Capítulo 2 desta obra.

Cada vez que eu ouvia ali em *Terramor* uma informação relativa ao Espiritismo, mais me convencia de que a verdade não se restringe a um mundo: ela é cósmica!

Stella acompanhava minhas silenciosas reflexões. Filosofou:

— A Lei Divina do Progresso ainda não foi devidamente compreendida por grande parte dos planetas pouco desenvolvidos moralmente. Neles, a dor é funcionária permanente da Justiça Divina e raramente é reconhecida como a sublime benfeitora que realmente o é...

— A dor... A dor... Comparo-a à exposição humana a intempéries... Do que resultou a ideia de construir abrigos, primeiro utilizando os naturais, para depois chegarmos às grandes estruturas da arquitetura. Não fosse o desconforto da exposição ao tempo catalisar a necessidade de uma casa para o lar e a humanidade ainda estaria se abrigando em cavernas...

— Bela metáfora, essa da dor como móvel da engenharia...

— Por falar em dor, por enquanto não vi nem um hospital. Quando for possível gostaria de visitar um e conversar com alguns médicos...

— Compreendo seu pedido, já que você é médico, mas não temos hospitais em *Europa*...

— ?!

— Entendo sua perplexidade. Acontece que neste mundo não há doenças orgânicas, como na Terra. Não obstante, os europeanos que pretendem levar algum auxílio em outros mundos estudam a patologia de eventuais moléstias desses mundos.

Stella deixou-me novamente atônito:

— Embora aqui não haja doenças, temos doentes...

— Não entendi...

— Como já é do seu conhecimento, o perispírito é o órgão das sensações e, obediente ao comando do Espírito, responde pelo estado fisiológico do soma. Quando a alma (Espírito encarnado) vivencia respeito às Leis Divinas — as naturais e as morais — o corpo físico mantém-se saudável. Ao contrário, desajustes à observância daquelas Leis carregam desequilíbrio na simbiose perispírito-organismo, daí advindo alteração na saúde física, com a dor apresentando-se...

— Sim, mas nesse caso, como são tratados doentes que tais?

— Em seus lares, com familiares, em clima de recolhimento e reconstrução espiritual, até eliminar o desequilíbrio que provocou a alteração.

— Sem remédios?

— O maior de todos os remédios é a prece sincera, pois o Amor do Pai é permanente, infinito e justo. A autorreforma do doente, somada aos valorosos coadjuvantes do apoio familiar e algumas infusões ligeiras, via de regra, respondem pela cura.

— Você citou descaminhos morais como agente de doenças. E se alguém se ferir, acidentalmente?

— Os habitantes daqui detêm conhecimento razoável do nosso sistema orgânico. No caso que você mencionou, o próprio acidentado, em concentração e preces, pela força do pensamento estabelece sintonia com a parte danificada, dirigindo para ali fluidos balsâmicos captados da Espiritualidade, ainda e sempre pela prece, o que potencializa a restauração.

Fiquei maravilhado com tais informações. Mudei o foco:

— O “Mecanismos da Mediunidade”, de 1959, demorou para que a ciência adentrasse em análises e pesquisas do trajeto das forças mentais, formuladas pelo pensamento, e toda a intrincada rede de conexões e resultados. Graças a alguns avanços, o homem terreno de ciência já conseguiu sintonizar com planos de outra dimensão, com utilização de aparelhos de alta tecnologia, conquanto o exercício da mediunidade, que vinha fazendo há séculos, ainda não esteja de todo dispensado.

Prosseguimos andando.

Logo chegamos ao bosque, com muitas alamedas, muitos canteiros de flores, muitos bancos convidativos. Várias pessoas estavam ali.

Transitamos entre jardins floridos e perfumados.

Ao sentarmos num banco Stella opinou:

— Este é um excelente lugar para você encontrar respostas a perguntas de sua alma ainda não respondidas. Aproveite a paz deste ambiente. Você tem liberdade plena para vir até aqui quando quiser.

Comentei:

— Louvo os ensinamentos espíritas, pois foi com eles que passei a imaginar que em mundos mais evoluídos do que a Terra os ensinamentos de Jesus seriam os mesmos.

— Excelente dedução.

— E também que idiomas não precisariam ser escritos. E que as pessoas se utilizariam apenas das mentes, de quem “falasse” e de quem “ouvisse”... Aqui, tenho essa comprovação. Ela anuiu, com um pequeno gesto de cabeça. Prossegui:

— Ontem fui surpreendido ao chegar ao meu aposento e lá encontrar o fabuloso equipamento que permitiu fizesse minhas anotações iniciais daqui de *Terramor!*

Nisso, mais uma vez refleti de que forma minhas anotações daquele maravilhoso mundo seriam repassadas? Terei novamente a felicidade de contar com aquele “receptor”, com o qual tanto me identifiquei?

Stella respondeu-me, em linguagem articulada:

— No momento certo você terá essa resposta. Não obstante, recomendo-lhe meditar que nas obras de Deus incontáveis são os operários, todos, invariavelmente, de boa vontade.

Prossigui:

— Com o Espiritismo, que felizmente encontrei no lar que nasci, desde a infância à maioridade fui aprendendo, na prática, os ensinamentos de Jesus, para corrigirmos os multiplicados e milenares desvarios humanos, sendo eu portador de muitos deles...

Olhei para Stella e ela encorajou-me a prosseguir, o que fiz:

— Lembro-me neste instante que recentemente mamãe, em Espírito, informou-me que nem sempre fui leal aos ensinamentos que colhi... Como consequência passei por existências terrenas de sofrimentos, que para mim funcionaram como abençoado despertar para as coisas de Deus e aos poucos consegui extirpar ações delituosas, ao menos conscientemente. Mamãe e papai sempre tiveram atitude conselheiral, repassando-me reflexões de como qualquer ato, realizado ou mesmo apenas pensado, carregam dolorosas consequências. Deles sempre ouvi sugestões para observância da inviolável e onipresente ação da Lei de Justiça Divina... A abençoada Lei de Justiça Divina... Aquela que tudo registra, máxime pensamentos e intenções, produzindo débitos ou créditos, sob a inexorável lei de ação e reação, que Jesus definiu com simples palavras: “a cada um, segundo suas obras”.

Stella comentou, pela voz mental:

— *Fico feliz, Ângelo, muito feliz, com seu progresso espiritual.*

E complementou:

— *Da mesma forma como você confiou em mim narrando alguns fatos de sua existência, eu também, um dia, vou repassar-lhe algo sobre mim.*

Ficamos ambos absortos, em silêncio, como que em oração.

Decorridos alguns minutos Stella informou que havia uma área daquele bosque, bem interessante, para me mostrar.

Levantamo-nos e caminhamos um pouco até chegarmos numa área cuidadosamente gramada, onde um pórtico anunciava: *Harmonia Kunvivado* ("Convivência harmoniosa").

Nessas minhas recordações do meu estágio em *Terramor* estarei sempre falando de surpresas, de sustos, de espantos... Isso é irrecorrível. Dessa vez, o que me causou tudo isso e mais, medo, foi observar que naquele bosque havia animais, bem conhecidos meus: felinos, cães, macacos, cavalos, elefantes e bois. Alguns adultos, outros filhotes. Todos soltos, isto é, sem jaulas ou cercados...

Preciso explicar que, quando falo em felinos, não me refiro só a gatos. Pois é: além desses, ali estavam muitos leões, algumas onças, alguns tigres e sei lá mais o que dessa tão graciosa espécie de animais. Maioria, graciosos, mas perigosos...

Não vi outras espécies de animais, além dessas que citei.

Observei que todos estavam em placidez, conquanto bem próximos uns dos outros. E também perto de algumas pessoas, que sequer demonstravam medo deles.

Leões, tigres, onças, cavalos, jumentos e jegues em paz, gatos dormindo na barriga ou nos costados de pacientes cães, macacos saltando de uma para outra tromba dos elefantes, brincando de esconde-esconde... Pensei — *Isso é espantoso!*

Mesmo vendo-os mansos, não tive vontade de me aproximar deles... Principalmente dos leões...

Stella, captando minhas emoções e meu medo, tranquilizou-me:

— Trouxe-o aqui justamente para ver o que está vendo.

Não entendi.

Ela explicou:

— Como disse a você, há pouco, num dos seus livros prediletos, o que trata da "Evolução", tem um registro sobre animais, abaixo da linha evolutiva do homem, que são candidatos naturais para a promoção ao reino da inteligência contínua. Lembra-se? Foram nomeados o cão e o macaco, o gato e o elefante, o muar e o cavalo como os prováveis candidatos à introdução do reino do pensamento contínuo⁴¹.

⁴¹ *In: "Evolução em Dois Mundos", A.Luiz/F.C.Xavier-W.Vieira, 2ªParte, Cap. XVIII. p. 212, 11ªEd., 1989, FEB, RJ/RJ*

— Sim: esse foi um dos ensinamentos que guardei com felicidade, sendo certo que assim como eu, imagino que também vários outros leitores, principalmente os que amam aos animais.

Stella, sempre com bondade e pedagogia, continuou:

— Sua lembrança facilita sobremodo minha intenção de mostrar para você essa questão dos animais, como vivenciada em *Europa*. É uma felicidade sabermos que os animais de hoje serão os homens de amanhã, que por sua vez serão os anjos de depois de amanhã.

Prosseguiu:

— Animais de mundos menos desenvolvidos do que este, antes de serem promovidos ao reino da razão, fazem estágio físico aqui ou em planetas semelhantes. Aqui só estão animais mansos ou de comportamento altruísta. As “hostes siderais” operam neles “acomodação genética”, por especialistas elevadíssimos, alterando pouco a pouco, num trabalho de séculos, primeiro a forma orgânica, depois a imprimem no perispírito para que essa forma seja a que passarão a ter, como humanoides, para só então chegarem à forma do homem primitivo, que sempre irá se aperfeiçoando. Obviamente não sairão daqui já com formato humano (como dos primeiros racionais da Terra). Serão alocados em planetas primitivos, repito, como humanoides. Essa transformação, obediente à Lei do Progresso, acontece no decorrer de séculos sobre séculos, milênios...

Stella era uma mulher maravilhosa...

Sua delicada maneira de se dirigir a mim fez com que eu a admirasse mais e mais. Quando utilizava linguagem falada, sua voz era musical...

Sabendo que ela “ouvia” meus pensamentos, tenho a impressão de que ela quis mudar minha tela mental, pois de repente, mas de forma sutil — uma das infinitas hastes do eterno leque da feminilidade universal —, dirigiu-se, devagar, para onde estavam os animais...

Com o olhar convidou-me a segui-la.

Jamais, jamais, pensei — Como ir ter com aqueles leões?

Ela deixou-me e foi sozinha, de encontro aos animais, exatamente rumo aos leões...

Foi aí que entrei em pânico, raciocinando: *como deixar que os leões a estraçalhem? Será que ela está louca? Mas não é possível: ela é equilibradíssima; acho que isso não está acontecendo, ou então, eu é que estou ficando atrapalhado das ideias...*

Em grande agitação mental, entre o pânico, o medo e a filantropia, esta falou mais alto: como um herói, antes do ato que assim o consagra,

com todos meus pensamentos agora obnubilados pelo pavor, foi com estoicismo que falou mais alto em mim uma desconhecida coragem e decidi impedir uma provável tragédia...

Alcansei Stella quase de um salto, de cujas proporções até então eu desconhecia ser capaz. Pareceu-me que eu voei. De fato, voei...

Hoje sei que foi isso mesmo que aconteceu: volitação ligeira.

Mas, naquele momento supremo, pensando e vendo que a morte se mostrava ansiosa por levar mais um (ou dois...) para "o outro plano", não me dei conta do tal salto voador...

Qual cavaleiro destemido que dá sua vida para salvar a da princesa encantada e em grande perigo, coloquei-me à frente de Stella.

Medo e pânico, agora substituídos por coragem indômita!

Não deixei Stella dar nem mais um passo.

Os leões nos olhavam...

Um deles se destacou do bando e veio em nossa direção...

Naquele momento de pânico para mim, os olhos mostraram que a fera parecia maior do que qualquer um dos elefantes que estavam ali por perto.

Não sei como é que em situação tão dramática tive um pensamento bobo: *Puxa vida, que falta de sorte! Tinha que ser logo o maior de todos?*

Instintivamente, mas sempre protegendo Stella, quis recuar.

Vocês talvez não acreditem, mas não é que ela não aceitou minha ajuda, nem me deixou sair do lugar? Sinceramente, não me restou outro pensamento, senão o de que sim, Stella não estava "boa da cabeça"...

Deixá-la, isso nunca. Resolvi enfrentar o tal "leão-elefante".

E ele veio vindo...

Preparado para o pior, aí *Terramor* acabou de uma vez para sempre com minha capacidade em ter surpresas, levar sustos, agitar-me com espantos: não é que aquele "gatão" achegou-se até mim e... carinhosamente — pois é —, carinhosamente começou a lambe-me os braços e logo foi esfregar-se qual um gatinho manhoso em Stella?

Gostaria de saber o que qualquer pessoa faria ou falaria, na minha situação... Comigo aconteceu de ficar travado. Estático. Não me mexi.

Vai que essa fera resolve mudar de atitude...

O heroísmo se foi e em seu lugar voltou o medo, embora o leão não fosse o gigante que há pouco eu tivera a impressão que fosse.

Stella, ela sim, foi que me salvou do leão, e não o contrário:

— Nada tema, Ângelo. Confie em Deus!

Claro que eu sempre confiei em Deus, ora essa, mas ficar assim tão perto de um leão que eu nunca vi — ainda mais que, mesmo não sendo “daquele tamanho”, era um leão —, não criado por mim desde filhote, ah!, isso era querer mais do que eu poderia oferecer a mim mesmo em termos de fé.

O pior é que os outros leões, vendo que o “grandão” estava sendo acariciado, também vieram para perto de mim e de Stella.

Fiquei gelado, literalmente (e isso, em se tratando de *Terramor*, não era jogo de palavras, nem mais um trocadilho, bem fora de hora, ou apenas figurativamente).

Stella cortou meu medo, que mais e mais aumentava:

— Vamos levar esse leãozinho para perto dos amiguinhos dele.

Tratando o leão de “leãozinho” dirigiu-se a ele com extrema doçura:

— Meu bom amigo e irmão, estamos muito felizes com sua mansidão. O Ângelo gosta muito de animais, só que agora ele está um pouco assustado, também, quem mandou você crescer tanto? Vamos apresentar o Ângelo para nossos outros irmãos?

Eu poderia jurar que o leão piscou para Stella, pois piscou bem devagar, como que compreendendo a situação.

Nesse momento pude ver que o animal não tinha garras, essas substituídas por algo parecido com dedos, tanto quanto as patas tinham ligeira semelhança com mãos!

O “leãozinho” foi mansamente indo em direção aos outros leões que vinham vindo. Com ele, Stella e eu, pois ela segurava fortemente minha mão, puxando-me, como que não me deixando fugir correndo dali, que era o que eu tinha vontade de fazer.

Bem, não tomando mais tempo, devo narrar que os outros leões, cachorros, tigres, onças, gatos, cavalos, macacos, bois e elefantes se mostraram felizes com a presença de Stella. Todos a agradaram, cada um a seu modo. À medida que ela ia falando com eles (!) e me apresentando, os bichos vinham até mim e igualmente me acarinhavam. Os demais felídeos também não tinham garras. Pude ver que nenhum deles apresentava dentes adequados para alimentação carnívora (caninos bem menores, do tamanho dos incisivos e estes com forma aproximada da quadrangular, não pontiagudos. As patas, sem garras, estas substituídas por tecido orgânico ainda duro, mas sem pontas, sinalizavam dedos incipientes, com um deles em oposição aos demais, prenúncio de polegar... Os cachorros, dóceis, deixavam entrever dentes

igualmente não pontiagudos, com moldagem que lembrava a dos cavalos.

Glória a Deus nas alturas — pensei — aqui é o paraíso!

Assim, no meio daquela bicharada toda, de repente também comecei a me sentir “em casa”, isto é, perdi totalmente o medo, ao contrário, passei a sentir uma imensa afeição por todos eles, eu que sempre amei animais — até então, convivendo e aproximando-me... apenas dos domésticos.

Ninguém se negue a crer que os animais captam nossas vibrações! Eles sentem! Mais que isso, posso assegurar, diante do que me aconteceu ali, que os animais até captavam o que nos vai pela alma.

Stella conversava com eles, como se entendessem o que falava. Suas palavras eram sempre no sentido de desenvolver, ou melhor, de implantar neles sentimentos nobres, de amizade, de proteção, de amor. Mais importante do que as palavras, era o tom de voz dela, de paz e mansidão.

Informou-me:

— Esses irmãos nossos são aprendizes de trabalhos materiais, ministrados por muitos de nós. Aprendem a transportar fardos, trabalhos de semeadura e colheita de alimentos. À medida que desenvolvem tais habilidades, por processos divinos, são enviados a Júpiter, onde desempenham as atividades que aprenderam, em continuação à sua ascensão evolutiva. *Europa*, assim, oferta-lhes aprendizados como numa “fazenda agrícola experimental”, qual uma verdadeira *escola pré-maternal*. Lá eles existem aos milhões. Decorridos milênios de tais estágios, nos quais lenta, mas permanentemente são assistidos por geneticistas celestiais que — como você próprio leu no referido livro sobre evolução —, alteram-lhes a morfologia perispiritual, até ficarem aptos a adentrar no reino da inteligência contínua!

Com tão clara exposição dos mecanismos da ação da bioengenharia divina, contemplando a evolução da ameba ao homem, minha memória voltou ao dia em que naquele mesmo livro uma transcendental informação impressionou-me sobremaneira: a de que para percorrer esse caminho evolutivo o ser leva quinze milhões de séculos.

Contudo, havia mais uma novidade... Sempre havia mais...

— Bosques como esse, que acabamos de visitar, existem muitos neste mundo, espalhados pelas nossas cidades, todos servindo de abrigo para os animais. Cada um desses bosques tem amigos zeladores, com funções específicas: uns cuidam dos jardins, outros cuidam das árvores,

outros mantêm vigilância permanente entre os animais, evitando atritos entre eles — enfim, tudo é perfeitamente controlado, de forma a manter a paz. Eu sou responsável pela agradável atividade de conversar com os animais, quais se eles fossem tenras crianças aprendendo a respeitar as Leis de Deus, a começar pelo respeito pelos outros animais. Essa mesma função é exercida por outros amigos, nos outros bosques. Obviamente eles não entendem frases inteiras, não obstante, captam o tom em que são proferidas, sendo que determinadas palavras formam no cérebro deles motivações permanentes.

Então Stella “conversava” com os animais. Como um relâmpago, minha mente viajou nas dobras do tempo e regredi ao século doze da era cristã, rezando as tradições de que Francisco de Assis (1182-1226) conversava com os animais, abençoando-os. Mais longe ainda fui ao passado, “vendo” o Apóstolo João, exilado na ilha de Pátmos (Ilha grega no Mar Egeu), nos anos 90 d.C. conversando na praia com os peixes... Estávamos assim dialogando sobre os animais e os bosques quando, da mesma forma como o “irmão leão” viera de encontro a Stella, assim que a viu, por um estranho magnetismo minha vista fixou-se num cavalo baio, que não havia visto ainda.

Alguma coisa dentro de mim levou-me a prestar atenção naquele belo animal e ia perguntar a Stella algo sobre ele, quando o cavalo tomou a iniciativa de vir em minha direção... Chegando mais perto notei que ele era muito parecido com um que ganhei de presente do meu pai quando fiz dez anos. Em um segundo lembrei ter dado o nome de “Guarani” ao meu cavalo, pois ele tinha uma vitalidade maravilhosa.

Eis que Stella, demonstrando que a capacidade de me surpreender ali em *Terramor* era inesgotável, colocando a destra em minha fronte disse-me com a maior calma deste mundo, isto é, “daquele mundo”:

— Você não o reconhece?

Sob o influxo mental de Stella, reconheci sim, aquele cavalo era o meu Guarani! Enlacei carinhosamente o pescoço do cavalo que, em reciprocidade começou a esfregar sua cabeça no meu peito, como fazia então. Exclamei, comovido:

— Guarani! Guarani! Oh! Meu Deus! Quanta felicidade!

Como um relâmpago perpassou pela minha mente a lembrança da minha convivência com aquele animal: crescemos juntos, cristalizando uma amizade sensacional, inesquecível. Ele ficava no pequeno sítio (de fim de semana da minha família) onde várias vezes o peão que tratava dele o utilizava em pequenos afazeres rurais. Sempre comentava que

Guarani “parecia gente”. Um dia perguntei por que ele dizia isso? Respondeu-me que por três vezes Guarani arriscou a vida, espantando uma onça que rondava por ali; além disso, quando um potrinho foi arrastado por uma correnteza mais forte numa enchente do riacho, Guarani atirou-se na água e com grande esforço conseguiu levar o filhote para a margem oposta, salvando-o.

Aquele era o meu Guarani!

Agora este cavalo se encostando suavemente a cabeça no meu peito...

No clima das recordações de momentos tão fascinantes da minha amizade com Guarani, o animal simplesmente fez mais uns carinhos em mim e logo foi se juntar aos seus amigos.

Comentei com Stella:

— Voltando a falar do livro sobre evolução: nele há informações preciosas sobre os animais nobres, que conquistam o direito à promoção para o reino acima. Esses animais são conduzidos a longos períodos — muitos séculos — sob cuidados de Arquitetos do Espírito, para “Intervenções Espirituais” em seus corpos infra-humanos que os possibilitem adentrar no reino da inteligência plena, com responsabilidade e auto-escolha⁴².

Deduzi, emocionado, que Guarani era um desses abençoados candidatos a tal merecida promoção divina.

Expus minha reflexão:

— Imagino que a passagem de um reino para outro — como no caso dos animais que conquistam essa promoção — é acontecimento que deve acontecer em muitas etapas, demandando vários milênios. Muitas existências materiais eles precisarão vivenciar antes de alcançar a razão completa.

E acrescentei, referindo-me a Guarani:

— Por graça maior do Criador temos a imortalidade e, em consequência, o infinito à nossa frente... Em meu coração está guardado um cantinho para o Guarani, no dia feliz em que puder trocar ideias com ele...

Aprovando minhas reflexões Stella brincou:

— Um cantinho? Seu coração vai precisar ser bem grande, pois nas nossas várias existências convivemos com muitos animais, amando-os e por eles sendo amados. Embora não nos lembremos, com muitos entretecemos laços de amor fraternal, indeléveis.

⁴² *In*: “Evolução em Dois Mundos”, A.Luiz, F.C.Xavier-W.Vieira, 1ªParte, Cap. IX e X, 11ªEd., 1989, FEB, RJ/RJ.

Dirigi o assunto para uma agradável suspeita:

— Sabe, Stella? Acompanha-me uma dedução, quase certeza, de que um mesmo animal retorna à nossa convivência fraterna várias vezes. Algumas dessas vezes, até numa única existência terrena.

— Sim, Ângelo, essa é uma dedução aprovada pela lógica, principalmente pela bondade do Pai e a divina lei do Amor, que não afastaria mesmo dois seres unidos pela fraternidade. Não houve acaso no seu encontro com Guarani. Recebi um comunicado de Augustiel, sobre seu histórico existencial, citando seu amor pelos animais. Como Guarani é um dos animais em processo da abençoada promoção ao reino da razão e nosso hóspede há algum tempo, providenciei que ele viesse para esse bosque. Quando pedi isso a Augustiel, ele até brincou, dizendo que esse seria um segundo presente para você... Agora que você me disse que o Guarani foi presente do seu pai, entendo o que Augustiel quis dizer com esse reencontro.

Disse, agradecido:

— Vocês proporcionaram-me uma grande alegria, pelo que lhes sou grato. Mais ainda agradeço a Deus por tão encantadora coincidência, essa de eu vir de tantos e tantos milhões de quilômetros para rever meu amigo...

— Seria coincidência, Ângelo?...

Não soube o que responder.

Tomei a mão daquela mulher tão maravilhosa e beijei-a, com elevado respeito e gratidão.

Demonstrando também sublime emoção, ela apenas comentou:

— Vê-lo feliz deixa-me igualmente feliz...

A seguir encerrou o passeio, informando:

— Há outros recantos nesta cidade para você conhecer. Tem plena liberdade para escolher qual atividade gostaria de conhecer mais detalhadamente, isso após breve repouso seu, seguido de suas anotações.

Nada mais disse. Retornamos em completo silêncio; da parte dela o silêncio das almas elevadas; da minha, o dos sonhadores em devaneios. Precisava mesmo voltar para registrar tantas emoções, tantas descobertas, pois minha mente estava maravilhosamente cheia de novidades!

Inesquecível passeio! Poucas vezes tinha lembrança de haver sentido tão grande alegria como a que me envolveu naquele dia.

Repousei, de fato, após o que entrei em “comunhão mental” com a tela, narrando-lhe os emocionantes acontecimentos do dia, até ali.

Quando saí Stella esperava-me para novo passeio.

Cumprimentou-me afetuosamente e perguntou:

— Já pensou qual visita gostaria de realizar?

Respondi enfático:

— Já aprendi tanta coisa neste mundo maravilhoso... Há, porém, uma informação sua, sobre livros, que ficou bailando-me na mente e por isso eu apreciaria bastante conhecer de perto a biblioteca daqui. É que tenho um amor muito grande por livros.

— Nem precisava me dizer isso, meu amigo. Iremos agora mesmo até nossa biblioteca.

Stella pegou na minha mão e isso me deixou bem feliz.

Dessa vez bloqueei pensamentos de namoro...

Assim, foi com relativa facilidade que deslizamos, passando por muitas avenidas e outros jardins, que sequer eu suspeitava existirem. Paramos defronte a um imenso prédio, muito alto, todo ele de paredes de vidro, cujas partes externas eram de espelho, reproduzindo a maravilhosa paisagem circundante: árvores majestosas e jardins.

Fiquei deslumbrado com tão imponente construção.

Adentramos.

O silêncio era a nota principal do interior — inteiramente vazio...

Olhei para cima e vi que a determinada altura, havia uma espécie de teto, só que feito de vapor, tênue, sutil.

Não havia uma única indicação de onde estavam os livros...

Stella explicou-me:

— Cada cidade em *Europa* possui apenas uma biblioteca, geralmente com o mesmo acervo literário. O sistema de leitura é simples, bastando o leitor mentalmente informar o assunto desejado: se análise de determinado assunto; reflexões sobre virtudes; biografias exemplares; conhecimentos gerais; obras clássicas de autores deste e eventualmente de alguns outros mundos, etc. Ato contínuo verá na tela o que pediu, algumas vezes podendo optar para que o próprio autor comente o texto, pois alguns autores deixaram suas obras em exibição audiovisual. Além disso, aqui também são realizados seminários e congressos, ocasião em que todo este recinto, que ora vemos vazio, fica mobiliado adequadamente para bem acomodar os participantes, sempre voluntários e numerosos. O que é discutido nessas reuniões é automaticamente retransmitido para os lares, para aqueles que

desejarem acompanhar os estudos ao vivo, podendo, inclusive, deles participar através de mensagens que serão lidas e respondidas, tudo em tempo integral.

— Mas... E as telas... Onde estão?

Stella induziu-me a tocar em qualquer ponto da parede.

Sem entender o que se passava, vendo aquele enorme recinto “tão enormemente vazio”, não discuti. Toquei levemente na parede.

Tão logo fiz isso, abaixo dos nossos pés surgiu luz, iluminando uma área de mais ou menos seis metros quadrados. Qual se fosse um “tapete voador”, só que de cristal iluminado, começamos a ser guindados para cima.

Logo ultrapassamos o teto vaporoso e tive fantástica vista: amplo salão com incontáveis leitores, confortavelmente sentados e com telas à sua frente, de fato “liam” variadas obras; outras pessoas assistiam o autor comentar o texto.

Quando o tal tapete estacionou “descemos” dele. Entre deslumbre e quase sem acreditar no que acontecia, vi surgir à minha frente uma cadeira igual à que havia no meu aposento.

Stella acenou para que eu me sentasse. Foi o que fiz. No mesmo instante, sem qualquer ruído ou vibração fui conduzido, na minha cadeira, para um espaço próximo onde uma tela se acendeu ante minha aproximação. Stela acompanhou-me, volitando.

Deslumbrado, pensei: *Uma biblioteca aparentemente sem livros e, no entanto, repleta de leitores, numa altura dessas, consultando obras que surgem do nada...*

Sempre sem pronunciar palavra, apenas comunicando-se comigo pelo pensamento, Stella convidou-me a pensar num livro...

Sem entender o que se passava, pensei na Bíblia... E ela surgiu!

Fixei-me na tela: as páginas da Bíblia foram sendo mostradas, à medida que eu pensava em determinadas passagens, mudando assim que eu acabava de ler cada uma delas.

Stella, de pé ao meu lado, nada dizia.

Obviamente eu não ia ler todo o conteúdo daquele livro sagrado.

Após mentalizar algumas passagens do Antigo Testamento e automaticamente o texto ser mostrado na tela, lembrei Jesus e o “Sermão da Montanha”: meu coração quase parou quando, com profunda emoção, vi o próprio Mestre — “ao vivo” — ofertando a inesquecível lição.

Em sublime êxtase elevei o pensamento a Nosso Senhor Jesus Cristo, com minha maior gratidão.

Sempre pela linguagem da mente, Stella aguardou que eu me refizesse daquele enlevo e perguntou-me: *E então? Mais alguma consulta?*

Sem dizer nada, apenas pensei num vulto histórico — um dos que mais admiro de toda a História da humanidade: *Aquele médico missionário, europeu, que se mudou para a África, onde ficou até o fim da sua vida cuidando dos necessitados, em uma das mais nobres missões humanas de todos os tempos...*

Com imensa alegria vi surgir a figura do grande organista (o maior intérprete de Bach da Europa, ao seu tempo), filósofo, teólogo e escritor, com comoventes cenas da sua abençoada saga. A par das cenas, detalhes de sua sublime epopeia, voltada para a medicina de povos carentes:

“Albert Schweitzer, no planeta Terra: médico, filósofo e organista (Kayserberg/Alemanha 1875 – Lambaréné/Cidade do Gabão 1965. Prêmio Nobel da Paz, 1952). Em 1913 foi para o Gabão, onde fundou um hospital que alcançou renome mundial e que foi mantido graças aos recitais de órgão que realizava em vários países da Europa. Além do Prêmio Nobel da Paz, como filósofo foi também condecorado com o *Prêmio Goethe* (prêmio alemão, não apenas de literatura).

Se for do interesse, há biografia completa da vida desse notável benfeitor”.

Sucumbi à curiosidade e perguntei, mentalmente:

— *Será que... O Dr. Schweitzer é agora cidadão europeano?*

Sem repreensão Stella confirmou o que Augustiel já me dissera:

— *Quem sabe? Talvez sim, talvez não.*

Completo:

— *Importante registrar é que os Espíritos missionários, não apenas de um mundo, mas de vários, frequentemente visitam a Terra, sempre com os mesmos propósitos: incutir nas pessoas o perdão e a vivência do amor e o respeito a todos os seres e todas as coisas da Criação; muitos se dedicam com carinho aos animais, sejam como tratadores, sejam como veterinários. Temos aqui núcleos veterinários mantidos por Espíritos zoófilos, que ensinam a voluntários como assistir a animais que desencarnam sob violência. Na verdade, todos se mantêm no anonimato.*

Eu estava com a mente e a alma “em suspenso”.

Sempre em pensamento, ela consolidou a resposta à minha impertinente pergunta:

— *Esses benfeitores têm um traço em comum: anonimato...*

Dando-me tempo para assimilar tão gratificantes quanto sublimes informações, acentuou que eu, se quisesse, podia prosseguir nas minhas pesquisas na biblioteca.

Nesse ponto refleti:

— *Tudo o que pensei surgiu na tela; mas, as coisas que pensei eu já as sabia... Agora vou fazer um teste, supondo que eu procurasse saber algo que eu não saiba.*

Procurei o olhar de Stella, para saber se ela aprovaria. Aprovou.

Então pensei:

— *Como seria a palavra "Bíblia" em árabe?*

Instantaneamente a imagem do Dr. Schweitzer foi substituída pela informação:

"BÍBLIA: (Na Terra) chamada em árabe de Al-Kitaab al-Muqadis (isto é, *Livro Sagrado*), esta é a Escritura usada pelos cristãos de língua árabe. Se houver interesse, poderá ser mostrada toda a obra, inclusive com os escritos em árabe".

Eu deveria ficar absolutamente satisfeito com o que já tinha visto.

No entanto, sempre buscando conhecer algo além do que me era dito ou mostrado — detalhe da minha personalidade, que ora me ajudava, ora me causava algum problema —, tentei esclarecer o que ela dissera, sobre os mesmos livros existirem em vários mundos.

Voltei-me para a tela e "pedi" que me mostrasse o livro "Mecanismos da Mediunidade", tão grato a mim.

No mesmo instante vi um exemplar luminoso, muito luminoso, de um livro que nada tinha da edição que eu conhecia. O volume mostrado ocupava parte da tela e abaixo da figura, outros exemplares surgiram, mas em edição desconhecida, com exceção de um: a edição minha conhecida, isto é, a terrena!

Sem entender o que significava aquilo, Stella esclareceu-me:

— *A primeira figura é a capa do livro original, elaborado aqui. As outras capas constituem as diversas edições em outros mundos...*

Pensar, o quê? Um mesmo livro em diversos mundos!...

Novamente emergiu o pesquisador, ou melhor, seria "o perguntador"? Solicitei à tela que me mostrasse um livro de outro mundo.

A tela permaneceu apenas iluminada. Nada surgiu.

Insisti na pergunta:

— *Por favor, quero conhecer a edição daqui de Europa ou outro mundo.*

Surgiu na tela:

O leitor tem atribuição apenas para o exemplar concernente ao seu mundo.

Perguntei a Stella:

— *Por que isso?*

— *Simples: porque embora o conteúdo doutrinário seja o mesmo nos vários mundos, na parte científica há exemplares com conteúdo acima do atual conhecimento terreno.*

Stella aconselhou, ainda mentalmente:

— *Melhor será encerrarmos essa visita, por hoje. Quantas vezes mais você quiser comparecer aqui, encontrará todo o acervo à sua disposição.*

E aduziu:

— *O acervo consentâneo com os seus conhecimentos, isto é, no nível dos conhecimentos terrenos.*

Absorvi a suave repreensão...

A seguir, deixamos a biblioteca.

Assim como "subimos", "descemos".

Meio encabulado, algo constrangido por minha curiosidade, perguntei:

— Por que as passagens dos Profetas que lembrei só apareceram escritas na tela, ao passo que, sobre Jesus e sobre aquele consagrado benfeitor terreno, o que pensei apareceu em cena viva, qual cinema?

— Porque ao pensar em Jesus e no médico europeu que foi para o continente africano, você elevou muito seu sentimento; relativamente ao Antigo Testamento, você foi pedagógico; sobre Jesus e o benfeitor, você foi sentimental...

Retornamos, sempre deslizando, mas em silêncio total.

À entrada do edifício do meu aposento Stella perguntou, olhando-me com doçura, sempre com doçura:

— Há algo que você deseje comentar sobre *Terramor*?

— Considero fabulosa a forma de dialogar aqui, com o interlocutor antecipando-se àquilo que o locutor vai falar. Inescapável imaginar como seria na Terra se isso acontecesse...

Aí, eu próprio respondi a essa dúvida:

— No estágio atual da Humanidade, seria o caos, pois na maioria das vezes as pessoas não se exprimem com sinceridade integral e aí, as desavenças seriam de tal monta que tornariam impossível a convivência, com quem quer que seja... Difícil um casamento perdurar na ausência

da fidelidade conjugal e, principalmente, mental, da comunhão de pensamentos, das ideias ocultas... Inviável um trabalhador manter-se no emprego, se descontentes, ele ou o patrão...

Fiz pausa e logo retomei:

— Por outro lado, todas as traições desapareceriam, pois seriam descobertas antes de se materializarem... Nenhuma vingança aconteceria, ou se acontecesse, desencadearia infinitas tragédias, em cascata, à luz do Sol... Estivesse a mentira eliminada no mundo todo e sob o império da humildade, essa seria uma humanidade feliz!

Concluí meu devaneio:

— Quando o amor visitasse duas almas, elas nem precisariam declarar seus sentimentos...

Stella sorriu. Havia captado meu pensamento, sincero.

Tive outro, impossível de deter:

— *Por Deus: como ela pode ficar cada dia mais bonita?*

Novo sorriso. Novo silêncio...

Despedi-me dela e fui para meu aposento.

Tinha muitas anotações para registrar.

Aquele segundo dia em *Terramor* calaria fundo no meu coração, pois Stella foi minha companhia em dois maravilhosos passeios, e quando falo "dia" refiro-me a cerca de 85 horas terrenas...

Mas, inigualável gratidão a Deus senti quando, na biblioteca vi e ouvi Jesus — para minha alma "ao vivo" —, pregando no monte o Sermão das "Bem-Aventuranças"!

7

(Des)necessidades

Sem parâmetro de tempo e já acostumado à ausência de relógios naquele mundo, ao concluir meus registros, uma invencível conquanto agradável sonolência alcançou-me e dormi.

Sem precisar quanto tempo dormira, ao acordar percebi que era um novo dia, o terceiro em *Terramor*, e era pouco após o amanhecer.

Embora eu estivesse sentindo-me “materializado”, ou talvez por isso mesmo, naquela terceira manhã, como nas anteriores, senti necessidade de alimentos. Não tardou e surgiram-me sucos e frutas, que ingeri, ou pelo menos imagino que isso aconteceu. Ainda daquela vez, as frutas eram saborosas, mas desconhecidas para mim. E, no resto do dia, também não iria sentir mais tal necessidade.

Um detalhe interessante sobre a vida naquele mundo: eu não tinha sede, acredito que os variados e deliciosos sucos que vinha ingerindo supriam-me essa necessidade.

Consciente de que detalhes de outras humanidades não estavam à minha disposição, não mais perguntei se em Júpiter, ou em outros mundos, isso também acontecia.

Faço esse relato apenas sobre o que vivi.

Feliz da vida, saí do meu aposento, para reencontrar-me com Stella.

Mas quem me aguardava era Frankov.

Indisfarçável a leve tristeza que substituiu meu “astral” e que devo ter estampado no semblante.

Bondoso, compreensivo, Frankov captou isso, logo desanuviando qualquer constrangimento:

— Bom dia, Ângelo. Tenho a honra de acompanhá-lo hoje, onde queira visitar.

Impossível não se sensibilizar com tamanha delicadeza.

Navegando num dos meus esforços de bem comportar, mantendo sempre conduta de sinceridade, desculpei-me:

— Caro amigo Frankov, perdoe minha atitude ao vê-lo, mas imaginei que seria Stella que...

Frankov aparteu-me, cavalheiro e discreto:

— ... Não há nada a desculpar. E então, posso acompanhá-lo onde pretenda conhecer mais alguma coisa daqui?

— A honra é minha, pela sua companhia. Com toda sinceridade, tantas são as coisas que gostaria de saber, de conhecer...

— Esteja à vontade, Ângelo. No que puder, eu o ajudarei.

— Se houver autorização para atender meu pedido, gostaria de visitar um departamento de estudos astronômicos, talvez um observatório...

— Claro que sim. Você gostaria de ir deslizando ou caminhando?

— Caminhando. Assim, enquanto andamos, se puder me atender, pedirei alguns esclarecimentos.

Iniciamos a caminhada.

Logo perguntei a Frankov:

— Se a civilização daqui tem cerca de nove séculos a mais do que a da Terra, isso quer dizer que...

Novamente ele cortou-me:

— Sim, Ângelo, sim: isso significa que, na média, e em tese, dentro de mais ou menos nove séculos a Terra poderá estar nas mesmas condições daqui. Contudo, veja bem: digo *podará*, pois isso dependerá da evolução do comportamento moral da humanidade terrena.

— Obrigado. Essa informação é deveras auspiciosa. Há outra informação muito instigante para mim... Gostaria de saber mais alguns detalhes de como fui trazido: em primeiro lugar, em que tipo de veículo? Pelo que me lembro dos meus estudos sobre geografia, Júpiter está muito... Muito longe da Terra...

Citei um ensaio científico terreno sobre envio de um veículo a Júpiter:

— Pelos conhecimentos terrenos são necessários cinco anos para se chegar a Júpiter. Em termos de viagens interplanetárias terrenas, a propulsão espacial hoje é similar à propulsão a vela, utilizada nos nossos séculos XVI a XVIII, isto é, naquela época ia-se para onde o vento levava, tanto quanto atualmente, no espaço, vai-se para onde a lei da gravidade permitir...

— Boa comparação, Ângelo, mas na Terra também há interessantes registros das coisas da Espiritualidade, noticiando a chegada em esferas espirituais de Espíritos terrenos, visitantes sublimes, da própria psicosfera terrena, vindos de esferas mais elevadas.

— Nos livros espíritas que li, principalmente uma série tratando da vida no mundo espiritual, de autoria de um Espírito chamado André Luiz, há, sim, registros dessas abençoadas visitas, sem utilização de nenhum veículo. Tais Espíritos materializavam-se à frente do grupo que os

recepcionava. Quanto à distância de onde vieram, bem como em que velocidade, não me recordo de ter lido nada a respeito.

— Raciocine! Não se preocupe com distância e velocidade. Lembre-se das sublimidades da Criação, dentre elas um tipo de energia que os mentores espirituais seus conhecidos sempre citavam. Em particular, uma energia atuante no campo molecular, que, manuseada sob controle, desintegra matéria num ponto e agrega todas as células desintegradas em outro local, próximo ou distante, recompondo exatamente o mesmo corpo. E detalhe fundamental: seja o corpo da densidade e volume que forem. Aliás, no livro sobre mediunidade da série que você falou há citação do aporte instantâneo de flores, vindas de longe⁴³ ...

— Sempre me maravilhei com o potencial do emprego do ectoplasma. Informações dos mentores espirituais deixam entrever que o ectoplasma, como "produto acabado", isto é, pronto para ser utilizado, em reuniões de materializações⁴⁴, ou de outros objetivos (terapêutica?) é composto por outras substâncias, além das orgânicas, do médium: potencial energético de Espíritos Siderais, e outros elementos, denominados "recursos da natureza" (águas, plantas, etc.).

Percebendo que Frankov se interessou por minhas lembranças citei:

— Li que numa sessão de ectoplasma⁴⁵, na qual o médium que emitia o ectoplasma se desdobrou, sob influxo espiritual protetor, e na sequência, aconteceu a materialização de flores, que foram distribuídas aos componentes da sessão.

Animado pela atenção que Frankov me dispensava, disse, por fim:

— Porém, das mais vibrantes notícias sobre o ectoplasma, encontrei na narração⁴⁶ de fatos estupendos, dentre os quais o de três crianças (irmãs da médium de efeitos físicos Ofélia Corrales, na República de São José da Costa Rica): estando o local da reunião mediúnica com todas as portas trancadas, as três crianças foram transportadas para uma casinha próxima; a seguir, repetiu-se a mesma operação, em sentido

⁴³ *In*: "Nos Domínios da Mediunidade", A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. 28, p. 269, 8ªEd., 1976, FEB, RJ/RJ.

⁴⁴ *In*: "Missionários da Luz", A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. 10 - "Materialização", 21ªEd., 1988, FEB, RJ/RJ.

⁴⁵ *In*: "Nos Domínios da Mediunidade", A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. 28 - "Efeitos físicos", 8ªEd., 1976, FEB, RJ/RJ.

⁴⁶ *In*: "Vida de Jesus", Antônio Lima, Ed. FEB, 1939, Rio/RJ - Cap. "Materializações".

inverso — portas trancadas, em ambos os ambientes, eis que as crianças foram trazidas de volta!

Brinquei com Frankov:

— Tudo isso sem me esquecer de uma antiga série futurística de TV “Jornada nas Estrelas”. Passado quase um século de sua criação (1966) ainda impressiona ao mostrar como os tripulantes terrenos de uma nave fantástica, a “Enterprise”, que, com a maior facilidade, estando em outros mundos, passavam por esse fenômeno de desmaterialização num local, seguido de transporte e materialização em outro... Tudo isso seguido da operação inversa, para retorno à nave.

Frankov comentou:

— Lá mesmo na Terra, no início do século vinte e um, cientistas conseguiram demonstrar o teletransporte quântico, com átomos e até mesmo com moléculas de DNA, sem transferência de energia nem de matéria. Foi um primeiro passo.

E aduziu:

— Há empregos do ectoplasma mais sutis do que o humano, agindo apenas como desintegrador-modelador. Dizem os sábios daqui que em todas as dimensões universais há o ectoplasma, variando de densidade e intensidade, de corpo celeste para corpo celeste. Essa será, talvez, a maior de todas as descobertas terrenas próximas! Quando essa energia for devidamente entendida e empregada por Espíritos altamente moralizados, acontecerá aquilo que comumente se diz sobre milagres.

Frankov dizia tudo isso com extrema naturalidade.

Fez pequeno tempo de silêncio e continuou:

— Na medicina, o ectoplasma humano, aliado ao da natureza e ao das plantas e minerais, terá o maior de todos os empregos: reconstituindo quaisquer tecidos danificados, em instantes!

— Por Deus! Jesus fez isso há vinte séculos...

— Exatamente. E o Mestre disse também que, qualquer um dos filhos de Deus que tivesse fé suficiente, poderia fazer o que Ele fazia e mais ainda⁴⁷.

Sinto imensa alegria ao registrar que em *Terramor* Jesus era conhecido e que as referências sobre Ele demonstravam estarem cientes da Sua elevação, bem como do Seu amor pela humanidade terrena.

Frankov, agora, fez pausa demorada. Depois, prosseguiu:

⁴⁷ Mateus, 17:2 (Assistência ao “endemoninhado epiléptico”).

— Porém, para além dessa fabulosa energia — o ectoplasma cósmico — , há outras em todo o universo, que o homem sequer suspeita. Refiro-me àquela sobre a qual agora lhe dou primeiras notas: é baseada numa agregação de forças que controlam galáxias e constelações. Nenhum corpo celeste está à deriva, em todo o divino complexo universal, pois unindo e posicionando-os em seus respectivos lugares, há um comando superior.

Frankov deu-me tempo para captar o que dizia.

Logo, olhando-me fixamente, repassou a seguinte frase, em tom altamente concentrado e respeitoso:

— Como quase tudo na Terra precisa de um nome para ser entendido, denominemos essa energia a que me refiro de “energia fulgurante”. Na verdade ela é mesmo utilizada num fulgor, com associação de três forças distintas: a força mental de quem a manipula, porções de ectoplasma dos corpos celestes envolvidos na grande viagem e, principalmente, um fio invisível, imponderável, inquantificável, extraído também do cosmos.

A fim de que eu alicerçasse bem a compreensão, aquele amigável “cicerone espiritual” deu um exemplo:

— Para simplificar o entendimento, digamos que você quer fazer uma viagem, de um ponto qualquer a outro, numa determinada cidade do seu mundo. O que faz, então? Primeiro, define o roteiro. Esse é o caso do primeiro componente da energia fulgurante: o pensamento, o planejamento mental, para o qual é apropriada força mental, traduzindo-se no conhecimento que tem de onde parte, para onde vai, e a que vai.

Parou por alguns instantes. Logo continuou:

— A seguir, como segunda providência, quem vai se deslocar define que veículo o transportará e utiliza-o para a viagem; se em veículo próprio, precavendo-se com a manutenção mecânica, levando vestuário e verba, em razão do tempo de viagem — ida e volta.

Feita essa digressão, seguiu:

— Essas mesmas providências são tomadas aqui, quando se trata de algum deslocamento e de quanto e como utilizar o ectoplasma, que o facilita e permite chegada em traje adequado às necessidades para onde se dirige. O ectoplasma cósmico, assim, para meu exemplo, fica sendo o segundo fator da energia fulgurante.

Nesse ponto Frankov interrompeu suas explicações. Mirou o infinito e como se estivesse em oração, complementou:

— O terceiro elemento, esse é de origem divina: para apropriar-se e utilizar-se de, digamos, uma porção desse sublime componente — que é o fator universal dessa tríplice conjunção —, há que ser Espírito de escol, com elevação moral próxima da pureza.

Detalhou:

— Como disse, é diáfano, invisível, esse elemento divino. Numa ilação bem simples, podemos apenas compará-lo a um fator que, além de inverter a lei da gravidade no espaço compreendido entre a ida e a volta do deslocamento autorizado, supre a viagem de velocidade praticamente infinita, em completa segurança!

Em atitude de grande respeito complementou:

— Essa é uma força da Natureza posta ao alcance dos que transitam pelas estradas angelicais. No Universo há outras forças divinas, à disposição das humanidades que delas se tornarem merecedoras.

Frankov colocou suavemente a mão em meu ombro e inquiriu:

— Compreendeu?

Eu estava extasiado. Não conseguia “abrir a boca”. Pasma, diante de tão “fulgurante” revelação, minha mente fervilhava. Pensamentos entrecortavam-se, a mil, em altíssimos voos de suposições.

Falava alto em minha alma a grandeza de Deus!

Pensei:

— E pensar que na Terra o homem se julga detentor de poder invencível, só porque dominou o ciclo completo da energia atômica!

Frankov captou que eu entendera suas explicações. Comentou:

— Sim, meu amigo, muitos são os que ainda ignoram praticamente tudo sobre as coisas de Deus.

E então, para variar... Nova informação surpreendente:

— Nas duas tentativas terrenas para visita humana no planeta Marte o fracasso se deu antes pela falta dos dois últimos fatores, menos por ausência de vontade e tecnologia. Enquanto a criatura não se irmanar em comportamento, respeito e gratidão às bênçãos do Criador, delas não poderá se valer, ou melhor, merecê-las.

Entendi perfeitamente. Não sabia o que dizer.

De fato, por duas vezes, unindo esforços, três das nações mais desenvolvidas da Terra, poucos anos antes da minha viagem até *Terramor* realizaram duas tentativas de colocar um astronauta pisando em Marte. Ambas, infelizmente, com perdas de vidas, sempre lamentáveis: nenhum dos dois projetos logrou êxito.

Retomando o tema sobre energia, Frankov acrescentou:

— Aqui e em Júpiter, e certamente em alguns ou em todos os seus outros satélites, a energia necessária é oriunda da eletricidade, que desempenha um papel muito mais importante que na Terra⁴⁸. Há desdobramentos sobre essa bênção que até mesmo fogem à nossa inteira compreensão, por isso não tenho condições de adiantar mais detalhes, além daqueles que inclusive na Terra são conhecidos.

Andamos um bom espaço de tempo em completo silêncio.

Ainda meditando sobre as informações que Frankov me passara, indaguei:

— Frankov, desculpe minha insistência, mas poderia explicar-me por que eu não interfeiri em momento algum da minha desmaterialização para ser trazido até aqui por ação da... *Energia fulgurante?*

— Sim. Na verdade, trazê-lo foi uma operação até certo ponto rotineira para os sábios europeanos, que designaram uma equipe para realizar o projeto, sob supervisão deles. Tal equipe foi formada por técnicos, especializados nesse tipo de operação, dentre os quais tenho a alegria de humildemente ser um deles.

E explicou:

— Por etapas: a primeira foi desativar grande parte do metabolismo do seu corpo físico que entrou, para simplificarmos, numa espécie de hibernação, a que você denomina “coma”, com o cuidado de impedir qualquer dano ou sequela quando do retorno à normalidade. Durante seu estágio em *Europa* você receberia, como está recebendo, da nossa equipe, um complemento fluídico, compatibilizando seu corpo espiritual ao nosso mundo, ao tempo que algumas das propriedades perispirituais serem intensificadas.

Pequena pausa e prosseguiu:

— Segunda providência: energizar seu corpo físico, enquanto durasse o coma, garantindo a ligação perispiritual com o chamado “cordão prateado”⁴⁹.

Dando-me tempo para reflexões, voltou a comentar:

— Numa terceira fase, propiciar algumas das propriedades que aqui você pode utilizar, pois de outra forma não lhe seria possível. Aliás, pela

⁴⁸ Detalhes sobre a eletricidade em mundos distanciados do Sol: vide questão nº 58 de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

⁴⁹ Cordão prateado: Fio invisível que liga o perispírito ao corpo físico, molécula a molécula. Seu rompimento causa a morte física. (“Livro dos Médiuns”, 2ªParte, Cap.VII, item 118).

sagrada lei da sintonia, no quesito compatibilidade cósmica, espiritual, nenhum habitante de um mundo pode ir a outro, a não ser sob cuidados de protetores e para visitas de breve duração. Isso, obviamente, para os visitantes ditos “normais”, isto é, de evolução média no mundo que habitam. Espíritos elevados, ao nível de dominarem a energia fulgurante, fazem tais deslocamentos sem quaisquer impedimentos, para qualquer mundo, sendo certo que isso só acontece em tarefas missionárias e tempo ilimitado.

Ante pausa demorada do amigo só pude balbuciar:

— Entendo o que você me diz, Frankov... Como são perfeitas as Leis de Deus, e imagino que isso para todo o Universo!

— Isso mesmo.

Numa simples caminhada, quantos ensinamentos colhi!

Chegamos a um observatório astronômico, em atenção ao meu pedido.

Notei que ali, tanto quanto na biblioteca, não havia guias...

Frankov informou:

— Aqui não há telescópio. Bastará você se posicionar em frente ao equipamento e mentalizar qual pesquisa quer fazer e logo lhe serão proporcionadas imagens e explicações.

A seguir, deixou-me à vontade para, qual criança travessa numa confeitaria, escolher o que mais me apetecesse...

Posicionei-me em frente a uma ampla tela, bem maior do que as telas da biblioteca ou a do meu apartamento. Lembrando-me de como funcionava a pesquisa em livros, repeti os comandos: tão logo me assentei, toquei levemente a tela, que no mesmo instante iluminou-se.

Obviamente, para mim, a primeira olhada seria para a Terra, a minha tão amada e tão distante casa!

Como que em oração, pelo grande respeito a Deus por toda a obra universal, pensei no planeta Terra. E o quarto filho do Sol apareceu!



A Terra e a Lua

Planeta Terra! Casa abençoada, abrigo, escola e oficina de trabalho para bilhões de seres, desde os mais rudimentares até os Espíritos elevados que o tutelam das alturas celestiais! — Pensei.

Estava embevecido e assim permaneci por largo tempo.

Frankov, em silêncio, respeitando meus sentimentos, mantinha posição de acompanhante fraterno e protetor.

Em êxtase, vendo meu mundo, pensei na minha casa e no meu pai.

Vi-o...

Emoção e lágrimas turvaram meus olhos...

Oh! Como não louvar a Deus por tamanha e tanta bondade, permitindo-me ver meu pai, àquela hora à refeição? Tive a impressão de que quase poderia tocá-lo, conversar com ele...

Não consegui impedir que as lágrimas se derramassem...

Algo envergonhado ia me desculpar, mas, oh Jesus! Vi os olhos de Frankov igualmente boiando em lágrimas, solidariamente à minha emoção. Compreendi, naquele exato segundo, porque a humanidade de *Terramor* é de Espíritos mais evoluídos: aquela não era a primeira vez que testemunhava que naquele mundo a tristeza de alguém é instantaneamente repartida com quem esteja perto, num gesto de fraternidade pura que ajuda a superar qualquer emoção ou sentimento consternado.

Nisso, pensei no meu corpo físico. Na mesma hora surgiu a imagem do hospital onde ele repousava, sob cuidados médicos, tendo expressão facial de absoluta tranquilidade! Emocionei-me mais, se possível fora...

Saindo daquele êxtase quis ver detalhes terrenos: o que eu pensava, surgia na tela, ora em imagens fixas, ora dinâmicas. Pensei mais demoradamente numa impressionante obra da natureza, por suas características: a Pedra do Baú, situada no município de São Bento do Sapucaí/SP. E logo a monumental pedra, apelidada de "A Rainha da Mantiqueira" surgiu, imponente na tela, como tantas e tantas vezes fui com meus pais para, deslumbrados, contemplá-la de perto.

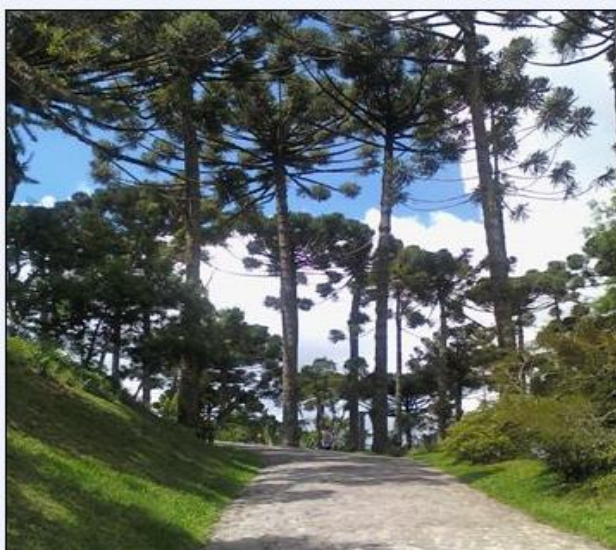
Pareceu-me ouvir papai me contando, quando me levou pela primeira vez a conhecer aquela beleza, e eu ainda era criança:

— Meu filho, com certeza essa pedra fez parte dos primeiros instantes da criação do mundo. É uma grande rocha de arenito, situada a 1950 metros acima do nível do mar. Daqui de onde a vemos não parece, mas ela mede 340 metros de altura, 540 metros de comprimento e sua largura, medida também em metro é variável, indo de 40, a 30, a 2 e até mesmo a apenas 1. Aqui é praticado alpinismo, em difíceis escaladas, havendo abismos de até 180 metros! Praticantes de voo livre, em "paraglider", ou asa delta, sempre são vistos nestes ares...



A pedra do Baú

Pensei na abençoada cidade de Campos do Jordão/SP, de onde se avista a Pedra do Baú e em cujas florestas que a rodeiam existem lindíssimas araucárias, manancial de vida, pois provisionam de alimento a milhares e milhares de esquilos, geração após geração — da flora e da fauna —, isso há milênios...



As araucárias

Frankov ajudou-me a superar o inefável clima da saudade.

Recompondo-me da forte emoção comentei e perguntei:

— A Astronomia é tão grandiosa! Será que poderei ver alguma coisa sobre os outros mundos?

— Sim, Ângelo: talvez nenhuma outra ciência aproxime o Espírito da realidade divina, quanto a Astronomia. Por ela o homem pode e deve aquilatar que a grandeza da Criação é incomensurável, perfeita, infinita! Quanto ao seu desejo de ver outros mundos, poderá sim vê-los, mas apenas dados genéricos.

Antes que eu demonstrasse qualquer decepção ou vontade de fazer nova pergunta, frisou:

— Como você percebeu na biblioteca, quando visitantes de outros mundos vêm aqui, o que quer que queiram saber, vincula-se aos respectivos níveis de conhecimento desses visitantes. De outra forma, informações fora do círculo mental de alguém produziram, não conhecimento, mas sim, perigoso desequilíbrio psicológico, emocional. No caso de sua missão, houve muita cautela, muito planejamento e

muitos cuidados para que ela fosse realizada sem quaisquer percalços: nem para o projeto de repassar informações para a Terra, nem, principalmente, à sua integridade. Assim, o que quiser ver poderá, desde que em termos astronômicos. Quanto às respectivas humanidades, só informações gerais...

A explicação era tácita, completa, definitiva: o saber é compatível à capacidade do aluno em aprender e apreender!

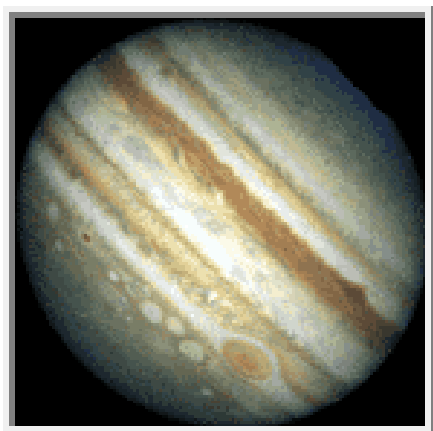
Com um gesto ameno, Frankov convidou-me a prosseguir nas minhas pesquisas.

O primeiro planeta que quis ver foi... Júpiter!

E o quase-sol surgiu majestoso à minha frente!

Primeiro, imagem apenas de Júpiter.

Depois, uma segunda, comparando os tamanhos de ambos, Júpiter e a Terra⁵⁰.



Júpiter



Comparação com a Terra

Os anéis que envolviam aquele gigante do céu do sistema solar pareciam uma festa de cores a se derramar e iluminar grande porção da vastidão que se projetava além da superfície joviana.

Detalhes mostrados na tela:

⁵⁰ A primeira imagem de Júpiter foi obtida pelo Telescópio Espacial Hubble, da NASA, em 13.Fev.1995. A segunda imagem mostra os tamanhos de Júpiter e da Terra, comparativamente.

Dados astronômicos⁵¹:

Júpiter é o maior dos planetas do sistema solar.

Esse gigante tem massa maior que a de todos os planetas juntos e é composto dos mesmos gases que o Sol (hidrogênio e hélio).

Temperatura média: -130°C.

Sua massa está somente um pouco abaixo do limite mínimo suficiente para que a contração gravitacional eleve seu centro à temperatura necessária para a fusão do hidrogênio, e, portanto para o nascimento de uma estrela. Se isso ocorresse, nosso sistema solar seria um sistema binário e desta forma não estaríamos aqui.

Anéis

Assim como Saturno, Júpiter também possui anéis que rodeiam o planeta à altura de seu equador e que se encontram 55.000km acima da atmosfera.

Satélites

São sessenta e seis luas, sendo as quatro maiores: Io, Europa, Ganimedes e Calixto. Quase sempre visíveis da Terra, esses quatro satélites pertencem à família de objetos terrestres, ou seja, são similares aos corpos do sistema solar interno, em tamanho e composição. Alguns dos satélites, na verdade.

Mentalmente fiz um pedido para ver alguns dados genéricos de como é a vida dos habitantes de Júpiter. Surgiu na tela⁵²:

Seus habitantes

O mais avançado dos planetas do Sistema Solar.

Espíritos mais depurados são os governadores.

Leis: as de Deus.

Religião: não há.

Todos professam o bem. Todos adoram um único Deus.

Pormenores da constituição dos habitantes:

- corpos grandes e bem proporcionados, de conformação semelhante à terrena, porém maiores e mais leves — opacos, diáfanos ou translúcidos, conforme o seu destino.

- o corpo envolve o Espírito sem o ocultar, como um ténue véu lançado sobre uma estátua;

⁵¹ Os dados e imagens astronômicos dos planetas são da Wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

⁵² Notas extraídas da Revista Espírita, de Março/Abril/Agosto de 1858 – redação e elaboração de Allan Kardec.

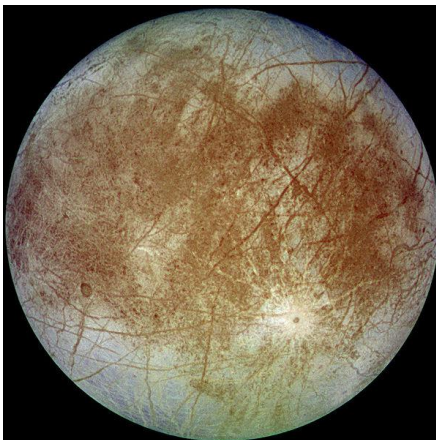
(Nos mundos inferiores o envoltório grosseiro oculta o Espírito aos seus semelhantes. Mas os bons nada mais têm para se ocultarem: podem ler reciprocamente em seus corações.)

- há diferentes sexos, como em toda parte onde exista a matéria;
- deslocam-se roçando ao solo, sem fadiga (como os peixes e as aves);
- têm conhecimento do futuro, mas com restrições;
- na morte, os corpos não são submetidos à decomposição pútrida: dissipam-se;
- alimentam-se de frutas, plantas e emanções nutritivas do meio ambiente;
- expectativa de vida: cerca de 500 anos (quase não há doenças);
- infância: dura apenas alguns dos nossos meses;
- linguagem: quase sempre de Espírito a Espírito (mas há, também, a linguagem articulada);
- ocupações: puramente intelectuais; a principal ocupação é encorajar os Espíritos que habitam os mundos inferiores a perseverarem no bom caminho;
- vidência (segunda vista); permanente, para a maioria dos habitantes;
- animais: mais inteligentes que os animais terrestres, mas sem se aproximar do nosso nível...; são encarregados dos trabalhos manuais; o homem é protetor deles.
- ainda sobre animais de Júpiter: são aqueles que no passado emigraram sucessivamente em mundos inferiores, do corpo de um animal para o de outro, em uma escala de aperfeiçoamento perfeitamente graduada. Sua aparência em alguns pontos já é próxima à do homem primitivo.

Recordei mais uma vez meus aprendizados sobre a evolução dos seres, em particular sobre animais e sua longa peregrinação até promoção ao reino hominal.

A seguir, fixei meu pensamento em *Europa (Terramor)*, um dos quatro primeiros satélites jovianos que foram descobertos na Terra, por Galileu (!), afinal, era ali que eu estava...

E, generosamente, a tela mostrou belíssima imagem de *Europa*, corpo celeste do tamanho aproximado da nossa Lua, que igualmente deslumbrou-me, pela luminosidade de sua superfície de gelos infinitos:



Europa

Abaixo da imagem havia notas:

Em 1979 chegaram a Júpiter duas sondas lançadas pelo planeta Terra, denominadas Voyager (Viajante). A Voyager 1 enviou ao seu planeta imagens de *Europa*, de baixa-resolução, mostrando um número bastante grande de linhas que se interceptavam. Estas linhas fizeram lembrar aos astrônomos terrestres os canais que outrora julgavam ver em Marte. Os cientistas pensaram tratar-se de terreno quebrado devido a processos tectônicos.

Contudo, imagens de alta resolução da Voyager 2 deixaram os cientistas terrenos surpresos, já que as linhas pareciam pintadas na superfície, sem nenhum relevo topográfico visível.

Modelos do interior de *Europa* mostraram atividade e aquecimento do interior com a formação de oceanos com 50 quilômetros ou mais de profundidade a 5 km da superfície.



Vista de Europa, de um livro de 1903, por Flammarion⁵³

As características mais fascinantes de *Europa* são uma série de linhas que parecem rabiscos por todo o globo, algumas delas atingem 1000 km de comprimento e várias centenas de largura.

Estas linhas lembram as quebras nas formações de gelo no mar na Terra, e observações posteriores mostraram que as zonas onde a crosta se quebra, ambos os lados moveram-se um em relação ao outro como acontece nos mares gelados da Terra, indicando água líquida por debaixo.

Impressionado de como lá em *Europa* havia registros do que acontecia na Terra, permaneci contemplando aqueles corpos celestes tão lindos, refletindo na grandeza da Criação Cósmica...

Visitou-me agradável verificação de algumas características de *Europa* que já havia anotado em meu relatório e conheci novos detalhes da humanidade joviana. Minha imaginação voou alto e pensei como seríamos felizes na Terra se ao menos algumas dessas condições existissem lá...

Frankov captou minha reflexão e comentou:

— É uma questão de tempo, caro irmão. Tempo, mas não apenas isso... Os Espíritos têm que se esforçar no cumprimento das Leis de Deus, principalmente a Lei do Amor... Em qualquer mundo do Universo, essa é a única forma de evoluir e assim conquistar a felicidade.

⁵³ Figura na Wikipédia como tendo sido elaborada por "K. Flammarion", provavelmente referindo-se ao consagrado astrônomo francês, espírita, Nicolas Camille Flammarion, mais conhecido como Camille Flammarion (1842-1925).

— Pouquíssimo sei sobre *Europa*, por isso gostaria de saber se a vida aqui e lá em Júpiter têm as mesmas condições...

— Não, Ângelo, nossa vida não é a mesma de Júpiter. Há detalhes tão mais sublimes sobre os habitantes daquele quase-sol que escapam a todos nós, daqui de *Europa*. O que você viu na tela, aliás, com os mesmos registros feitos por Allan Kardec, é uma síntese, dentro da capacidade terrena de entendimento.

— A morte... Como é aqui?

— Da mesma forma como todas as humanidades que conhecemos: cessa o ciclo de vida física, pelo esgotamento da vitalidade pré-determinada, com a diferença quanto à Terra de que os corpos aqui não se decompõem, entrando em degradação, e sim, apenas se desfazem, como um vapor que se integra à atmosfera. Não há tristezas na morte, pelo simples fato de que pelo merecimento, os que se querem, de um e outro plano, têm condições de reencontros, também no plano que optem.

— Vi também que em Júpiter, emanações da atmosfera, além de frutas e plantas constituem alimento. Quanto ao processo de absorção alimentar diretamente da atmosfera, imagino que seria semelhante ou mais apurado do que aquele existente em algumas instituições espirituais de cidades da nossa psicosfera⁵⁴, referente à alimentação no plano espiritual.

Frankov concordou:

— Isso mesmo, Ângelo. O princípio alimentar é o mesmo. Só ingerimos alimentos quando necessitamos. Podemos ficar até dias e mesmo semanas sem nos alimentar, o que na Terra seria classificado como jejum, com sérios danos físicos, se não a morte... Mas não é o caso em *Terramor*. Isso por que além de frutas e plantas, a própria atmosfera também nos fornece generosas doses de energias, que captamos sem perceber, através automatismos fisiológicos implantados em nossos corpos, perispirituais e orgânicos.

— O mesmo princípio para ambos os corpos?

— E por que não? Estruturalmente nosso organismo pouco difere do terreno. O que faz notável diferença entre nós e os terrenos é que todos nós eventualmente passamos de um estado ao outro, não apenas durante o sono, como a humanidade terrena, mas sim, mesmo na vigília

⁵⁴ Detalhes no livro "Nosso Lar", A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. 9, p. 55, 48ªEd., 1998, FEB, RJ/RJ

é-nos facultado acesso consciente ao plano espiritual. Obviamente, essa emancipação da alma ocorre em circunstâncias raras e quando autorizada pelos Espíritos sábios, seja para captação de instruções necessárias a alguma tarefa visando o bem comum.

Causou-me forte admiração essa importantíssima informação.

Julguei oportuno esclarecer uma dúvida que ardia na minha mente:

— Qual o procedimento neste mundo sobre necessidades fisiológicas?

— O soma, ou melhor, o corpo físico dos europeanos (ainda são de carne), possui vias de excreção bem diferente do que no plano físico terreno: em *Europa* os poros agem como receptores de alimentação etérea e também como filtros excretadores do pouco que resta de eventuais alimentos sólidos, lançando na atmosfera o desnecessário, em forma de gás inodoro.

— Há vida em todos os satélites de Júpiter?

— Essa é uma questão superior, à qual não tenho acesso. Não obstante, segundo as poucas informações que temos, em Júpiter e em alguns dos seus sessenta e seis satélites⁵⁵, há humanidades de densidade física mais sutil, relativamente à da Terra. *Europa*, por exemplo.

— Por que você se refere a "alguns satélites"? Há algum onde não existem habitantes?

— Não tenho essa informação. Aliás, em cinquenta e cinco deles, considerados "irregulares" (rotações prógradas ou retrógradas, isto é, giram na mesma direção, ou em direção oposta de suas órbitas), estão significativamente mais longe do planeta. Estes satélites eram provavelmente corpos menores que em algum momento foram capturados pela fantástica atração gravitacional de Júpiter. Aí, ficaram em órbita cativa joviana.

Informou ainda:

— Entre os quatro satélites descobertos por Galileu, que são maiores do que alguns planetas do sistema solar, três são gelados e, em Io, há extremas atividades vulcânicas, com temperaturas entre -183°C a 1.727°C! É realmente difícil imaginar que tipo de vida poderia haver nele. Mas, em sua sabedoria, os mestres permanentemente repetem que das "coisas de Deus" não sabemos nem uma milionésima parte...

⁵⁵ Júpiter tem 66 (sessenta e seis) satélites confirmados, sendo 8 (oito) massivos (do inglês "massive", cuja palavra portuguesa equivalente é maciço) - Nota da Wikipédia, (em Jan/2014), a enciclopédia livre da internet

Perguntei:

— É quanto às frutas e plantas daqui: seriam as mesmas de Júpiter?

— Sabe, Ângelo? Cada vez mais me convenço da feliz escolha de ser você a nos visitar, para depois reportar o que tenha observado. As frutas daqui são sim, as mesmas de lá. Rezam as tradições europeanas que Júpiter — assim como as aves alimentam seus filhotes no ninho até crescerem — teria abastecido de sementes variadas os corpos celestes sobre os quais mantém ascendência gravitacional e nos quais há humanidades. Isso, desde sua formação. Só não sabemos como, mas apenas como uma primeira hipótese penso na transmigração de sementes utilizando as propriedades do ectoplasma...

Esclareceu:

— Nosso complexo orgânico alimenta-se, ao contrário dos organismos humanos terrestres, majoritariamente de elementos existentes na atmosfera daqui. Na Terra há necessidade de no mínimo duas refeições diárias, geralmente acrescidas de pequenos repastos. Aqui, a necessidade alimentar é na ordem de duas ou três vezes por semana. Raríssimos são os casos de elementos impuros a serem expelidos pelo organismo. Quando isso ocorre, os poros, como já disse, são absorvedores de energias alimentares e realizam inversamente a função de expelir impurezas, que se desvanecem, desaparecendo na atmosfera. Olhou-me com franqueza e esclareceu:

— Quando me refiro a impurezas, não são apenas as provenientes dos alimentos, mas também aquelas causadas por nós próprios; eis que ainda precisamos evoluir muito.

E complementou sobre alimentação em *Terramor*:

— Quanto aos animais, a alimentação deles guarda vestígios do sabor próprio de cada espécie quando viviam na Terra. Aqui eles são devidamente tratados e atendidos em suas necessidades por tutores zoófilos. Os alimentos de cada espécie animal são colhidos por eles próprios, em plantações específicas. A digestão alimentar animal não difere muito da terrena.

Com espanto inquiri:

— Alimentação vegetariana com gosto da alimentação adequada a cada espécie animal?

— Sim. Lembre-se que o próprio progresso terreno atual possibilita alimentos orgânicos nos quais há componentes energéticos e de sabor, fruto da transgenia, dominada há décadas.

— Sobre plantações e colheitas...

— Explico melhor: há em Júpiter imensas searas de frutas e plantas nutritivas, mantidas por numerosas equipes de Espíritos cuidadores dos animais que realizam tais trabalhos. Tanto os cuidadores, quanto os animais, todos vivem em plena harmonia. Animais são tratados com muito carinho, recebem imenso cuidado e se desincumbem alegremente dessa missão. Os cuidados com os animais e tais plantações vão desde o direcionamento das emanções do Sol e da atmosfera sutil do grande planeta, até à colheita, sempre em razão das necessidades das humanidades que com ele comungam e que não os possuem.

Pensei: *Segundo Frankov, certamente os alimentos para os mundos que os necessitam são levados aos destinos através a desmaterialização na origem, recompondo-se no destino... Com emprego do ectoplasma...*

— Fico feliz com nossa sintonia. Você está ficando um craque em assuntos europeanos! — brincou Frankov, homologando meu pensamento.

Para não fugir da “minha especialidade”, perguntei:

— Desde que cheguei tenho me alimentado de frutas e plantas que jamais imaginei existirem. Desde quando existem e de que parte do Universo vieram as primeiras sementes?

— Eis uma questão cuja resposta somente os Ministros de Deus têm.

Frankov meditou um pouco, em silêncio. Logo contemporizou:

— Embora não possa responder à sua pergunta, vou dar um pequeno exemplo: vivenciei inúmeras e sagradas existências terrenas, sempre com a bênção de aprendizados constantes, a par de eliminar uma fieira de más tendências, sob a abençoada pedagogia de provas e expiações. Lembro-me, e são agradáveis lembranças, de que naquelas vivências, algumas delas no Brasil, mais ao sul, muitas vezes eu me deliciava de frutas saborosíssimas: mangas, jabuticabas, figos, pêssegos, maçãs, peras, bananas, laranjas e muitas outras. Agora, que Deus permite-me uma visão prospectiva parcial daqueles tempos, posso citar que outras daquelas vivências aconteceram na região norte das terras brasileiras. Se as frutas do sudeste são conhecidas de todos os brasileiros, já as frutas da região norte, só quem lá viveu, vive ou passa algum tempo é que conhece outras, tão ou mais saborosas do que as que citei.

Brincou de novo:

— Gaúchos, capixabas, paulistas, mineiros e mais alguns, pouquíssimos saberiam dizer o que são: *Bacaba, cupuaçu, bacuri, buriti, pupunha, tucumã, muruci, piquiá, tapereba...* São dezenas e dezenas de frutas naturais da floresta amazônica, todas muito saborosas, nutritivas, que

dão em majestosas árvores, de grande ou pequeno porte, além de lindas palmeiras e coqueiros. De várias formas essas frutas são ingeridas: doces, sucos, refrescos, farinhas... Quanto à vegetação, de um modo geral, então não há a menor possibilidade de todas as plantas serem devidamente catalogadas, e isso, apenas na grande floresta do norte brasileiro.

Exclamei:

— Por Nossa Senhora! Precisei viajar milhões e milhões de quilômetros para saber que no meu país tem frutas como bacaba, pupunha, piquiá... Complementando a informação, para mim inédita, acrescentou:

— Frutas, numa região são consumidas in natura; noutra região, através de preparo artesanal; além, através de industrialização. E assim por diante, Ângelo. Se num único país há regiões com diversidade de frutas, plantas e costumes alimentares, não será de estranhar que de mundo para mundo as formas alimentares também experimentem mudanças inimagináveis.

Pensei, recordando na hora aprendizados espíritas, sobre a dívida humana para com a mãe-Natureza, que oferta gratuitamente cerca de mil litros diários de ar atmosférico, de cuja composição o nitrogênio participa com 78% em volume, onde existe em estado livre. “Se o homem conseguisse fixar dez gramas, aproximadamente, dos mil litros de nitrogênio que respira diariamente, a Crosta estaria transformada no paraíso verdadeiramente espiritual”⁵⁶.

Agora lembrando dos meus estudos sobre o nitrogênio: Quando aprendi algo sobre ele até cheguei a considerá-lo parte do “hálito de Deus”, juntamente com o hidrogênio e o oxigênio — os três formadores da atmosfera — enquanto em estado sutil, invisíveis. Além disso, citando o carbono, os quatro são os constituintes universais da matéria viva.

Como última recordação, ainda sobre o nitrogênio, sempre me emocionei com o sublime emprego dele como líquido criogênico na indústria alimentícia (congelamento) e na medicina (conservação de tecidos e órgãos, além de terapia).

Frankov considerou:

— Tenho conhecimento pleno do que você recordou e afirmo que comungo da opinião das citadas lições espíritas, ofertadas por Espíritos sábios, constantes de livros, maioria psicografados.

Perguntei:

⁵⁶ *In*: “Os Mensageiros”, A.Luiz/F.C.Xavier, 9ªEd., Cap.42, p.222, 1975, FEB, RJ/RJ.

— Considerando que o ar daqui constitui alimento... Também tem nitrogênio?

— Sim, só que em proporção diferente da atmosfera terrena, além de em outra densidade.

Mais não disse...

Mudei o foco das minhas reflexões e comentei:

— Li notícia numa publicação séria⁵⁷, sobre a arquitetura em Júpiter, que Mozart — para nós, terrenos, consagrado músico alemão — tem uma casa lá. Há anexo na publicação, inclusive, com detalhado desenho dessa habitação, desenho esse realizado por médium desenhista, muito elogiado por Allan Kardec, que codificou a Doutrina dos Espíritos. Depois, entrevistado, mediunicamente, Mozart declarou que tem Cervantes e Zoroastro por vizinhos...

Como Frankov nada dissesse perguntei:

— Mozart, Kardec, Cervantes e Zoroastro são vultos históricos terrenos. Onde se encontram? Em Júpiter? Aqui?...

— Convido-o a refletir sobre a conveniência de ser ou não feito tal esclarecimento, e mais, divulgá-lo... Júpiter e seus satélites acolhem populações que contam aos bilhões; embora sejam bons, nem todos possuem o mesmo adiantamento. Em todos os tempos, em todos os mundos, Espíritos bondosos, mais ou menos depurados, rogam ao Pai a bênção de estagiarem em mundos nos quais seus conhecimentos sejam de providencial utilidade. Obtida a divina permissão, partem esses missionários para mundos às vezes imensamente distantes do seu, até mesmo em outros sistemas solares...

Explicou:

— Estou me referindo, caro Ângelo, a muitos que, não sendo terráqueos, na Terra marcaram indelevelmente suas vidas por atos excepcionais, do que resultaram benefícios para todo o sempre à Humanidade terrena. O mesmo raciocínio é válido, real e verdadeiro para humanidades de incontáveis outros mundos, igualmente visitadas por benfeitores alienígenas.

Frankov interrompeu um instante sua digressão.

Por indução, mais ou menos eu já sabia aonde ele chegaria...

De fato, não demorou:

— Qual o valor de uma lista exposta para você ou mesmo para nós, daqui, nomeando todos ou apenas alguns missionários extraterrestres,

⁵⁷ *In*: Revista Espírita, de Agosto/1858 – publicação mensal, a cargo de Allan Kardec.

que em todos os tempos até agora pisaram — além de alguns ora pisando — o solo da Terra, ali deixando impressas marcas do Bem, do Amor, da Caridade, das Ciências, das Artes? E mais: saber onde eventualmente estão — para quê? Considere que a lista seria imensa. Imagine, se pensarmos então nos diversos mundos do Cosmos...

Breve pausa e logo retomou:

— No Universo todo há uma equação, constante, sobre os Espíritos evoluídos: sua humildade aumenta, na proporção direta do quanto maior for sua evolução. Rogam eles ao Pai que lhes conceda o favor de que suas benfeitorias não sejam divulgadas, menos ainda proclamadas... Utilizam seus elevados conhecimentos para se manterem no anonimato, autoconcedido. Quando há proclamação de alguma de suas obras isso acontece por iniciativa que desconhecem e que é a única coisa que os aborrece, conquanto logo o esquecem e seguem servindo.

Obviamente Frankov discorria sobre a caridade sem divulgação.

Prosseguiu:

— Aonde vão, contemplam sempre o mais completo anonimato. Inclusive aqui, em *Europa*. Certamente eu e você já passamos por alguns, em nosso caminho, no entanto não conseguíramos distingui-los, posto que dominam por completo a aparência do seu revestimento espiritual... Alguns deles têm tanta luz própria que, se não a reduzissem, isso até poderia prejudicar nossa visão!

Capitulei:

— Sim, Frankov. Agradeço de coração suas explicações. Concordo com a excelsitude do anonimato nas tarefas feitas sob a égide da Caridade e o Amor. Jesus alertou sobre isso falando da mão esquerda desconhecer os feitos caridosos da direita...⁵⁸

A seguir, pensei em Saturno.

Vi-o: uma estonteante imagem!

⁵⁸ Mateus: 6:3 (A dádiva em segredo)



Saturno

Após arrefecer em parte essa outra contemplação daquela maravilhosa, a tela, como se estivesse esperando minha alma acalmar o êxtase, expôs:

Dados astronômicos:

Saturno é, como Júpiter, um planeta gigante feito de gases com um pequeno núcleo rochoso. Os principais componentes dele são o hidrogênio, o hélio e o metano.

As nuvens lá não são feitas de água como na Terra, mas de amônia, uma substância venenosa. O vento e as tempestades em Saturno são várias vezes mais fortes que na Terra alcançando velocidades de 1.800 km/h. Para perceber o quanto isso é rápido, os mais fortes furacões da Terra atingem 300 km/h.

Apesar de ser frio (-160°C), o planeta emite mais calor do que recebe do Sol por motivos ainda não completamente explicados.

É a combinação de calor com os fortes ventos que gera, por vezes, listras amarelas e douradas visíveis na atmosfera do planeta.

A superfície sólida em Saturno se limita a um pequeno núcleo rochoso cercado por gases em estado líquido. Se uma nave fosse pousar em Saturno a pressão a esmagaria.

Anéis

Durante muito tempo os cientistas consideraram que os bonitos anéis de Saturno eram uma peça única, como um grande círculo em volta do planeta.

Porém, ao contrário do que se possa pensar, eles não são feitos de um único e grande corpo e sim de rochas e gelo. Tudo, de pedaços tão pequenos quanto grãos de açúcar até grandes blocos do tamanho de casas.

Os anéis se estendem por muitos e muitos quilômetros no espaço, mas são bastante finos, apenas um quilômetro de espessura. Quando se diz "apenas" significa que se trata do espaço sideral, onde mil metros realmente constituem pequena distância.

A seguir, sobre a vida dos saturninos:

Seus habitantes:

1ª Informação⁵⁹

- saturninos são incontestavelmente superiores aos terrestres; não há vícios, nem guerras; utilizam a eletricidade na sua plena possibilidade;
- têm habitações de estilo gracioso;
- seres evolucionam-se nos ares, em "gracis movimentos";
- os habitantes dedicam-se mais à espiritualidade;
- as moléstias incuráveis lhes são desconhecidas;
- a vegetação: é diferente da terrena, pois é azulada;
- os mares são rosados.

2ª Informação⁶⁰

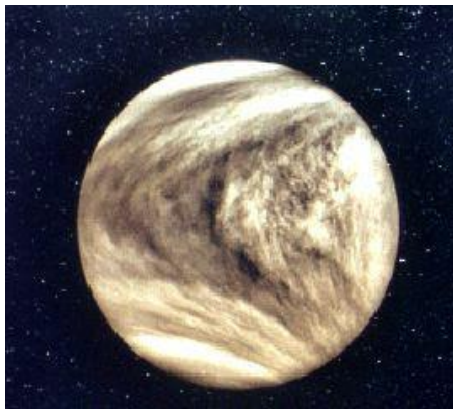
- Saturno é um mundo de paz;
- habitantes: seres evangelizados; seus órgãos de percepção são mais elevados; seus corpos são eterizados, suportando longos períodos de atividades sem alimentação (esta, feita de sucos vegetais e respiração);
- atividade religiosa: intensa, em comunhão com o Plano Espiritual Superior;
- casas não têm portas — "arquitetura" espiritual; construções, em geral, são de material translúcido e flexível (em muitos casos são edificadas construções por mentalização, de técnicos selecionados);
- tráfego intenso, silencioso e suave.

As imagens dos planetas deixaram-me enlevado.

Nesse estado da alma mentalizei Vênus e logo vi a imagem desse outro "irmão" da Terra, imaginando quais seriam as diversidades da humanidade e da vida nele, caso isso fosse realidade...

⁵⁹ *In: "Cartas de uma morta"* - Livro do Espírito Maria João de Deus (mãe de F.C.Xavier), psicografia de F.C.Xavier - de 1935, cuja segunda edição, de 1937, aparenta ser "edição própria". Desse livro há uma 8ª edição, de 1978, da LAKE, SP/SP, a cargo do Deptº Editorial Caminheiros do Bem.

⁶⁰ *In: "Às margens do rio sagrado"* - Edgard Armond, 1ª Ed. 1979, Editora Aliança, SP/SP.



Vênus

Como nas imagens anteriores, a tela parecia radiografar minha alma e só após algum tempo é que surgiam ali dados possíveis para meu conhecimento:

Dados astronômicos:

No topo das nuvens sopram fortes ventos (350 km/h). Já na superfície, ao contrário, os ventos são lentos, poucos quilômetros por hora.

A pressão atmosférica de Vênus na superfície é de 90 atmosferas (aproximadamente a mesma pressão que a de 1 km de profundidade nos oceanos da Terra).

A atmosfera é composta na maior parte por dióxido de carbono. Existem várias camadas de nuvens com muitos quilômetros de espessura, compostas de ácido sulfúrico.

Essas nuvens obscurecem completamente a nossa visão da superfície e produzem efeito estufa que eleva a temperatura da superfície de Vênus em cerca de 480°C.

Nesse calor, o chumbo é fundido.

Vênus tem a superfície mais quente que a de Mercúrio, embora sua distância do Sol seja o dobro.

Acredita-se que Vênus tenha tido grandes quantidades de água como a Terra, mas toda ela ferveu, o que justifica as nuvens sulfúricas "eternas".

Vênus é hoje completamente seca.

Decifrar o que aconteceu com Vênus é motivo de pesquisa astronômica, pois sendo similar à Terra em tamanho, com isso se possa aprender muito...

Entre todos os planetas do sistema solar, Vênus é o mais semelhante à Terra em estrutura e tamanho. Apesar disto, é improvável que algum dia astronautas possam pousar em sua superfície. Vênus é um planeta letal para o homem. Sua elevadíssima temperatura (480°C) e a composição de sua densa e venenosa atmosfera não permitem a presença humana, nem por poucos instantes.

Seus habitantes⁶¹:

- ar: impróprio para os terrestres; sutil, como o das altas montanhas terrenas; mar profundo e calmo; divisões, querelas e guerras são desconhecidas; artes sublimes substituem a indústria terrestre;
- habitantes: semelhantes aos da Terra; têm adoração constante e ativa ao Ser Supremo, sem cultos;
- alimentação: à base de frutas e de laticínios; ignoram nutrição por carne; não existem doenças;
- expectativa de vida: mais longa do que a terrestre; a velhice é o apogeu da dignidade humana;
- vestes: uniformes, grandes túnicas brancas.

Emocionado com aquele fantástico observatório astronômico, quis ver o que nele estava registrado sobre o planeta Marte, na Terra conhecido como "o planeta vermelho". Não evitei um sentimento de compaixão para com os astronautas das duas missões terrenas que buscaram levar um homem ao solo marciano, ambas não prosperando e culminando com a trágica perda de vida deles.

A tela iluminou-se e surgiu o sonhado mundo de uma viagem humana.



Marte

⁶¹ *In*: Revista Espírita ,de Agosto/1862 – publicação mensal, a cargo de Allan Kardec.



Comparação da Terra e de Marte

Concedendo-me tempo para observar e arrumar minhas ideias sobre Marte, a tela, como já fizera com referência aos planetas já vistos por mim, mostrou:

Dados astronômicos:

Marte é o quarto planeta a contar do Sol e tem muitas afinidades com a Terra.

Assim como o planeta Terra, Marte tem um dia com duração muito próxima do dia terrestre e o mesmo número de estações durante o ano. Marte também tem calotas polares que contêm água e dióxido de carbono, gelados, um imenso desfiladeiro, planícies, antigos leitos de rios secos e até mesmo um lago congelado, descoberto há não muito tempo.

Os primeiros observadores modernos terrestres interpretaram as mudanças superficiais do planeta de forma ilusória, que contribuiu para conferir uma ideia quase mítica. Primeiro foram os canais, depois as pirâmides, o rosto humano esculpido e a região de Hellas no sul de Marte que parecia, sazonalmente, encher-se de vegetação.

Tudo isso levou a imaginar a existência de marcianos com uma civilização desenvolvida.

Hoje sabemos que pode ter havido água abundante em Marte e que formas de vida primitiva podem ter existido.

Seus habitantes:

1ª Informação⁶²

⁶² *In:* Revista Espírita, de Março/1858 – publicação mensal, a cargo de Allan Kardec.

Vida: inferior à da Terra.⁶³

2ª Informação⁶⁴

- "Marte é a primeira encarnação dos demônios (sic) mais grosseiros;
- (...) são seres rudimentares;
- (...) sua vida é curta;
- (...) não são canibais".

Sua vida beira à vida da "idade da pedra", da Terra; lá, os mares são "furiosos" e não permitem a navegação.⁶⁵

Frankov considerou adequado que aquela visita fosse encerrada.

Em companhia e a convite dele, deixei o observatório.

Não saberia precisar quanto tempo estivemos lá.

Estava sumamente comovido.

Não me animei a nenhum comentário sobre o que vira, apenas busquei memorizar tantas informações, de forma a não perdê-las.

Chegando ao edifício do meu aposento Frankov abraçou-me, como se fosse uma despedida... Raras vezes em minha vida experimentei tanta fraternidade.

— Obrigado, amigo, por sua companhia — disse Frankov, invertendo completamente a realidade: eu é que estava grato a ele por me acompanhar e me esclarecer sobre tantas coisas.

Em meu aposento fiquei longo tempo pensando naqueles mundos.

Fiz todos os registros que memorizara.

Também não posso precisar quantas horas demandaram meus registros. Sei apenas que demorei bastante. Ao terminá-los, o sono venceu-me e adormeci.

⁶³ In: Obs.: Esse registro corrobora a longa "nota de rodapé" inserta na questão nº 188 de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec – Nota do Autor

⁶⁴ In: Revista Espírita, de Agosto/1860 – publicação mensal, a cargo de Allan Kardec.

⁶⁵ Obs.: Vejo aqui outra nota corroborando a questão nº 188 de "O Livro dos Espíritos" – Nota do Autor

8

O Lago Alegre

Ao acordar, fiz uma revisão do que já tinha registrado.

A seguir, saí novamente para passear.

Como se soubesse que eu ia a um passeio, “se soubesse, não”, ele sabia: Marcelyus estava me esperando no portal do edifício.

— Olá, Ângelo: bom dia. Se você não se importar eu gostaria de fazer companhia na sua caminhada.

— Bom dia, Marcelyus. Além de ser muito bom, é uma honra tê-lo ao meu lado, pois há mesmo algumas lacunas nas minhas observações e acredito que você poderá clareá-las.

— Com o maior prazer. Aliás, Augustiel recomendou-me ofertar-lhe mais instruções, mesmo algumas que você não tenha levantado como dúvida ou como simples esclarecimento. Vamos andar?

Dessa vez Marcelyus tomou rumo bem diferente dos que até então eu havia caminhado. Após uma boa caminhada, em silêncio, chegamos a um imenso lago, que eu jamais suspeitara existir ali. Vi e fiquei boquiaberto com um dos mais belos espetáculos: as águas do lago eram inteiramente iluminadas, deixando inclusive ver o fundo, cristalino. Nele, peixes de variados tamanhos e cores nadavam em grande sossego. Com eles, incontáveis golfinhos, brincalhões.

Marcelyus informou:

— Este é o *Goja Lago* (“Lago Alegre”).

— Como essa maravilhosa iluminação foi conseguida?

— Repito que tudo neste mundo, que carece de energia, utiliza a eletricidade, com domínio avançado de aproveitamento. Para você ter uma ideia aproximada da grandeza de Deus, pense os anéis que circundam Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. São deslumbrantes, não é mesmo?

— Sim, Marcelyus, anéis planetários são maravilhas da Criação.

— Pois é, como tudo que Deus faz, os anéis não são apenas para deslumbramento celestial e sideral... Funcionam quais se fossem fantásticas células fotovoltaicas, captando a energia que chega até eles a bordo dos raios solares, transformando-a em eletricidade, num

sistema considerado direto! Como os anéis circundam todo o planeta, essa captação ocorre em tempo integral! Depois, essa energia passa por conversão, transformando-se em energia luminosa, mecânica ou térmica — elétricas. O sistema de distribuição da energia armazenada à utilização é inteiramente através de ondas curtíssimas. Você não verá grandes redes de distribuição, nem instalações elétricas de motores e abundante fiação. Tudo funciona num sistema avançado que, para simplificar o entendimento, eu diria aproximadamente similar ao que na Terra acontece por “controle remoto”, além do emprego de outras refinadas técnicas de *wireless*⁶⁶.

Nesse ponto de tão transcendentais informações, Marcelyus sugeriu um passeio pelo lago, atravessando-o até a margem oposta. Ao nos aproximarmos, golfinhos vieram nos cumprimentar, brincalhões e amigos. Marcelyus acarinhou muitos deles. Foi-me irresistível não fazer o mesmo. Tive a nítida impressão que estavam festejando nossa presença.

Marcelyus comentou:

— São animais dóceis e inteligentes, além de altruístas. Vieram da Terra, onde realizaram tarefas de salvamento de pessoas que estavam afogando, além de serem verdadeiras bússolas para direcionamento de navegação de pescadores à deriva. Estão sempre de bom humor e amigáveis. Aqui seguem seu roteiro evolutivo, qual se estivessem “de férias”.

Alguns barcos estavam ancorados nas margens. Entramos num deles e novamente Marcelyus acariciou os golfinhos que se encostaram ao barco, até ao alcance de nossas mãos. Também acariciei algumas daquelas alegres criaturas, com o que igualmente fiquei alegre.

No barco não havia painel de indicação, nem quaisquer outros instrumentos que lembrassem os veículos terrenos. À frente do assento que Marcelyus ocupou iluminou-se uma minitela de cristal, do tamanho de um livro e, a um suave toque dele nela, o barco começou a deslizar suavemente sobre a superfície do lago.

Os golfinhos, mostrando a alegria de viver e nadar ali, foram companheiros do início ao fim da nossa viagem, fazendo incríveis piruetas no ar, quais exímios acrobatas e mergulhadores.

⁶⁶ *Wireless* (anglicismo = sem fios) – Nota da Wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

Fizemos agradável viagem até a outra margem, a cerca de uns três quilômetros. Marcelyus, sempre com comando manual da destra sobre o tal “painel” iluminado.

Mesmo de longe avistei vários prédios, cada um de uma cor. Quando ancoramos e deixamos o barco, Marcelyus informou:

— Vou conduzi-lo a uma visita às escolas desta cidade.

Em passo lento observei prédio por prédio, no alto dos quais luzes coloridas informavam, sempre em Esperanto, a atividade pedagógica ali desenvolvida: *Astronomio* (“Astronomia”); *Pentroarto* (“Pintura”); *Muziko* (“Música”).

Pedi a Marcelyus para visitarmos esse último prédio.

Entramos.

Enorme salão, redondo, sem quaisquer dependências. Dezenas de crianças brincavam, sem algazarra, sem exageros. Nenhum professor...

Olhei para Marcelyus, como que o interrogando e ele disse:

— Não se espante, Ângelo. Essas crianças permanecem aqui poucas horas. Vêm aqui quando querem e se retiram também quando decidem.

— Mas... E professores? Não há?

— O período infantil é curtíssimo aqui: não mais que alguns meses. Nessa fase, os pais é que os instruem, em suas casas. O que na Terra compreende a adolescência e a juventude, aqui transcorre igualmente à infância, isto é, em bem menor espaço de tempo. Por outro lado, como já foi informado a você, a existência física em *Europa* dura em média o dobro da terrena. Assim, o que vemos agora é um centro de conagração.

— Quanto à alfabetização...

— Diferentemente da Terra, a reencarnação não vem completamente destituída das lembranças das vidas anteriores — os conhecimentos e diretrizes práticos para a atual existência, e que foram adquiridos em outras vidas, despontam já a partir dos citados períodos da adolescência e juventude. O que você chama de “alfabetização”, na realidade é o curso feito em cerca de dez anos, na medição terrena. Acontece uma única vez, quando o Espírito tem a graça de ter a primeira reencarnação em *Europa*. A cada reencarnação, na infância, adolescência e juventude a memória vai paulatinamente se abrindo para os conhecimentos então acumulados nas vidas anteriores, até ali.

Acrescentou:

— Junto às famílias onde nascem os europeanos, os filhos recebem dos pais e familiares ensinamentos que eventualmente ainda não possuem.

Não é raro que, ao contrário, seja essa criança que ensine aos pais algo que eles desconheciam... Tudo muito simples, assim.

Hum... Agora é Marcelyus que conta uma coisa fantástica dessas e me diz que "tudo é muito simples..." — pensei.

Mostrando ter captado meu pensamento ele respondeu:

— Perdoe, não quis diminuir o sistema terreno de aprendizado. O que deveria ter dito é que essa bênção é uma conquista de duros embates ante os sentimentos contrários à paz. O esquecimento de vidas anteriores, por enquanto, na Terra é uma dádiva divina, posto que, do contrário, as guerras seriam permanentes, multiplicando-se ao infinito.

Deu-me um tempo para reflexões e a seguir:

— Aqui, em parte, os relacionamentos de outras vidas também não constam da nossa memória. Não obstante, por vezes, espontaneamente, emerge alguma lembrança de existência física anterior, geralmente com o objetivo de dissipar pequenos desajustes.

— Sim, caro amigo Marcelyus. Não imaginei que você diminuiu os esforços pedagógicos terrenos. Apenas fiquei deslumbrado com sua informação. Ademais, sou dos que realmente consideram presente de Deus o esquecimento do passado, pois sem ele as relações sociais terrenas, que nem sempre primam pelo carinho, fraternidade e respeito, tornariam a vida insuportável.

Perguntei:

— Se as crianças vêm quando querem e saem daqui também quando querem, como é que seus pais as trazem e levam de volta?

— Tanto para vir, quanto para voltar, elas utilizam os barcos que vimos ancorados nas margens. Não há necessidade de adultos trazerem-nas, nem vir buscá-las. Os barcos são programados para essa travessia e basta alguém entrar neles e acionar o pequeno comando como o que fiz, para que automaticamente eles a realizem.

— Não há nenhum tipo de perigo, algo assim como não se lembrar de onde residem, ou passar da hora de voltar?

— Não, não há. Os pais mantêm contato mental permanente com os filhos, orientando-os quanto a isso, o que é feito com muita serenidade, sem qualquer possibilidade de atrito.

Lembrei-me de como no início deste século os telefones celulares possibilitaram permanente contato dos pais com seus filhos, como de resto, de pessoas com quaisquer outras pessoas que os possuíssem.

Com a maior naturalidade Marcelyus deu mais uma informação incrível:

— As escolas foram posicionadas após o lago, de forma que as crianças, ao se dirigirem a elas, ou delas retornarem, sejam magneticamente fortalecidas pelas águas que, como você viu, parecem que são iluminadas, mas na verdade têm forte magnetismo, produto do reflexo da luz solar e da luz de Júpiter, conjugadas.

Acrescentou:

— As águas são marinhas, sei que sabe disso, porque viu os golfinhos. O grande mar existente em *Europa* tem comunicação com os lagos, iguais a este e existentes em cada cidade. Os lagos, em razão da grande quantidade de energia acumulada nos mares, são verdadeiras pilhas de energias revigoradoras para os europeanos.

Inquiriu:

— Você não se sentiu mais forte, mais bem disposto, quando fizemos a travessia?

Era verdade: eu tinha mesmo sentido isso, mas atribuí à minha emoção ao ver aquelas águas maravilhosamente iluminadas: um verdadeiro “lago encantado”.

Convidou-me a conversar com algumas crianças, a meu critério.

Quando me dirigi ao grupo infantil, as crianças olharam-me com simpatia e se aproximaram.

Dirigi-me a um menino, talvez de uns cinco anos e indaguei:

— Qual a brincadeira que você mais gosta?

— Imitar um ou outro dos *sete sábios gregos*⁶⁷.

Espanto maior não poderia visitar-me à mente. Demorei algum tempo para me refazer e colocar meus pensamentos em ordem. Para disfarçar fiz outra pergunta:

— Qual seu nome e qual sua idade?

— Chamo-me Ijob. Tenho onze meses.

Ah! Essa quase me provocou uma “parada cardíaca”: como é que uma criança de onze meses fala em *sábios gregos*? — pensei.

Outra vez Marceyus captou minha pergunta e respondeu:

⁶⁷ Aos Sete Sábios da Grécia eram atribuídas grande quantidade de máximas e preceitos - sentenças proverbiais -, por todos conhecidas. Algumas eram tão famosas que foram inscritas no templo de Apolo em Delfos. A lista dos Sete Sábios não foi sempre a mesma, mas a mais difundida, do tempo de Platão, é a seguinte: Tales de Mileto, Periandro de Corinto, Pítaco de Mitilene, Bias de Priene, Cleóbulo de Lindos, Sólon de Atenas e Quílon de Esparta – Nota da Wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

— Não se esqueça de que os nossos onze meses correspondem a cerca de cinco anos terrenos. As crianças ainda não desenvolveram por completo a capacidade do diálogo mental, o que acontece, na média, quando completam dez anos, sempre pela medição cronológica terrena. Assim, o que essa criança respondeu é fruto de conhecimento que adquiriu em muitas vidas passadas e conforme expliquei não se apaga a cada nova existência orgânica, e sim, só aumenta.

— Quando ocorre a alfabetização?

— Apenas na primeira existência neste mundo, pois já a partir dela não há esquecimento dos aprendizados anteriores. Nas demais existências, o que já sabiam e o que aprendem acompanham-nos conscientemente.

— O que estudam então?

— As Leis de Deus, fundamentalmente: humildade, compaixão, indulgência, perdão, temperança, gratidão, caridade e demais virtudes. Do ponto de vista moral, quando o aluno vivencia o amor ao próximo em tempo integral, para você entender pelo sistema pedagógico terreno, isso corresponde à aprendizagem máxima, algo assim como doutorado, mestrado e pós-mestrado. As Leis Naturais são também agenda curricular natural e permanente. A astronomia constitui incomparável aprendizado, já que, cedo ou tarde, quase que todos nós faremos estágios voluntários em outros mundos, levando às suas humanidades, alguns dos conhecimentos que conquistamos.

Construiu uma belíssima metáfora:

— Quem pauta sua vivência na prática das virtudes, de forma espontânea e, repito, em tempo integral, é qual o garimpeiro que encontra uma valiosíssima mina contendo várias pedras preciosas, maioria diamantes, que são doados. Cada ação praticada em favor do próximo, um tipo de gema. Amar a Deus e ao próximo corresponde ao encontro dessa mina, seguida das doações.

Ainda sobre os assuntos estudados em *Europa* Marcelyus completou:

— A título de informação, recebemos também, e isso sempre, aulas de conhecimentos gerais, não apenas sobre *Europa*, mas sobre outros mundos, outras humanidades, aprendendo sobre leis universais.

— “Recebemos”? Então você também é estudante?

— Os estudos em *Europa* são para todos e são ministrados durante a vida toda e não apenas por períodos seriados.

— Quem são os professores?

— Nossos sábios, na maioria das aulas. Porém, Grandes Mestres de outros planetas, às vezes são convidados a nos visitar. São lições “de

ponta”, transcendentais. Transmitem-nos ensinamentos preciosos de como formar ferramentas para uso individual da evolução moral. Jesus é um desses Grandes Mestres. Muitos de nós temos a bênção de nos lembrar d’Ele, passados tantos séculos de quando éramos habitantes da Terra e Ele nos visitou, então, como um de nós.

— Isso significa que... Nem todos os que nascem aqui pela primeira vez não são remanescentes da Terra?

— Não, obrigatoriamente. Temos Espíritos de Marte, de Saturno, de Urano e de outros mundos mesmo fora do sistema solar que conhecemos. Os que vieram da Terra, de fato têm maiores conhecimentos daquele mundo do que um que seja de Urano. Ou então, aquele que mesmo não sendo da Terra, decidiu aprofundar conhecimentos sobre a História da Terra porque isso o agradou. O fato de Ijob dizer que sua brincadeira predileta é imitar os sete sábios gregos se explica porque, quando estudou sobre eles, gostou e agora o demonstra ao grupo, divertindo os amiguinhos que o ouvem, bem como se divertindo também.

Marcelyus sugeriu:

— Experimente pedir a ele que faça uma imitação qualquer...

Dirigi-me a Ijob e pedi-lhe:

— Por favor, se você quiser, poderia imitar um daqueles sábios?

— Sim, senhor. Com muita alegria. Vou agir e falar como imagino que eles faziam.

Assim dizendo, a criança fez algo que eu me assustei muito: fechou os olhos e ficou imóvel, concentrando-se. Lentamente sua aparência foi se modificando... Aos poucos cresceu em tamanho, os cabelos ficaram enroladinhos em tufo redondos, surgiu bigode e uma expressão enérgica, tal como a Grécia mostra Tales de Mileto ao mundo (figura 1).



(figura 1 – Tales de Mileto – um dos Sete Sábios da Grécia)

Fiquei impressionado com o emprego da plasticidade e a transformação que Ijob conseguiu sobre seu próprio corpo.

Transfigurado em Tales de Mileto, segundo a imagem que se tem dele na Terra disse com voz rouca:

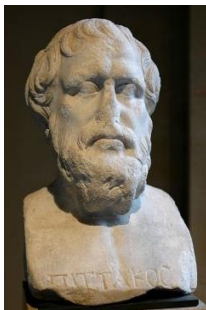
— *Sou Tales (de Mileto) – Matemático e filósofo grego; nasci em Mileto, antiga colônia grega, na Ásia Menor, atual Turquia, por volta de 624 ou 625 a.C.. Morri... Não lembro se em 556 ou 558 a.C.. Escutem o conselho que dei aos meus discípulos:*

Espera receber de teus filhos, quando fores velho, o mesmo tratamento que dispensaste a teus pais.

Incrível! Não há outra expressão.

Grande admiração, minha, de Marceiyus e das outras crianças.

Voltando ao normal, logo Ijob fez nova concentração e nova transfiguração (!):



(figura 2 – Pítaco de Mitilene – Um dos Sete Sábios da Grécia - cópia romana de um original grego)

Com voz bem arrastada disse:

— *Sou Pítaco de Mitilene – Nasci em 650 e morri em 570 a.C., bem velhinho, só com oitenta anos.*

As crianças riram, pois na Terra aquela idade não era igual à deles.

O menino prosseguiu:

— *No começo da minha vida lá na Terra passei a prepotente e me transformei num tirano.*

Dizendo isso o menino fez cara de mau, de monstro, contorcendo-se qual um pião prestes a parar.

“A molecada” caiu na gargalhada.

Eu e Marceiyus também...

Continuou a encenação:

— *Arrependi-me em tempo e abdiquei do poder que tinha. Fiquei longo tempo em reflexões sobre as Leis de Deus, que tão bem conhecia.*

Passei a ensinar a muitas pessoas que apreciaram meu arrependimento, aconselhando-as assim:

Ama a educação, a temperança, a prudência, a verdade, a fidelidade, a experiência, a gentileza, a companhia dos outros, a exatidão, os cuidados domésticos, a arte e a piedade.

Algumas crianças, emocionadas e felizes, deram abraços efusivos no grande imitador, que retornou à sua expressão natural.

Animado, Ijob avisou:

— Vou fazer a última brincadeira.

Olhou para Marcelyus, como que pedindo autorização para o que faria.

Marcelyus, obviamente captou o que seria e aprovou, na hora.

E o menino, dessa vez, não se transfigurou.

Com “voz de fantasma”, mal começou a falar e as crianças riram:

— *Sou Cleóbulo de Lindos. No meu tempo lá na Grécia não me consideraram sábio. Só depois que morri é que passei para a lista dos sete sábios. Acho que foi por causa do conselho que andei espalhando lá para os homens:*

Casa com uma mulher da tua condição; se casares com uma rica, em vez de sogros, arranjarás patrões.

Dito por uma criança “de onze meses” a piada funcionou.

Todos caímos na gargalhada.

Abracei o menino e ele me transmitiu muita fraternidade.

Despedimo-nos da turma e nos retiramos.

Marcelyus sugeriu que visitássemos outras escolas, mas antes comentou que Ijob não se transfigurara em Cleóbulo porque talvez esse sábio nem sequer existiu, de fato.

Caminhamos um pouco e Marcelyus deixou a meu cargo escolher qual escola. Ouvindo música ao piano vindo do interior, essa foi a escola que escolhi. Quando chegamos à entrada do prédio a música que ouvíamos cessou. Entramos. Num palco de teatro estavam muitos adolescentes, todos sentados de frente para a plateia, naquele momento vazia, onde eu e Marcelyus também nos acomodamos. Uma mulher, que deduzi era a professora, fez um pequeno gesto e os adolescentes se levantaram, cumprimentando-nos, apenas com um meneio de cabeça — a mim e Marcelyus.

Retribuímos o cumprimento, da mesma forma.

Com os alunos sentados, Marcelyus informou: esta é uma escola de música. Esses jovens tocam piano e estão treinando parceria total na execução...

Olhei à volta e não vi nenhum piano.

Marcelyus deve ter captado minha reflexão, pois informou:

— Observe que cada adolescente tem à mão um objeto. Consegue identificar qual é?

Olhei mais atento. Pareceu-me que cada um tinha... Uma tecla de piano em cada mão, de forma que, olhando apenas para as teclas, vi perfeitamente um teclado normal. Três jovens do centro, além de segurar teclas também eram responsáveis pelos pedais, acoplados aos seus pés.

— É isso mesmo que você pensou. Os jovens, lado a lado, constituem um piano. Aguarde e verá como eles executam a música.

No silêncio que se seguiu pude rapidamente contar: cinquenta e duas teclas claras, trinta e seis escuras e três pedais. Lembrei-me que esse era o número de teclas e pedais, da maioria dos pianos... Na Terra.

A professora fez um pequeno aceno e o que presenciei talvez não tenha paralelo, além de grande dificuldade para explicar: segundo uma partitura que foi instantaneamente projetada no ar, qual um holograma, cada jovem, com grande precisão, intensidade e harmonia, tocava num determinado ponto das suas teclas e elas emitiam o respectivo som, como se de fato, ali estivesse um pianista executando uma melodia. Toques em teclas e nos pedais eram simultâneos.

Marcelyus, num relance, explicou-me:

— Para seu entendimento, simplificadamente: as teclas e os pedais contêm dispositivo ultrasensível que capta e reproduz o som desejado por quem as manuseia...

De surpresa em surpresa (*Terramor*, definitivamente, não tem jeito... é o mundo das surpresas, ao menos para mim...) a música que invadiu todo o grande anfiteatro era o Concerto número um de Tchaikovsky!

A execução era maravilhosa!

Senti-me transportado ao paraíso!

Ao término, quase que num impulso, intentei aplaudir, de pé e estrepitosamente... Pois então, essa não é a forma terrena de manifestar entusiástica aprovação?

Só que eu não estava na Terra... Lembrei-me a tempo...

Apenas com o olhar Marcelyus confirmou-me que não deveria fazer aquilo. E para que eu não me melindrasse, num gesto de paz, induziu-me a olhar para mim mesmo... Por Deus! Não sei como meu coração pôde aguentar tanta e tamanha emoção: meu peito estava iluminado,

de dentro para fora, tal e qual eu presenciara no anfiteatro essa forma tão expressiva das pessoas aplaudirem.

Desnecessário aduzir que Marcelyus brilhava, muito mais que eu.

Mas ali não havia uma competição, entre nós dois: o fato de me ver com luz interior, não importando a intensidade, representava que eu estava sob as bênçãos de Jesus.

A professora e os alunos agradeceram. Dei-me conta que estava com as faces molhadas, pois minhas lágrimas, de felicidade e encanto, testemunharam o quanto a música é sublime!

Retiramo-nos e Marcelyus parece que queria provar minha saúde cardíaca:

— Hoje treinaram piano. Voltarão outros dias até alcançarem a possível perfeição. Depois treinarão violino, viola, violoncelo, contrabaixo. A seguir, instrumentos de sopro, depois de percussão. Enfim, aprenderão a tocar todos os instrumentos de uma boa orquestra sinfônica. Após anos e anos de dedicação, qualquer um deles terá conhecimentos suficientes para se tornar maestro, dependendo de vocação individual e do livre arbítrio.

Não tive condições de aquilatar toda a extensão de tão incrível capacitação musical.

Decidi naquele momento: nada mais em *Europa* iria me surpreender!

Mas minha decisão submergiu no segundo seguinte, quando comentei com Marcelyus:

— Grande coincidência, essa dos jovens executarem aquela música, que é a minha preferida...

Ao que Marcelyus respondeu:

— Não, Ângelo, não foi coincidência. Há uma semana eles estão ensaiando essa música, desde que foram informados de que você provavelmente visitaria a escola de música.

— Mas eu escolhi aleatoriamente aquela escola...

— Será? Neste planeta o que mais se verifica é um intenso magnetismo administrando muitas das nossas ações, vez que a emoção emite onda própria que, captada, transforma em realidade o que se pensa.

— Já verifiquei isso quase que desde meu primeiro momento aqui. No "Paço das Bem-Aventuranças" também há bênção de nossas emoções serem transformadas, caso específico da música que se pensa.

Marcelyus contou:

— Desde nosso primeiro contato pudemos captar algumas coisas e preferências da sua personalidade.

Inquiri:

— Visitamos uma escola de música. E as demais, do que tratam?

— A escola das crianças é destinada mais aos Espíritos que nascem em *Europa* pela primeira vez. Quanto à escola de música, é atividade pedagógica de lazer. Há outras escolas de lazer, voltadas para artes em geral. Mas, a maioria das nossas escolas destina-se ao estudo da prática das virtudes, o que significa pautar a vida pelas Leis de Deus.

Antes que eu perguntasse, Marcelyus informou:

— Aqui não há provas ou exames de suficiência. Também não há série, nem grau, nem diploma. A duração da frequência às escolas é uma decisão individual de cada aluno. Isso ocorre porque nem todos se capacitam ao mesmo tempo, como por exemplo, na Terra, quando a grade escolar tem prazos estipulados para início e fim das aulas, bem como sequenciamento de aprendizados, com os respectivos diplomas de conclusão de curso, com aproveitamento, nível a nível pedagógico.

Bastante compenetrado completou:

— Cada aluno é o inspetor e juiz de si mesmo.

— Há prática de esportes aqui?

— Competições esportivas como na Terra aqui não existem. A competição, de qualquer espécie, há séculos foi sumariamente eliminada das nossas atividades.

Pensou um pouco e continuou:

— Além das atividades artísticas diárias que você viu no anfiteatro são realizados de quando em quando congressos de arte onde os artistas que quiserem mostram suas realizações, pinturas, esculturas, poesias, novos livros, representações teatrais. Não há júri para opinar qual obra é melhor, ou mais perfeita. O que há é apenas contemplação de tudo o que ali é mostrado.

Brincou:

— Você já é considerado respeitável artista, depois do poema tão simbólico que declamou em dueto com Stella.

Prosseguiu:

— Afora declamações de poemas, de canto solo ou coral, há também reuniões para concertos musicais, de compositores locais ou de outros mundos.

Pedi a Marcelyus:

— Se possível, antes de terminar este proveitoso passeio, gostaria de visitar uma das escolas que estudam sobre as virtudes.

Com muita amabilidade, Marcelyus pediu que eu sugerisse qual:

— Há uma lição *n'O Evangelho segundo o Espiritismo*⁶⁸, no Cap. 17, "Sede perfeitos", que trata das qualidades do "homem de bem", enaltecendo o respeito a Deus e o amor e a misericórdia para com o próximo. Para mim, esse é o capítulo mais importante, belo e profundo daquele abençoado livro. Será que poderíamos visitar uma escola que tratasse de algo semelhante?

Dessa vez fui eu que causei surpresa a um europeano, no caso, o amigo Marcelyus!

Por Júpiter! Pela primeira vez, consegui!!!

Demonstrando alegria e algum espanto ele "confessou":

— Que maravilha, Ângelo: esse capítulo é mesmo belíssimo. Aprecio-o por demais! Estou surpreso que você o tenha escolhido!

Fiquei feliz. Desnecessário, mas se confirma que das lições daquele abençoado livro emergem uma constante: o Bem não se circunscreve — ele é universal.

Entramos em uma avenida marginada de árvores frondosas, altas, nas quais os ventos faziam os galhos se movimentarem como num gracioso balé espacial.

Marcelyus informou:

— Esta é a *Avenuo de Virtoj* ("Alameda das Virtudes").

Caminhamos, passando por vários prédios enfileirados, com amplos jardins na frente de cada, contendo inscrição indicadora da virtude ali tratada: *La Vero* ("A verdade"); *La Paco* ("Paz"); *La Espero* ("A Esperança"); *La Pacienco* ("Paciência"); *La Toleremo* ("Tolerância").

Estacionamos junto ao prédio *Mizerikordo* ("Misericórdia").

No grande salão a luminosidade interior era intensa.

Música ambiente, quase imperceptível.

Ali apenas se encontravam adultos, homens e mulheres, reunidos em grupos, cada grupo com quatro estudiosos.

À nossa entrada todos fizeram um delicado gesto de cumprimento.

Conhecedor das atividades que ali se desenvolviam, Marcelyus conduziu-me a uma mesa, à volta da qual estava apenas um casal, que gentilmente nos acolheu.

Eu disse que não mais falaria em surpresas...

⁶⁸ O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec: Contém a explicação dos Ensinamentos Morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações da vida.

(Daqui pra frente, peço aos leitores que decidam se também ainda irão se surpreender com os fatos de um mundo assim...).

A responsável por aquela reunião surpreendeu-me vivamente ao se dirigir a mim e convidar:

— É felicidade nossa sua presença. Estávamos justamente refletindo sobre o tema de hoje versando sobre a frase: *(O homem de bem) Sabe que todas as alternativas da vida, todas as dores, todas as decepções, são provas ou expiações, e as aceita sem lamentações.*

Colocando suavemente a mão sobre meu ombro disparou:

— Seria honra para todos nós que você expusesse suas reflexões a respeito.

Pensei, na hora: *Viajar milhões de quilômetros e, sem mais, nem menos, ser convidado para explanar sobre ensinamentos tão profundos... E tudo indica que essa amável e bela mulher tem telepatia com Marcelyus, pois, do contrário, como é que mencionou justamente "o homem de bem"?*

Pensei ainda: *Mas como? Todos os presentes, com certeza são muito mais evoluídos e capacitados para falar sobre "o homem de bem". Por que eu, meu Deus?...*

Numa atitude rotineira daquele mundo a mulher tirou a mão do meu ombro e colocou-a na minha frente. Ato contínuo, como se uma boia salvadora fosse lançada em minha memória, recordei-me de que esse tema foi objeto de muitas e muitas lições que aprendi no Espiritismo, desde criança.

Marcelyus também colocou a mão sobre meu ombro, num precioso e oportuno gesto de solidariedade, de incentivo e mais que tudo, de confiança.

Os componentes dos outros grupos se voltaram para mim e com muita serenidade aguardaram meu pronunciamento.

Tal serenidade foi-me reforço providencial: consciente e calmo, rememorei em breve relato as multiplicadas reuniões com um grupo de estudo, onde vários ensinamentos marcaram fundo em minha alma:

— Falo como aprendiz e não como "um homem de bem": na minha profissão venho testemunhando o quanto o desalento ante o sofrimento infelicitiza o sofrimento, fazendo-o afastar-se do raciocínio lógico de que, na vida, tudo — rigorosamente tudo — é uma questão de ação e reação, de plantação e colheita... Antes de tudo, incluo-me entre os infelizes que, por vezes, agem assim, mas que, cedo ou tarde, bem poderão registrar que o Amor do Pai é infinito, em tempo integral. A Justiça

Divina é infalível, integralmente agindo em favor de todos os seres criados por Deus, máxime dos infelizes.

Respirei fundo e prossegui:

— Para ser digno do Amor do Pai, o filho não pode se entregar aos espasmos do desânimo, menos ainda aos paroxismos da cólera. Aquele que se sente injustiçado por ter que colher frutos amargos — porque foi isso que plantou — é qual o imprudente que se joga de olhos fechados em águas revoltas e a seguir rasga quantas boias salvadoras que lhe sejam lançadas por marujos a bordo da embarcação que se chama Misericórdia, cuja tripulação, inquestionavelmente é constituída de homens de bem.

Com ênfase, proclamei:

— Aliás, *Misericórdia* é justamente o sublime nome deste estabelecimento!

Notando que os ouvintes “estavam misericordiosos” com minhas reflexões segui:

— Por vezes agi qual esse naufrago, que só após abrir as portas da razão e, com sincero arrependimento, pensar em Deus, pôde ser socorrido. Não por um, mas por dezenas, centenas de “homens de bem”, que diuturnamente se dedicam a auxiliar faltosos impenitentes, retirando-os de espinheiros submersos nas águas turvas em que mergulharam. Tive a graça de nascer em família na qual aprendi, pelos exemplos de meus pais, as tarefas de *um homem de bem*: amar ao próximo! Sempre e em qualquer situação.

Parei por alguns instantes e retomei, comentando, em síntese, uma forte passagem que encontrei num abençoado livro e que, desde então, venho procurando vivenciar, sobre as bênçãos da resignação⁶⁹:

— Quando o infortúnio envolve o devedor é indispensável que ele adquira, ao menos, a virtude da resignação, para o que terá que se melhorar interiormente. Nesses transes, quando um raio de luz penetra o íntimo do infeliz, não é raro a eclosão de lágrimas que desabafam seu coração, abrindo as portas do entendimento das Leis Divinas, deixando finalmente agir o Amor de Deus, que sempre esteve à sua disposição.

A assistência, fraternal e camarada, estava silente, dirigindo-me vibrações de afeto e amizade, que pude captar com certeza.

Finalizei minha breve exposição:

⁶⁹ *In*: “Obreiros da Vida Eterna”, A.Luiz/F.C.Xavier, Cap. VI (Dentro da Noite), p.88, 9ªEd., 1975, Ed.FEB, RJ/RJ

— Jesus Cristo — o venerando governador do meu planeta, a Terra —, desceu dos alcândores celestiais e viveu uma existência terrena amando a todos incondicionalmente, lecionando e mais que tudo exemplificando como deve proceder o homem de bem. Absolutamente bom, justo e humilde, indene a qualquer tipo de delito ante as Leis de Deus, ao contrário, o mais fiel cumpridor delas, foi martirizado pela ignorância e pelo radicalismo do poder político de plantão. No último momento de vida física, num exemplo sublime e inesquecível do comportamento do *homem de bem*, rogou ao Pai que perdoasse seus algozes, já que eles sequer sabiam o que estavam fazendo!

Olharam-me com mais bondade, como que sabendo o que se passava em minha alma. A bordo de uma só emoção, lágrimas de todos mais pareciam estrelas surgindo no céu e escorrendo pelas faces, posto que brilhavam. Naquele momento excelso de fraternidade pura lágrimas banhando-me as faces testemunharam minha afeição por todos eles.

Marcelyus abraçou-me demoradamente, gesto que, com afeto, um a um, os demais também fizeram questão de repetir.

Confesso que raramente me senti tão feliz, tão amado!

Com Marcelyus, despedimo-nos em silêncio, em absoluta paz.

Retiramo-nos, sem dizer palavra. Nem havia necessidade.

Marcelyus deu por terminada a visita àquelas sagradas instituições.

Retornando ao lago, comentou:

— Meu caro Ângelo: como você citou Jesus, acrescento uma interessante nota para seus registros: os chamados sábios da Grécia são europeanos voluntários que estiveram na Terra alguns séculos antes de Jesus visitar o seu planeta.

Fiquei *assombrado* com tal informação. Pelas minhas leituras soube que há quem conjecture que tais sábios fizeram parte, como precursores, da sagrada e incomparável epopeia terrena da presença física do Cristo! Sobre a participação deles na evolução da humanidade terrena, consta que a história posiciona os *Sete Sábios da Grécia* no período da fundação das *pólis*, que pode ser traduzido por "cidade", termo que dá origem à palavra "política". No período (séculos VII e VI a.C.) desenvolveu-se o conceito de política, tal qual a entendemos atualmente, como também as bases da cultura ocidental. Rezam os estudos sobre eles: *Os sete homens a quem os gregos chamaram de sábios foram todos versados na administração pública; e, realmente, em*

*nada se aproxima tanto a virtude humana da divina como a fundação de novas nações ou a conservação daquelas já fundadas*⁷⁰.

Marcelus ouviu-me, compenetrado. Percebendo que encerrei minhas lembranças, ele complementou, emocionado:

— Ninguém, além dos nossos sábios, sabe onde estão aqueles missionários.

Algumas crianças vieram em nossa direção e Marcelus convidou-as a serem nossas companheiras de retorno à outra margem, o que aceitaram, agradecidas.

Bem no meio do lago, na viagem de volta a bordo daquele confortável barco, Marcelus estonteou-me, de vez, ao determinar um comando ao barco que interrompeu a navegação.

Como se fosse a coisa mais natural “do mundo” informou:

— Quando as crianças retornam para casa, aproveitam a oportunidade e o intenso magnetismo daquelas águas para desenvolverem a força do pensamento, visando aplicação futura a benefício do próximo, onde estiverem. Sempre sob orientação de um tutor.

Como eu demonstrasse desentendimento, mas curiosidade, ele disse:

— Apenas para demonstração a você, vou acompanhar algumas crianças nesses seus benéficos treinos.

Foi então que, abismado e ao mesmo tempo visitado por sagrada louvação a Deus, acompanhei aquelas crianças realizarem maravilhas...

Com efeito, sob orientação de Marcelus, todos nós oramos ao Supremo Criador, após o que três crianças, das de menor idade, foram convidadas a impor a mão sobre a água, a distância de mais ou menos um palmo. Decorridos uns três minutos de mãos impostas sobre a água, em absoluta quietude e silêncio, quando até mesmo os brincalhões golfinhos se aquietaram como assistentes imóveis, presenciei o fantástico acontecimento das águas se elevarem até a palma das mãozinhas... De início, apenas algumas gotas subiam até as mãos e depois retornavam; aos poucos, contudo, pequenos jatos, até que, enfim, jato pleno!

Completamente enlevado, pensei que “a demonstração” do poder do pensamento estava concluída. Mas não estava... Marcelus fez um suave carinho nas três crianças e convidou outras três, das maiores, para fazerem aquilo mesmo. Os gestos iniciais foram os mesmos, mas

⁷⁰ Notas colhidas na Wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

essas crianças ficaram de pé no proa do barco e os jatos fluíram generosos nas palmas das suas mãos. Só que a cores!

Transcendental espetáculo!

Logo as crianças tomaram seus lugares e seguimos para a margem de destino.

Marcellyus apenas comentou:

— Como vê, meu caro Ângelo, o pensamento é força universal — a maior, dentre todas as demais! Esses treinos são feitos após orientação às crianças ou mesmo a adultos de que, embora seja uma agradável e alegre atividade, ela se reveste de capital importância para suas vidas, rumo ao infinito, aprendendo a utilizar essa bênção, o que só deve acontecer com respeito integral às Leis de Deus e quando disso resultar benefícios para o equilíbrio da Vida — a Espírito(s) ou à Natureza. Dessa forma, só há autorização para utilização dessa força quando os orientadores captam que os voluntários, crianças ou adultos, estão em condições de atender a diretrizes divinas.

Encantado, mais uma vez, fui para meu alojamento e com muito carinho e felicidade registrei tantas maravilhas espirituais que presenciara.

Logo mais recebi convite de Augustiel para assistir a uma atividade altamente espiritualizada.

Quando o vi, estava acompanhado de Frankov, Marcellyus e Stella.

Cumprimentamo-nos e logo Augustiel convidou a todos:

— Vamos, então?

Para minha surpresa dirigimo-nos para o “Lago Alegre”, onde há poucas horas eu estivera...

Nada foi dito nesse trajeto. Reprimi perguntas.

Grande número de europeanos já se encontrava lá e outros mais foram chegando. Não tardou e Augustiel explicou-me:

— Algumas vezes, em atitude de adoração ao Criador, reunimo-nos nas margens deste lago, para uma necessária quanto sagrada atividade: captar energias e magnetismo oriundos das águas.

Considerou útil informar:

— Como você sabe a água é excelente condutora de vibrações. Aqui, também armazena energias oriundas do Sol e de Júpiter, transformando-se assim numa enorme e generosa bateria.

Ofertou uma derradeira explicação:

— Os voluntários, após preces e concentração entram em sintonia com essa força e dela recebem sublime suprimento energético que será empregado sempre nas atividades de manutenção da vida neste mundo.

Mais não disse.

A um gesto de Augustiel, todos os circunstantes, incluindo meus três "cicerones", impuseram as mãos em direção às águas e um coral iniciou a entoar a peça musical "Aleluia", de Handel⁷¹.

O fenômeno que então sucedeu excede a toda e qualquer descrição: aos poucos, próximo à margem e a seguir quase que no lago todo, pequenos jatos d'água foram sendo lançados para o alto logo alguns alcançando alturas de vários metros, formando verdadeiras "fontes luminosas", se assim posso me explicar. O crepúsculo chegando e as cores alternando-se constituíram algo tão sublime que, definitivamente, não encontro palavras para descrevê-lo.

Aquela sagrada atividade — a última do meu terceiro dia em *Terramor* —, durou poucos minutos, o tempo da execução musical do coral.

Quando aos poucos os jatos foram enfraquecendo e as cores esmaecendo, uma suave e agradabilíssima garoa veio do lago e roçou uma a uma das pessoas presentes, numa simbologia de carinho.

Até eu, que não participara ativamente da "recarga magnética" fui também alcançado por aquele suave chuvisco, que mal me tocou. Senti incrível eletricidade percorrer-me.

As pessoas foram se retirando e sorriam ao passar por mim, que àquela altura, trazia as faces molhadas, menos pela garoa, mais por lágrimas que vieram da minha alma.

Não se presencia tamanha e tanta maravilha sem que a sensibilidade alcance os píncaros do louvor ao Supremo Criador!

Stella tomou minha mão e também nos retiramos, com os demais.

Fiquei de mãos dadas com ela, até chegar ao meu prédio.

Augustiel, Frankov e Marcelyus não demonstraram qualquer surpresa vendo-nos de mãos dadas, quais se (como na Terra) namorados fôssemos...

Em silêncio viemos e em silêncio voltamos.

A noite naquela cidade de *Terramor* se aproximava, do que brilhantes, muito brilhantes estrelas davam notícia, ao tempo que aos poucos iam ocupando seu espaço na grande abóbada celestial de gelo daquele mundo.

⁷¹ Georg Friedrich Händel (1685-1759) foi um célebre compositor da Alemanha, naturalizado cidadão britânico em 1726 – Nota da wikipédia, a enciclopédia livre da internet.

9

Paraíso repartido

Estar em *Europa* constituiu para mim extraordinária vivência permanente de momentos de intensas emoções...

De volta ao meu aposento, em preces e por demorado tempo registrei mais essa bênção.

Depois adormeci e ao acordar, de imediato a imagem de Stella apresentou-se à minha mente, mas, felizmente, invadiu-me absoluta calma e formulei algumas reflexões:

Certamente em minhas existências terrenas terei me apaixonado por mulheres, às quais amei de todo o meu coração, reciprocamente sendo por elas amado. Agora, naquele distante mundo, um novo clima de amor, associado a um também novo quadro de paixão, intensos e puros, irromperam intempestivamente na minha alma.

Minhas vivências anteriores ensinaram-me que quando duas pessoas se amam e decidem unir seus destinos formando família, envolvem-se em projetos sagrados e são naturalmente visitados por impulsos do desejo sexual decorrente. Essa, geralmente, ao que sei, na Terra é uma das faces normais da processualística pela qual a engenharia divina aproxima um casal, dando seqüência, quase sempre, a programação pré-reencarnatória de ambos.

Ante esses pensamentos, recordei o quanto aprendi sobre a importância do sexo num dos mais abençoados livros que li⁷², referente ao discernimento e à responsabilidade que o sexo demanda: Conquanto o sexo exista na Espiritualidade Superior não constitui "baliza morfológica" para o organismo físico, diferenciando macho de fêmea. Essa diferenciação, aliás, desde os tempos primevos da civilização, até nossos dias, ainda geram ações de tiranos, comportamento que nem mesmo os animais têm. À medida que o Espírito evolui o sexo passa a ser considerado obra de Deus, da mesma forma com as emoções, a inteligência, os sentimentos, a razão e as demais faculdades dos seres inteligentes.

⁷² Referência a "Sexo e Destino", A.Luiz/F.C.Xavier-W.Vieira, - na citação: 2ªParte, p. 272, 11ªEd.,1985, FEB, RJ/RJ.

Prosegui com minhas reflexões:

Assim, o sexo — enquanto sublime força criadora — é uma das hastes do iluminado leque do amor, em estado puro.

E um aspecto fundamental para que um dia o amor seja integral, isto é, de todos por todos com pureza, encontra-se na multiplicidade que as existências terrenas proporcionam, direcionando a que Espíritos se conheçam e eventualmente tornem-se amigos, demande isso quantas existências demandar...

Muitas vezes a formação de famílias segue o ciclo contínuo das vidas sucessivas. Em cada existência terrena famílias se formam e delas participam muitos Espíritos — pais, mães, esposos, filhos e demais parentela. Na sequência das desencarnações/reencarnações, às vezes se reencontram, ou conhecem outros Espíritos, com os quais voltam a formar novos laços consanguíneos. De fraternidade, ou não. Em qualquer situação em que alguém fique devendo algo para o próximo, terá que ressarcir o dano.

É Lei de Deus — a do Amor — que um dia todos se amarão, fraternalmente.

Relativamente aos meus sentimentos sobre Stella senti-me a bordo do entendimento e das experiências pelas quais eu passara, assim como todos os Espíritos terrenos passam. Minha mente amparava-me pelos aprendizados que alcancei sobre o sexo e pela consciência da minha vida atual, com responsabilidade sobre ele. Tinha plena noção de que amava Stella, mas com o fato novo desse amor elevar minhas emoções, até então, a desconhecidos níveis de afeição, incrivelmente intensa.

Nesse estado de graça, sublime, o pensamento que iluminava minha alma com brilho diamantino era o de compartilhamento integral de minha vida com a vida dela, rumo ao futuro.

Sendo o sexo força sagrada em todo o Universo, criada por Deus e inserida na vivência dos Espíritos já a partir da sua gênese (primeiros instantes de vida do “princípio espiritual”), com ação nos estágios evolutivos nos reinos da Natureza, esse vetor amparava-me, sim, mas com tons purificados, plenos de respeito às Leis Divinas que regem a vida.

Difícil explicar o que sentia. Sentimentos sagrados, de amor e sexo.

Muito mais feliz me sentia por me entregar ao êxtase incomparável de experimentar tal veneranda emoção.

Decidi sair para passear.

Intensa felicidade estava reservada para mim, como sempre... De surpresa: Stella voltaria a me acompanhar, naquele que era meu quarto dia em *Terramor*.

Muito, muitíssimo eu já tinha visto, aprendido, apreciado, analisado e anotado, após os passeios com Augustiel, Stella, Frankov e Marcelyus.

Agora, vendo-a à minha espera, não consegui disfarçar meu contentamento, fruto dos meus sentimentos para com ela.

Agradei a Jesus, em silêncio.

— Bom dia, bom amigo Ângelo. Estou feliz em acompanhá-lo.

Oh! Por Deus! Eu é que estava feliz pela companhia dela.

— Bom dia, Stella. A felicidade é realmente minha.

— Vamos a um passeio?

— Nada me daria mais alegria, inda mais ao seu lado.

Ela nada respondeu. Fomos caminhando, a passos calmos.

Tomei a iniciativa:

— Marcelyus levou-me a uma travessia do lago e o que presenciei, na ida e na volta, deixou-me cada vez mais impressionado com o sistema educacional daqui. Conversei com uma criança de onze meses de idade, cuja brincadeira predileta era imitar os sete sábios da Grécia antiga; no retorno, no meio do lago, vi extraordinária demonstração da força do pensamento, com treinos a partir da infância...

Comentei sobre o fantástico espetáculo da noite anterior:

— O que vi no “Lago Alegre” superou tudo que eu poderia imaginar em termos de beleza e espiritualidade!

Ela asseverou:

— Entre os Espíritos caridosos é normal o procedimento de visitar outras humanidades para repassar seus aprendizados das Leis de Deus. Na Terra mesmo você deve ter testemunhado quantas pessoas — não se fica sabendo se necessariamente de outros mundos, mas caridosas, sempre — deixam o conforto de seus lares e partem em busca dos que sofrem, física ou espiritualmente. Esse é um dos mais sublimes impulsos do Espírito: o de pensar em outrem, agindo para que os benefícios sejam repartidos. Nesse enfoque, nessas missões de caridade, muitas vezes se valem daquela energia que vimos no Lago: a força do pensamento, primeiro para não sucumbir na tarefa e depois, para prosperar o atendimento necessário.

Eu apenas ouvia. Concordava com tudo que ela dizia.

— Os Espíritos evoluídos têm uma natural vontade de “repartir o paraíso”, isto é, levar aos que as desconhecem, informações de como

alcançar a felicidade, dando-lhes exemplos e, paralelamente, os meios dessa conquista — lições do cumprimento do dever, da responsabilidade perante Deus e a consciência, do amor e respeito a todas as criações divinas, enfim, amor ao próximo e à Natureza.

Atalhei:

— Jesus, o Mestre Divino, quando fisicamente na Terra alertava a todos os que O ouviam que cada um recebe segundo suas obras... Lecionava que bênção das bênçãos é a equação do plantio no bem, na qual cada semente, em razão dos benefícios que produz, rende trinta, sessenta e até a cem por um!⁷³

Aduzi, sem que houvesse a menor necessidade:

— Com a exigência inquestionável de que só se é feliz se a felicidade não é algo de posse individual, isto é, o paraíso não pode ser só de um, tem que ser de todos.

Percebendo meu pequeno deslize, emendei:

— Sei que você sabe isso melhor do que eu.

— Tais ensinamentos são universais, Ângelo!

— Na Terra há ditado antigo dando conta do “paraíso perdido” quando alguém perde algo bom, seja família, seja um bom emprego, seja morar numa cidade boa e ser transferido, enfim, uma infinidade de situações nas quais há perda, há um rebaixamento de qualidade de vida, de modo geral. Substituo “paraíso perdido” por “paraíso repartido”. Isso haverá quando o desprendimento comandar atos heroicos de amor ao próximo, muitas vezes demandando perdas e sacrifícios pessoais.

— É isso mesmo. Essa é a atividade constante dos Espíritos evoluídos, sendo de se notar que em todos os mundos há sempre deles, em atividade missionária, isto é, são mentores que poderiam até mesmo ascender a mundos melhores, no entanto rogam e conseguem a bênção de ir conviver com irmãos em duras lutas de progresso. Levam o conhecimento e mostram como conquistar a evolução espiritual, pela autorreforma moral, como princípio e esforço indispensáveis a tal aquisição.

Fez pequena pausa e retomou:

— No planeta Terra, para citar apenas um exemplo nosso conhecido, alguns europeanos lá se encontram, aliás, não houve um único século sem que lá eles não estivessem... Ao recordar os grandes homens da história mundial terrestre e analisar o seu legado, seja nas artes, nas

⁷³ Mateus 13:18-23 (Parábola do Semeador).

ciências principalmente, talvez se possa mesmo imaginar que alguns “não eram mesmo daquele mundo” como apregoa dito popular terreno. Na Medicina, a descoberta de vacinas, criação de procedimentos médicos ou aperfeiçoamento dos existentes, pesquisas e fabricação de fármacos que salvam milhões, etc., tudo isso e em outras áreas da Ciência, a Terra e outros mundos sempre tiveram esse apoio, alavancando o progresso de suas respectivas humanidades.

Pensei: *É verdade. São tantos homens e mulheres benfeitores que a História registra, dignos da maior admiração, que é mesmo viável que eram Espíritos de outros mundos, sábios e bondosos.*

Fiz um pequeno comentário:

— Como exemplo máximo de repartição do paraíso, cito a bênção incomparável da presença de Jesus na Terra, seja como encarnado, seja como nosso Governador e amparador permanente.

Stella observou:

— Sim, a ação de Jesus na Terra é incomparável! No entanto, considere, Ângelo, que sob orientação d’Ele, nada objeta imaginar que talvez Espíritos evoluídos de outros mundos também vivam uma ou mais existências terrenas, sempre em tarefas de apoio à evolução física e moral do planeta.

— Quando você se refere a outros mundos, seriam do sistema solar?

— Essa é uma informação que não tenho e talvez só nossos sábios saibam. O que todos sabemos com certeza é que o Amor de Deus percorre caminhos impenetráveis à maioria dos Espíritos e que Suas Leis, abrangendo todo o Universo são aplicadas por veneráveis protetores siderais.

— Por favor, Stella, será que você pode detalhar mais um pouquinho essa sublime atividade de Espíritos de outros mundos?

— O que sei é fruto de aprendizados nos constantes estudos que fazemos aqui em *Europa*, sempre aprendendo mais e mais sobre as Leis de Deus. Essa é a tônica aqui. As lições mais importantes que recebemos procedem de Espíritos sábios de *Terramor*, que rotineiramente vêm até nós e lecionam sobre os aspectos transcendentais da vida universal. Repassam algo do que presenciam em mundos diferentes, o que nos deixa ricamente informados sobre a vida, estuante em certamente todos os quadrantes cósmicos.

Dando tempo para que eu assimilasse tudo o que dizia, andamos alguns minutos em silêncio. Ela continuou:

— Nossos sábios, algumas vezes recebem convite para estágios em mundos mais elevados do que este, para amealharem conhecimentos superiores; geralmente logo retornam e repassam o possível (para nosso entendimento) dos novos aprendizados.

Acrescentou:

— Não vão apenas a mundos superiores: muito mais vezes comparecem em mundos menos evolidos, caridosa e fraternalmente levando seus conhecimentos.

Filosofou:

— Não há salário para os que praticam o bem. A cada amparo feito com amor aumenta o teor de luz própria do benfeitor. Esse é o retorno aludido por Jesus aos semeadores. À medida que o Espírito progride mais luz congrega em si mesmo. No nosso mundo apenas os sábios têm luz irradiante, aparentemente branca em todo o corpo, mas que na verdade agrega em si mesma várias cores, como a luz do Sol. E não me refiro apenas na aparência, mas sim, nas propriedades da abençoada luz solar pelos benefícios vivificantes que dela emanam em todos os quadrantes do sistema solar.

— Perdoe interromper, mas lembro-me de Jesus como exemplo máximo de um Espírito nessas condições. Certa vez uma mulher com hemorragia apenas tocou em Suas vestes e, sem qualquer ação do Mestre, ficou curada instantaneamente!⁷⁴

— Sem qualquer outra intenção, que não a verdade, nossos sábios muitas vezes proclamam — com sincera humildade — que Jesus ocupa posição elevadíssima na escala de evolução espiritual do nosso sistema solar.

Num gesto de suma reverência Stella olhou para o céu por alguns instantes e logo prosseguiu:

— Notável como os Espíritos elevados esmaecem seu teor de luminosidade, fazendo-se parecidos com a maioria. Só mesmo por sua sabedoria é que podem ser reconhecidos.

Em meus passeios, praticamente por todas as áreas daquela cidade, eu notara a ausência de bancos comerciais, de “shoppings”, de farmácias, de cartórios, de cadeias, de várias outras espécies de estabelecimentos terrenos. Perguntei a Stella a respeito e ela me informou:

— Em *Terramor* o que cada um de nós precisa é fornecido gratuitamente, na medida da necessidade. Nossa atmosfera é um

⁷⁴ Mateus, 9:20-22 – (Cura de uma hemorroíssa).

verdadeiro manancial cósmico que atende àquele que mentaliza o que quer ou necessita, geralmente pouco, dada nossa estrutura somática. Isso elimina a necessidade de transações financeiras, de salários, de estabelecimentos comerciais. Inexistem cadeias, pois crimes, transgressões e ilícitos de toda espécie não são cometidos. As casas e outras construções, bem como as plantações, tudo é de uso coletivo, sem proprietários declarados, pelo que também cartórios de registros são absolutamente dispensáveis. As poucas debilidades físicas — que ainda nos acometem —, sempre temporárias, pois o próprio paciente reconhece que são fruto de eventual deslize em relação às Leis de Deus, e assim, logo elimina o procedimento causador e retorna à normalidade saudável. Dores, de pequena intensidade, além de serem suportáveis encontram bálsamo nas nossas plantas, cuja ação terapêutica e profilática é do conhecimento pleno de todos.

— E indústrias?

— As únicas indústrias que existem por aqui são as, digamos pela ausência de comparação, “farmacêuticas” e as da construção; as primeiras são para coleta e armazenamento de medicamentos astrais, contendo energias reparadoras compatíveis às necessidades dos habitantes daqui; já as segundas indústrias — as das construções —, cuidam do emprego do material aproveitável do nosso solo, além de alguns elementos captados da nossa atmosfera planetária. Com eles, em cada cidade, são edificados e mobiliados prédios destinados tanto a uso coletivo, comum, tais como bibliotecas, “auditórios” para reuniões espirituais ou pedagógicas, além de anfiteatros para momentos musicais de grande elevação, quanto para residências em geral.

Demorou-se um pouco em silêncio e depois seguiu:

— Missionários manipulam os remédios e os levam até os doentes, aplicando-os sempre na razão direta do grau de vibração e evolução espiritual do doente e do tipo de patologia. A reação também ocorre sempre na razão direta do merecimento de quem está enfermo.

— Como é a administração dos prédios de uso coletivo?

— Nos citados prédios reúnem-se voluntários para concentração (preces) em benefício da nossa e de outras humanidades, a sua, inclusive. Além disso, é ali que aprendemos técnicas mais refinadas de desdobramento, reforço da prática de virtudes, alcance de nível mais elevado de desprendimento próprio, tudo para possibilitar tarefas em benefício do próximo. E mais que tudo: a prática do AMOR!!!

A ênfase de Stella ao pronunciar a palavra AMOR tocou fundo em minha alma e por pura admiração e encantamento foi que estanquei o passo e olhei-a embevecido. Num gesto que a espontaneidade comandou abracei-a com intensa emoção. Há “muito tempo” que eu trazia sufocado no peito a vontade de abraçá-la, com pureza d’alma.

Stella correspondeu, sem se mostrar surpreendida com meu abraço, como até se estivesse esperando-o.

Palavras, desnecessárias...

Retomamos a caminhada, seguida de mais esclarecimentos:

— Aqui o traje é uma atribuição inteiramente individual. Cada um de nós opta pelo que melhor se adequa ao seu gosto. Como deve ter notado, não há exageros, não há “moda”, costureiras ou alfaiates. Enquanto não se aprende como apropriar matéria prima da atmosfera, há sempre alguém que ajuda a consegui-lo, ensinando como fazê-lo, visando a independência individual.

— Por que não vi ninguém com agasalhos, aqui sendo tão frio?

— Os corpos perispirituais e orgânicos da nossa humanidade têm constituição indene às sensações de temperatura. Você próprio, inconscientemente está trajado como melhor lhe parece. Augustiel é quem o tem ajudado. Não reparou? Sentiu frio em algum momento?

— Devo gratidão a Augustiel, por tantos favores. De fato, no segundo dia aqui pensei em trocar de roupa ou me agasalhar. Confiando no “plano espiritual” e na materialização da mentalização, ousei pensar numa roupa dos meus tempos de jovem. Agora percebo como é que na mesma hora me vi com aquele traje: por ação dele, que de alguma forma capta meus pensamentos.

Completei:

— Além disso, já aprendi, com Frankov, sobre as necessidades fisiológicas, sendo que o que não é necessário é excretado pelos poros. Não fosse o apoio fluídico que recebo, do contrário imagino que seria impossível minha permanência por um segundo, ou sequer me aproximar de *Terramor*.

— Parabéns, Ângelo. Você fala como um europeano...

— E você sabe tantas coisas da Terra que parece...

Não me deixou continuar. Ela própria confirmou minha suspeita:

— Sim: pelos nossos diálogos anteriores você já deve ter percebido que sou remanescente da Terra.

— Será que nós...

— Psiu...

Não concluí a pergunta, mas confessei:

— Fico feliz, confirmando minha impressão de que você veio de lá, mas ao mesmo tempo isso me deixa triste...

— Como assim?

— Felicidade pelo seu progresso, sua evolução. Tristeza em pensar que estive lá e nós não nos encontramos.

— Quem foi que disse isso para você?...

— Meu Deus! Então...

Stella não me deixou concluir.

Encerrou o passeio, no qual minhas últimas observações e dúvidas haviam sido totalmente confirmadas ou esclarecidas, respectivamente.

Retornamos e à despedida, antes de eu me recolher ao meu aposento para anotar dados, Stella, com aquele olhar de brilho estelar (perdão, pelo trocadilho) tomou minhas mãos e quase num sussurro dulcificou nossa despedida:

— Ao seu lado, Ângelo, sinto-me a mulher mais feliz... Deste mundo!

Beijou-me na face...

10

No amor não há adeus

Rios, pequenos ou grandes, de médio ou longo percurso, sempre nascem de filetes de água que, vindos de uma área oculta, brotam e escorrem alteando-se pelo solo, superando obstáculos, insinuando-se em trajetos irregulares, mas sempre em direção ao mar.

E sempre à luz do Sol.

Nunca se sabe quando um filete se transformará num simples riacho ou num caudaloso rio.

Meu amor por Stella, com a realidade indicando ser irrealizável, de forma imperceptível minou minha estrutura mental e foi assim que comecei a sentir saudade da minha casa: o planeta Terra...

Sentindo escoar-se meu tempo de estada em *Terramor*, tal sentimento, tênue a princípio e por momentos vagos, se deixou levar pelas águas turbulentas de corredeiras desse metafórico rio.

Feitos os registros até aquele dia, uma longínqua e indefinida sensação, que a princípio viera bem devagarzinho, foi tomando vulto e conta da minha mente: minha tarefa em *Europa* estava praticamente finalizada... Passei largas horas relendo, revisando e depurando todas as minhas anotações. Se ainda houvesse mais alguma coisa para ser vista e registrada, talvez isso aconteceria ainda naquele dia ou, no máximo, no dia seguinte e, depois... Voltar para a Terra!

Foi nesse clima íntimo que tive a alegria de receber um recado de Augustiel, informando e ao mesmo tempo convidando-me para comparecer a uma reunião que aconteceria ao anoitecer, que já se aproximava. Em uma hora eu deveria estar à porta do meu edifício.

E assim, sempre com alegria que sentia ao encontrá-lo vi que com ele estavam Marcelyus, Frankov e Stella.

— Por favor, acompanhe-nos — convidou Augustiel, que informou: vamos a uma reunião espiritual extremamente feliz, rara em *Europa*...

Nem pestanejei:

— Sim, sou-lhes grato pelo convite.

Pensei: *Magnífica oportunidade para conhecer os procedimentos religiosos daqui.*

Frankov olhou-me com simpatia e esclareceu:

— Aqui, o único procedimento, digamos, *religioso*, é a observância das Leis de Deus!

— Mas... Conhecem o Espiritismo, o Catolicismo, as Igrejas Evangélicas, o Islamismo, o Confucionismo, o Budismo, o Taoismo e muitas outras, terrenas?

— Conhecemos... As religiões, no sentido de que visam religação da criatura com o Criador, do homem com Deus, não deixam de ser uma bênção junto a uma humanidade ainda beligerante... Infelizmente, contudo, de um modo geral, os adeptos de uma dificilmente se irmanam aos de outra, o que caracteriza não apenas preconceito, mas o que é pior: divisão ou antagonismo, que cumpre uma negativa escala crescente, de pessoa para pessoa, de família para família, de sociedade para sociedade, culminando de povo para povo...

— É verdade — anuí, pesaroso.

Ele, com brilho no olhar, de esperança, acrescentou:

— No planeta Terra, graças a Deus, o ecumenismo já ensaia seus primeiros passos da unificação que cedo ou tarde emergirá em todos os corações, induzindo todos ao respeito e prática das Leis de Deus, como único código de conduta espiritual.

Não tive coragem de tomar a iniciativa, mas Stella teve: pegou na minha mão e foi de mãos dadas que chegamos ao prédio onde aconteceria a reunião.

Jardins floridos o rodeavam, exalando perfume agradabilíssimo.

Antes de entrarmos no recinto, Augustiel colocou a mão em meus ombros e esclareceu:

— Você está de parabéns, caro amigo, sua missão em *Europa* está cumprida. A reunião de hoje é de despedida...

Invadiu-me um natural aperto no coração só de pensar em ter que ir embora e não mais ver Stella. Abracei Augustiel.

Entramos.

O interior era algo inimaginavelmente belo! Flores lindíssimas em vários pontos, música ambiente, de uma sonoridade ímpar (no momento, "Sonata ao Luar", de Beethoven).

Nenhuma instalação à vista, para iluminação, no entanto, a claridade era a do dia!

Nenhum púlpito, nenhum tablado, só confortáveis cadeiras, dispostas em forma de círculo. Muitas cadeiras, que em pouco tempo foram tomadas.

Foi Marcelus quem me deu outra importantíssima informação:

— Assim como você, aqui também estarão alguns visitantes de outros mundos... Permanecerão conosco só durante essa abençoada reunião, mostrando-se como você, isto é, aparentemente materializados e daqui, ação que têm condição própria de elaborar.

Sentado, via todos os presentes e todos eles também me viam.

Açodado por curiosidade quase incontrolável para saber quem e de onde seriam “os visitantes de outros mundos”, pensei em perguntar isso a Augustiel. Nem bem pensei ele olhou-me e mentalmente respondeu:

— *Por que você não pergunta ao irmão que está à sua direita?*

Foi o que fiz. Dirigi-me ao homem, que calculei com idade entre cinquenta a sessenta anos:

— Boa noite, meu irmão. Posso saber seu nome e de onde vem?

Respondeu-me:

— Boa noite. Sou Zeñarja.

Zacarias, pensei, recordando minhas lições em Esperanto.

Demonstrando que “lera” meu pensamento, com leve gesto anuiu e com gentileza retomou:

— Sou de um satélite irmão de *Europa* e vim como convidado de Augustiel. E, quanto à minha idade, comparativamente à da Terra, tenho cento e vinte anos.

Pensei instantaneamente: *sabe que sou da Terra, veio de outro corpo celeste, tem cento e vinte anos e diz isso como se tudo fosse a coisa mais natural “do mundo”.*

Percebi, na mesma hora, que Augustiel conhecia o homem à minha direita. Mais não pude pensar ou perguntar, pois de repente a luminosidade, que já era excelente, tornou-se fúlgida.

Não tive tempo para perguntar mais ao homem.

Bem no centro do teto uma claraboia, cilíndrica, qual se fosse de brilhantes, passou a despejar flocos luminosos em todo o amplo ambiente, aumentando intensamente a claridade. De dentro dessa claraboia uma nuvem também da forma de cilindro e de diâmetro igual ao da claraboia, com o interior mostrando algo parecido assim como de algodão diamantizado, cintilante, foi descendo até tocar o solo, bem no centro daquele recinto.

O luzeiro cilíndrico ocupou todo o espaço diametral, do teto ao solo, faiscando cores maravilhosas. Aos poucos se desfez e todos vimos um homem muito bonito, rigorosamente “feito de luz”, com o olhar dirigido para o alto. Com os braços esticados, como que abençoando aos

presentes, cumprimentou a todos, o que reverberou suavemente em meu coração:

— Sejam nossas as bênçãos do Supremo Arquiteto!

Pensei ter reconhecido aquele homem...

Logo tirei essa impressão da ideia: *não, não podia ser Ele... Nós estamos em Terramor e Ele é lá da Terra...*

Confesso que vacilei em crer no que meus olhos me mostravam.

Todos também olharam para o alto e assim permaneceram por segundos. Entendi que aquele gesto coletivo era acompanhamento de uma prece silenciosa. Fiz isso também, só pensando em Deus.

Disse o homem, com tanto e suave magnetismo, que sua voz causava uma sensação de carícia na alma:

— Deus é o Amor! A única grandeza universal! É pelo amor que o Criador atrai para si todos os Seus filhos, jamais excluindo as criaturas desviadas do Bem. Ama a todos incondicionalmente, bons e maus. Aos primeiros, delega a missão de também amar aos que desrespeitam Suas leis, pois sendo amados e sendo-lhes mostrados e vivenciados exemplos de amor, estarão recebendo ensinamentos de perdão. Aqueles considerados incorrigíveis, incapazes da própria reforma moral, só pelo amor incondicional serão induzidos à mudança da sua caminhada de erros, para uma nova rota: a estrada da renovação espiritual. Tal modificação trará dificuldades, dores e testes para os que se dispuserem a melhorar, a se renovarem e quitar as dívidas contraídas. É quando mais necessitarão de supervisão, orientação e amor. Alcançando o equilíbrio, verão abertas as portas do Céu, que assim sempre estiveram para os mansos, os misericordiosos, os pacíficos e os humildes de coração. E então haverá mais alegria lá no Céu!

Tamanho e tanto é o Amor do Pai para com Seus filhos, que toda a engenharia divina trabalha para o Bem deles em tempo integral, através de leis que regem os grandes astros e codifica cada um dos átomos que formam o Universo. Todos os que trabalham para o Senhor são operários peregrinos de um novo mundo, em substituição ao mundo velho, no qual a paz de todos seus habitantes ainda não chegou.

Sejamos todos esses humildes servos!

Para as coisas da matéria, as leis naturais.

Para as coisas do Espírito, a lei do Amor!

Sabedor de um irmão no reino das trevas não há um único guardião do Bem, em todo o Universo, que queira entrar no Reino dos Céus, antes de levar a luz para aquele irmão.

Essa a tarefa do que tem sabedoria, do que tem posses, do rico no Amor, do que vive para esclarecer o ignorante, do que ampara o carente, do que orienta o pobre de Espírito. Socorrer os seres vivos — quaisquer seres vivos — em estado de necessidade, considerando-os seus irmãos queridos, eis a missão do servo do Senhor, pois todos foram criados pelo mesmo Pai que os ama por igual.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! Com esta frase, das *bem-aventuranças* do Evangelho, tão minha conhecida, o iluminado orador deu por encerrada sua breve exortação. Começou a conversar rapidamente com as pessoas.

Marcelys esclareceu-me:

— Ele entrevistará brevemente apenas a quem tenha algo a esclarecer. Surpresas, surpresas — e foram tantas... — a que se seguiu foi a maior de todas, talvez de toda a minha vida passada, presente e futura. Sim, imagino que nem no transcurso dos séculos, dos milênios, surpresa maior não terei outra que se lhe compare: só quando Ele se aproximou de onde eu estava é que pude divisar sua fisionomia: Jesus!⁷⁵

Sim, quem estava ali, mansamente falando do Amor, era Jesus!

Os diálogos entre o Mestre e a quem ele se dirigia reverberavam em todo o amplo auditório, de forma que todos ouviam os seus instrutivos conselhos, invariavelmente induzindo à prática do amor ao próximo.

Augustiel informou-me:

— Alguns com os quais o Mestre conversa não são de *Europa*...

Na mesma hora olhei para Zacarias, ao meu lado...

Brilhou um pensamento em mim: *Então Jesus é conhecido não apenas na Terra, aqui... E talvez até além...*

Augustiel, no mesmo instante, anuiu, com leve gesto de cabeça.

Jesus vinha vindo em nossa direção...

Comecei a tremer e estive verdadeiramente à beira de uma síncope.

Emoções fortíssimas, às vezes, tiram por completo nosso controle...

Quando o Mestre aproximou-se de Zacarias, este se adiantou e cumprimentou-O sobriamente:

— Querido Mestre, sou grato a Deus por ter novamente a bênção da sua proximidade. Quando soube de sua excelsa presença hoje aqui, roguei ao Pai me permitisse reencontrá-Lo, o que me foi concedido, por graça maior.

⁷⁵ É com o maior respeito, carinho e amor que tenho em meu coração que nesta passagem, com a alma ajoelhada, refiro-me ao Mestre Jesus – Nota do Autor.

— A gratidão é minha, caro amigo Zacarias. Uma equipe de tarefeiros do Bem tem acompanhado nossos irmãos do seu mundo que, a benefício deles próprios, foram transferidos...

— Sim Mestre, com a graça de Deus e sob Sua augusta orientação, a partir da última e alcandorada visita, foi com o coração partido que encaminhamos ao mundo de reparação e aprendizados morais, cujo governo o Supremo Criador outorgou ao Senhor, muitos irmãos nossos, réprobos que teimavam em trilhar por descaminhos morais...

De pronto depreendi que Zacarias referia-se a transmigração de Espíritos do mundo dele para o planeta Terra...

Novamente, apenas com breve meneio de cabeça Augustiel confirmou-o.

Zacarias ainda refletiu:

— Pena que para eles, lá, a professora está sendo a dor...

— Mas não podemos nos esquecer que ela é Ministra de Deus, agindo sob a perfeição infalível da Justiça Divina, que concede a cada um aquilo mesmo que tenha ofertado à Vida. Sejam os enfermeiros morais para eles, arrimando a reconstrução evolutiva de cada um, balsamizando seus momentos de sofrimento, que o Tempo, como enfermeiro divino, logo eliminará. Se pela dor resgatarão débitos, em contrapartida, adquirirão créditos, já que levarão aprendizados úteis àquela humanidade. É assim que, do rebanho divino, ovelha alguma perderá o aprisco, mesmo as que mergulhadas na ignorância dele se afastaram. Todas, para todo o sempre, são Filhas de Deus.

Zacarias não se conteve: ajoelhou-se, beijou a mão do Mestre e exclamou:

— Por bondade do Pai alguns amigos voluntários da *minha casa* e eu (referindo-se ao seu mundo, pelo qual, deduzi, ele era um dos responsáveis!), com Sua sagrada permissão pretendemos ir para lá, somando forças ao amparo que os Espíritos veneráveis da Terra já dispensam aos necessitados de redenção, sejam de que mundo sejam. Lá permaneceremos pelo tempo necessário a que tais transviados se encaminhem no Bem, conquistando a bênção do retorno ao nosso mundo.

Minha mente registrou no mesmo instante: *As notícias dadas pela Espiritualidade da Terra de que o Amor de Deus promove transmigrações de Espíritos, aqui e agora se confirma para mim, com o complemento da caridade de missionários voluntários do mesmo mundo*

de origem que os seguem, objetivando auxiliá-los nesse doloroso transe!

Jesus impôs a destra sobre a fronte do “alienígena” e disse-lhe:

— Vão em paz! Muito amor receberão aqueles que muito amor doarem.

O Mestre dirigiu seu meigo olhar para mim...

Eu estava virtualmente petrificado.

Dizer que eu estava petrificado é, obviamente, força de expressão, pois em *Europa* eu tinha um revestimento quase diáfano, de insuspeitáveis faculdades, conquanto por quatro dias europeanos ali estivesse materializado, por ação dos protetores de lá. Mas não sei dizer de outra forma. Graças a Deus que o suporte fluídico que me era dispensado garantiu que eu não desmaiasse, pois a emoção era demais.

— É uma felicidade a presença aqui do nosso Ângelo, que também veio da nossa casa amada até esta outra morada do Pai.

A incomparável bênção de estar próximo de Jesus, por força do Seu irradiante Amor, fez-me recuperar o controle, ao menos em parte.

Ajoelhei-me. No mesmo instante o Mestre ergueu-me.

Colocou as mãos sobre meus ombros e disse meigamente:

— A Terra está adubada pelos Céus e aguarda a semeadura. Leve as sementes daqui e que lá a colheita seja farta!

A metáfora foi de um efeito admirável na minha dedicação à tarefa que me aguardava na Terra, qual seja a de humildemente reportar como é a vida num mundo regenerado.

Suas palavras ecoam em minha alma até hoje e certamente o tempo não as apagará jamais.

Pensei: O significado dessas palavras envolve a perspectiva de mudança de toda uma humanidade, através um novo ciclo de um mundo: a promoção do planeta Terra, deixando de ser de "provas e expiações"!

Senti um calafrio ao ter outro pensamento: *Por Deus! Como é que da minha tarefa aqui conseguirei fazer tamanha semeadura?...*

Na mesma hora veio-me à lembrança a figura do Mestre no barco de águas revoltas e seus Apóstolos medrosos, isto é, sem fé... Ato contínuo afastei meu receio e tive certeza absoluta da proteção de Deus.

Antes de se retirar, o Mestre Divino tomou a mão de Augustiel e proclamou:

— O Pai vela por todos os Seus filhos. Todos nós, deste e de outros mundos, devemos ser os trabalhadores na Vinha do Senhor, aqueles que plantam e ensinam a plantar. A colheita, contudo, será individual, Espírito a Espírito... Abençoados sejam.

Assim, tendo atendido com idêntico amor fraternal a todos os que ali necessitavam do Seu sagrado amparo, da mesma forma como chegara o Mestre deixou o recinto, agradável e abençoado à Sua chegada, agora em clima celestial. E ao som do *Pas de Deux*, de "O Quebra Nozes", de Tchaikovsky!

Augustiel, demonstrando estar bastante emocionado, assumiu a coordenação, dirigiu-se ao centro do grande salão e disse para todos ouvirem:

— Meus irmãos: louvado seja Deus, nosso Pai de Amor. Vocês foram convidados a esta reunião, primeiro para esse inesquecível presente — a companhia do incomparável Mestre de Amor.

Pensei: *Será que aqui tem muitos de outros mundos, além de Zacarias?*

Augustiel, captando meu pensamento, esclareceu:

— Aqueles que hoje vieram de outros mundos irmãos dos nossos, exclusivamente para este encontro com o Cristo, que regressem em paz.

Voltou-se para mim, em atitude fraternal:

— Ao irmão da Terra, sua tarefa está praticamente encerrada. Permanecerá em *Europa* apenas o tempo necessário para concluir seus registros, com a devida revisão e preparação para o retorno ao lar, ao mesmo lar que um dia foi igualmente de alguns de nós...

Em sentida oração, rendeu graças a Deus por tantas bênçãos.

Felizes e calmos retornamos ao prédio onde eu me hospedava.

Augustiel comentou:

— O mais importante na sua missão é a autenticidade, o impacto da surpresa.

Acentuou:

— O material que leva será objeto de publicação na área da informática e terá tradução para outros idiomas, o que proporcionará acesso a leitores de vários países.

Deu alguns passos, olhou-me com amizade, bondade e calma, encorajando-me:

— Forças celestiais já estão devidamente autorizadas a, na ocasião propícia, desencadear fato inédito em toda a História da Terra, sensibilizando milhões de pessoas...

Fez curto silêncio, à guisa de suspense e esclareceu:

— Pela primeira vez o planeta receberá comunicação de outro mundo — uma saudação fraternal, de *Europa!*

Fiquei deslumbrado: finalmente, desde tantos milênios da história da sua humanidade, a Terra teria o tão ansiosamente buscado e esperado contato com outro mundo, com outra humanidade!

Ele fez pausa e consolidou a informação:

— Referido contato se repetirá poucas vezes e no último deles haverá menção sobre sua visita e seu livro.

Lançou profundo e significativo olhar para mim e aduziu:

— Assim como os Profetas anunciaram largamente a vinda do Cristo, seu livro, contendo descrição detalhada de seu estágio aqui e de como vivemos, desencadeará releitura de quem já o tenha lido e sôfrega busca por parte de quem não o conheça.

Andávamos devagar, ouvindo Augustiel, que prosseguiu:

— Será um forte despertar! Quando isso acontecer, o autor já não mais estará entre os encarnados...

Pensei: *Gentil, essa forma de comunicar que já estarei morto...*

Filosofo:

— O Bem tem meios invencíveis para emergir, sendo que se trata da chegada do tempo na Terra para a vivência de acordo com as Leis de Deus. Seu livro será a semente anunciada por Jesus, inda há pouco!

Quando Augustiel referiu-se a "fato inédito", recordei dos meus estudos espíritas sobre as Leis Divinas, em particular a Lei do Progresso, proclamando a progressão dos mundos e a regeneração da Humanidade terrena. Em particular o que Santo Agostinho consignou, em 1862⁷⁶: "A Terra não é um mundo *primitivo*, mas de *provas e expiações*. No turbilhão planetário existem os mundos *regeneradores*, transição entre os de expiação e os *felizes*; ali, já há a aurora da felicidade; embora o sofrimento ainda exista, não mais se reveste das angústias da expiação: menos doenças, ausência da escravidão, miséria e fome, a educação é para todos e a prioridade é pela Evangelização na moral cristã. A Terra já chegou ao estágio em que será promovida (a mundo regenerado)" (!!!).

Após o que eu observara em *Terramor* comprovei essas reflexões sobre mundos regenerados.

Sobre "como" ocorrerá tal transição, fato é que, em toda parte o Espiritismo registra que Espíritos Protetores vêm dizendo que "os tempos são chegados", confirmando as palavras de Santo Agostinho.

⁷⁶ Tópicos dos itens 13, 16 e 19, Cap. III, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

Inesquecíveis para mim as afirmações do Espírito de Verdade⁷⁷: "*Deus procede, neste momento, ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não usurpem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que Ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração*".

Refleti, com pesar sobre as mortes coletivas diárias na Terra: além de confirmar as predições acima, parecem sinalizar que a cada instante o Plano Espiritual age, selecionando quem, futuramente, por merecimento, poderá habitar mundos melhores (de Regeneração), quem reencarnará em mundos como hoje é a Terra (de Provas e Expições) e, finalmente, quem será transferido para mundos inferiores (Primitivos).

Nesse sentido, as palavras de Zacarias ecoavam alto em minha mente.

Demonstrando que "lera" meus pensamentos Augustiel explicou:

— Quando as previsões de Jesus se consumarem, qual filtro depurativo da Humanidade, permanecerão na Terra, então regenerada, só aqueles que obtiveram méritos por gestos de caridade e prática do amor ao próximo.

Captando a pergunta que "fervia" no meu pensamento (*quando isso acontecerá?*), Augustiel filosofou:

— Acontecimentos de tão grande expressão celestial não estão firmados em planilhas ou contratos, pois o Tempo é o executor fiel das diretrizes celestiais contidas nas Leis de Deus...

Senti-me ligeira e gentilmente repreendido, pela minha curiosidade.

Augustiel completou:

— Uma dessas leis estatui que ao lavrador compete preparar a extensão da terra a ser cultivada e realizar a plantação, para só então receber do Senhor da seara a bênção da boa colheita.

Fez pausa e logo prosseguiu:

— A palavra *Terramor* será recorrente nos seus registros. Aliás, devo informar que, a bem do seu equilíbrio, esquecerá no consciente tudo o que aconteceu durante o período de sua tarefa, compreendido desde o início até o fim do coma induzido em seu corpo físico. Mas, no subconsciente, o estágio em *Europa* emergirá integralmente, na forma de inspiração ao consciente, sob nossa intuição. Os amigos dos "Paços"

⁷⁷ - *Ir: O Evangelho segundo o Espiritismo*, Cap. XX, item 5.

participarão dessa atividade, em estreita ligação conosco, fortalecendo-o no decorrer desse projeto tão feliz para a Terra, de cuja ampla divulgação serão auxiliares.

Prestou-me importantíssima informação:

— Será implantado em você um minúsculo instrumento astral, temporário, nanométrico, anexado à glândula pineal, para facilitar a ligação da sua mente com aquilo que registrou na tela do seu aposento em *Europa*, de forma a ser mantido o texto original. Nada se perderá.

Concluiu os esclarecimentos olhando-me paternalmente:

— No encerramento de sua visita ao nosso mundo, estou incumbido pelos Protetores Siderais de apresentar-lhe nossas despedidas, a gratidão e a amizade desta humanidade. Jamais o esqueceremos!

Augustiel informou-me que no dia seguinte eu regressaria.

Já na avenida das palmeiras, dirigi-me aos quatro amigos:

— Tantos foram os momentos de felicidade e de aprendizado aqui que lhes sou grato. Tudo se revestiu para mim de excelsitudes. Estar tão perto de Jesus superou qualquer felicidade ou alegria de toda a minha existência, e estou falando de todo o sempre, não me esquecendo também do favor que me fizeram, proporcionando-me esse maravilhoso encontro.

Todos me abraçaram e Augustiel proclamou:

— Não terminaria esta noite de gala sem prestar uma última informação a você, que traz suprema alegria para nós quatro.

Fiquei emocionado, aguardando.

Augustiel, com a simplicidade e bondade de sempre, disse com a maior calma:

— Os sábios de *Europa* estavam na nossa reunião, como sempre anonimamente.

Pouco tempo mais teria a companhia daqueles amigos...

Não consegui impedir um desvelado olhar de amor para Stella.

Meu subconsciente traiu-me, pois um pensamento gritou a realidade: *somos de mundos diferentes; em breve o tempo e o espaço nos separarão.*

Stella também me olhava, um lânguido e demorado olhar.

Estávamos ambos, claramente apaixonados!

Augustiel, Marcelus e Frankov, evidentemente perceberam, ou melhor, já sabiam isso.

Augustiel colocou as mãos nos nossos ombros, qual se fosse avalista dos nossos sentimentos e objetivando confortar-nos acentuou:

— Jesus vem até aqui de longe em longe, como hoje, projetando Sua excelsa figura através da superior elevação espiritual que O possibilita desdobrar-se. *Europa* toda soube antecipadamente dessa visita tão feliz e assim, estou certo que todos os europeanos, em seus lares, participaram conosco da abençoada reunião.

Um belo pensamento iluminou minha mente: *a forma como Augustiel conduziu a reunião... Todas essas instruções e informações que acabou de me passar... Deduzo que ele é um dos sábios de Terramor...*

Nesse momento ele olhou-me com carinho e fez um gesto de psiu.

Considerou:

— *Europa*, que já foi mundo de provas e expiações, alcançou regeneração num trabalho de muitos séculos. Assim, tendo em vista as alvíssaras partidas de Espíritos elevados que corroboram com Jesus na Terra, a transição regenerativa terrena já se iniciou, pelo que, imagino — apenas imagino, sem qualquer previsão — que em alguns séculos, menos de um milênio talvez, o planeta adentrará vitoriosamente no rol dos mundos regenerados.

Concentrei-me em preces, rápidas, refletindo sobre tão importantes fatos sobre o futuro da Terra, agradecendo a Deus por ter confiado a mim a humilde tarefa de ser portador de mais sementes na semeadura dos Campos do Senhor.

Por Júpiter, pensei: Graças a Deus! Que Deus me ajude a ser um humilde semeador nessa sublime plantação. Bem por isso que Jesus referiu-se a uma "semeadura farta", mas que demandará esforço e mérito pessoal de cada um para a colheita. Que o Divino Amigo esteja com toda a população da Terra nessa formidável promoção! Hosanas ao Criador!

Os amigos se despediram de mim com um inesquecível abraço fraternal. Sem palavras. Todos com o tórax iluminadíssimo. Stella, por último:

— Sentiremos saudades de você. Quero-o muito bem.

Um abraço celestial e um intenso olhar, este, recíproco, uniram o coração dela ao meu, que mesmo estando sob influxo europeano, mais parecia um tambor rufando glórias ao Amor...

Já recolhido ao agradável e acolhedor ambiente que me hospedava naquele mundo, sentei-me à frente da tela para registrar tudo que vivenciara naquele maravilhoso encontro com o Mestre dos mestres.

Orei fervorosamente a Deus, com gratidão intensa, por tantas bênçãos.

Depois, repassei algumas reflexões: *o impressionante fato dos pensamentos de alguém serem lidos por outra pessoa, e isso sendo*

válido para todos, traz à tona uma das mais abençoadas situações na vida das pessoas: a verdade!

Essa é uma situação só possível num mundo onde haja o império do bem, pois do contrário, não consigo imaginar as consequências. Claro que me louvo naquilo que acompanho no meu mundo, incluindo-me em primeiro lugar dentre os que nem sempre têm bons pensamentos...

Fiz essa reflexão ao recordar como Stella me olhou.

Então ela sabe que a amo, pensei, com incontrolável euforia.

Olhei para a tela, como se ela fosse uma confidente...

Sobressaltei-me quando surgiram as indagações, que obviamente só poderiam ser da minha consciência, num exercício sempre utilíssimo de auto-análise:

— Você já analisou com cuidado e sinceridade seus sentimentos para com ela? Já imaginou o quanto seria prejudicial à sua tarefa, no momento, entregar-se aos devaneios do amor? Para você o que representa afeição pura? Aliás, não seria exatamente isso que sente por ela?

Com o cérebro palpitando diante de tão adiantado sistema, sendo esse mais um dos avanços daquele mundo acolhedor, fiz uma prece fervorosa a Jesus, deixando meu coração declarar, definitivamente, meu santificado amor por Stella.

Imensa paz alcançou-me.

Fiz os sublimes registros.

Adormeci é só acordei no dia seguinte.

Revisei na tela os instantes desde minha saída para o passeio noturno e os inesquecíveis momentos da sublime reunião, na companhia do "quarteto amigo", a para mim inesperada e feliz surpresa (reunião com Jesus) e minha volta ao aposento, quando "dialoguei" com minha consciência.

As palavras do Divino Amigo ecoavam em minha alma.

Se pudesse congelaria aquela sensação, dulcíssima.

Pensei em Stella.

Refleti, penitenciando-me, que naquele momento, tanto um, quanto outro pensamento resvalavam no egoísmo, pois eu não estava ali em *Europa* para receber tantas graças como recebera e sim para trabalhar, ou melhor, preparar-me para trabalhar quando retornasse à Terra.

Mudando assim o foco das minhas recordações da noite anterior pensei na tarefa e diante da exortação do Mestre desejei rever mais uma vez a

doce lembrança das Suas palavras, não apenas as dirigidas a mim, mas aos demais.

Sentei-me.

A tela iluminou-se, mostrando a doce figura do Cristo.

Revi emocionadíssimo as exortações feitas no dia anterior pelo venerando Governador do planeta Terra — o meu planeta, a minha morada, o meu lar.

Nesse estado de alma, com a sensibilidade aguçada, Stella visitou-me a mente, de forma irresistível e inescapável.

Apagou-se a sagrada imagem na tela...

Apenas na minha mente, a imagem de Stella, e suas palavras surgiram de repente, dominando meus pensamentos.

A tela nada registrava sobre a quimera que havia na minha alma.

Sensações paradoxais de felicidade e de tristeza fizeram com que uma emoção apertasse meu peito, após todos aqueles dias passando tempo tão feliz ao lado dela... Todas aquelas emoções... Sufocavam meus sentimentos...

Sim, sem que pudesse evitar, sem que jamais me passasse pela cabeça uma aproximação, mínima que fosse com referência a qualquer entrelaçamento de nossas vidas... Apesar de todo o meu cuidado... Não sei como, mas o fato é que dessa vez quem provocou surpresa em mim fui eu mesmo, ao questionar a mim mesmo: *Por Deus, como que isso foi acontecer? Até onde irá minha culpa, se culpa houver no amor que sinto por Stella?*

Tormentosos pensamentos visitavam-me, expondo a impossibilidade de realização desse amor tão forte quanto inesperado, totalmente sem paralelo em toda a história romanesca da literatura que conhecia.

De todos os pensamentos tristes, o principal:

Não tenho dúvidas de que ela também se apaixonou por mim. Terei que voltar à Terra e ela ficar aqui. Nossos mundos são tão distantes, um do outro... E agora, o que pode acontecer?

Lágrimas ardentes, até então reprimidas, desceram inesperadamente pelas minhas faces, como que para resfriar meus sentimentos.

Mais uma vez a prece me socorreu: ao pensar em *Terramor* e na Terra, louvei a grandeza do Criador de todos os mundos. Isso acalmou meu coração. Com efeito, rememorei: os mundos do sistema solar que eu vira na tela do observatório e algo sobre as humanidades que neles habitam, tudo aquilo estava sob o controle de Deus... E Deus é Pai de Amor!

Assim, o Céu era a única testemunha que eu tinha para confidências sobre aquele amor que invadira minha alma.

Por inesperada bênção, revi mentalmente e com novo êxtase tudo que vi sobre Júpiter e empolguei-me ao pensar que estava “pertinho” dele...

Nisso, a ideia do retorno à Terra agigantou-se, causando-me estranha sensação, diria que quase epidérmica, relativa à volta.

Sim: mesmo *Terramor*, Júpiter e talvez seus demais satélites sendo lugares esplendorosos, uma força indômita atraía-me magneticamente para meu lar terreno.

A tela, testemunha das minhas imagens mentais e “ouvinte paciente” das minhas lamentações e reflexões, permanecia muda, ou melhor, iluminada, sem nada registrar.

Como se fosse minha confidente, perguntei, e em linguagem articulada, qual se aquele maravilhoso aparelho fosse alguém:

— Por que esse amor impossível tinha que acontecer comigo? Por maior que seja meu esforço em resistir a esse sentimento, que é puríssimo, parece que mais e mais ele me envolve...

A tela, apenas iluminada...

A prece, sempre a prece! Busquei nela uma resposta do Alto.

Pensei em mamãe e aí sim, logo ela surgiu na tela, meiga e linda, como sempre. Disse-me:

— Ângelo, amado do meu coração materno, Jesus esteja conosco. Conheço suas angústias, filho querido, até porque, sabendo-o triste, igualmente me entristeço. Que mãe, em qualquer parte do Universo, pode ser feliz se o filho não o é? Venho ao seu encontro por esse caminho cósmico para lembrá-lo de que meu coração está permanentemente junto ao seu. Eu e você somos almas abençoadas pelo Criador por termos alcançado ao longo dos evos a sublimidade da sintonia pura. Independente de que onde você se localiza agora ser diferente do espaço onde Deus permitiu que eu exerça minhas obrigações, nem por isso nossos laços jamais se desligarão. O que nos une, repito, é o sentimento santificado do amor de mãe pelo filho e o amor filial deste por ela, em reciprocidade eterna.

— Mãe, suas palavras são sempre um perfume na minha alma. Se agora eu a procurei, talvez até com um pouquinho de ingratidão, é porque vivo o tormento de um amor impossível...

— Oh, Ângelo: onde está sua fé no Supremo Amor? Nunca mais repita que há amor impossível, pois o amor é criação da Infinita Sabedoria, do Pai de todos os seres, da Justiça Incomparável, da Caridade em

essência pura. Como dizer uma bobagem dessas? Ora, Ângelo, se há amor, há Deus na área, seja no menor espaço do sistema solar do nosso abençoado ninho terrestre, seja na quantidade incalculável de galáxias engendradas, criadas e mantidas em perfeito equilíbrio sideral por aquele que é o Amor Infinito — o Criador Supremo!

— Como a senhora pode verificar, eu me sinto um pouco fora do foco racional, presa que me sinto da magia que faz de duas almas apenas uma...

— Não há nada disso, menos ainda prisão. O que ora você vivencia é um daqueles momentos sublimes, produzidos justamente pelos desígnios de Deus, que em Sua magnanimidade faz com que um anjo cante um hino de união santificada. É esse anjo que por delegação divina traz felicidade para aqueles em cujos corações dobram os sinos do amor. É esse benfazejo hino que seu coração está ouvindo.

Profundamente grato à minha mãe imaginei-me abraçando-a comovido e beijando suas mãos:

— Como sempre, mãe querida, a senhora é o oásis nos meus instantes de beduíno solitário. Entendo tudo o que a senhora disse. De fato, não é louvável que eu me entregue aos sonhos de uma aproximação mais direta com Stella. Até penso que talvez esteja prejudicando-a, em parte, pelos meus sentimentos apenas banhados de luar terreno, quando os dela transitam sob as luzes do Sol e de Júpiter.

— Não volte a diminuir o amor, Ângelo... O amor faz parte do cosmos e não há gradação maior ou menor nos corações que o abrigam. Então você se esquece de que, depois da Vida, o maior presente do Criador para cada um dos seres que cria é justamente a imortalidade? E que o Tempo, como guardião de todas as virtudes, acompanha passo a passo, segundo a segundo, tudo o que acontece com todos? É ele, o Tempo, meu filho, que é o mensageiro sagrado de benesses no porvir, acenando com elas quando um Espírito vivencia vicissitudes no presente.

— Mamãe, a senhora é sábia! Sou imensamente feliz ao seu lado.

— Preste atenção, Ângelo, nas infinitas possibilidades que a imortalidade nos oferta, inclusive a de reunir nos mesmos caminhos os andarilhos da vida que um dia seus comportamentos os separaram.

Quis dizer algo, mas mamãe encerrou sua abençoada visita:

— Eu o abençoo, meu filho, rogando para sua tarefa e para nossos corações o acréscimo das bênçãos de Deus.

De repente, foi-se a imagem de mamãe.

A tela, conquanto iluminada, emudeceu.

Consciente de que de fato o que eu sentia por Stella era amor, num grau de pureza que desconhecia, novamente fiz uma prece aos bons amigos do Espaço para que me ajudassem a manter tal sentimento no devido lugar: na prateleira do Tempo, aguardando talvez por um futuro de felicidades, que poderia ser medido em séculos, milênios... Quem sabe?...

Mande uma mensagem definitiva para mim mesmo:

Se Deus permitir, quando esse tempo chegar, estou certo de que não haverá lugar no Universo que impeça nossa aproximação santificada para uma união sem fim.

*

Convencido de que minha hora de voltar à Terra estava próxima, talvez dentro de horas, dispus-me a efetuar um último passeio, solitário.

Captei que a qualquer momento meus tutores chegariam para realizar meu regresso. Onde quer que eu fosse, sem dificuldade me localizariam. Assim era *Terramor*... A força do pensamento...

Pensei em me despedir de Guarani, aquele animal que também definitivamente tinha um lugarzinho só dele no meu coração, para sempre.

Do lado de fora do meu prédio, como sempre, muitas pessoas transitavam calmamente pela avenida, geralmente em grupo.

Durante a caminhada fui imaginando que talvez — só talvez —, Stella estivesse lá. Sim ou não, eu quis me despedir daquele animal tão querido.

Cheguei ao parque e dirigi-me onde os animais costumavam ficar, sempre agrupados por espécies, mas sem qualquer clima de disputa territorial ou mesmo de agressividade.

“Guarani”, como que adivinhando que eu estava lá foi o primeiro a vir em minha direção, todo alegre, saudável e manso, como sempre.

Foi recíproca a troca de afagos.

Com o coração apertado, pois “ia embora”, vi emocionado que aquele querido animal, meu irmão — por sermos filhos do mesmo Pai—, dava mostras pela despedida.

Acreditem: “Guarani” sabia que eu ia partir.

Como duvidar de que os animais, assim como nós, também têm emoções?

Nessa comunhão com o cavalo e com a Natureza, logo um leão — justamente aquele grandão — também se aproximou de mim e qual se fosse um gatinho roçou sua cabeça no meu peito, várias vezes.

Mais alguns animais foram chegando... Um por um resvalavam carinhosamente em mim, primeiro dois elefantes, depois outros cavalos, outros leões, macacos que subiram em meus ombros e lá ficaram mexendo nos meus cabelos...

Os animais, aos poucos retornaram mais para dentro do bosque.

Comigo, ficaram apenas Guarani e um gato, que eu ainda não tinha visto por ali e que se aproximou com um miado que só quem já teve gatos sabe que quer dizer: *você é uma pessoa maravilhosa*.

Isso "disse-me" o gato...

Emocionei-me demais.

Ah! Pai de Amor, Senhor dos mundos, Criador do Universo, Sabedoria Infinita... Como não sair do chão para andar no céu, esquecer todas as mazelas e só sentir a pureza de sentimentos?

Aquela demonstração dos chamados irracionais fez isso: conduziram-me à vivência de uma indescritível felicidade e testemunho da maior beleza das coisas da Natureza que jamais eu presenciara.

Tudo louvando o Amor! Tudo louvando a Deus!

Como não havia ninguém por perto para me dizer qual o nome daquele dócil gatinho, na mesma hora chamei-o de "Chumbinho". Disse em voz alta minha escolha de nome e o gato deu sinceras mostras de ter gostado. Devo corrigir que não era "um gatinho" e sim, um gatão, lindo, de pelo macio e da cor cinza médio brilhante. Meigo como o quê.

Após dispensar-me carinhos infinitos, os dois, *Guarani* e *Chumbinho* foram para o bosque e eu fiquei ali, estático, como que querendo imortalizar o que sentia.

Pensei: minha estada em *Terramor* acabou.

Em reflexão profunda dos dias maravilhosos que passara naquele mundo não menos maravilhoso pensei em Deus, pensei em Jesus, pensei em minha mãe, pensei nos meus familiares.

Inevitável, a saudade atingiu-me em cheio a alma.

Do fundo da minha memória saltou à superfície da realidade a lembrança de uma música extremamente sentimental, que repassa a quem a ouve, essa mesma sensação que eu vivenciava naquele momento.

A música, de Tchaikovsky: "Apenas um coração solitário"...

Por graça dos Céus, de lá vieram os acordes dessa maravilha musical. Ouvi-a sob encanto, sob êxtase diante do Amor de Deus!

Quanto tempo fiquei ali, embevecido assim? Jamais saberei.

Com os sons musicais reverberando em minha alma, ouvi outro som maravilhoso, que no Universo inteiro eu identificaria de pronto: o da voz dela...

— Olá, Ângelo. De alguma forma captei que os animais agitaram-se coletivamente, conquanto com a costumeira mansidão. Decidi verificar e pude presenciar sua despedida. Foi um dos mais belos espetáculos que já acompanhei. Parabéns!

Acrescentou:

— Embora essa música seja triste, também gosto muito dela. É lindíssima!

Nem mesmo nos meus últimos momentos em *Terramor* aquele mundo não cessava de causar-me assombros: Stella estava ali! Obviamente viera, sabendo da minha presença junto aos animais...

Olhei-a com irresistível emoção: meu coração gritava que aquela era a mulher mais sensacional de todo o Universo!

A razão fugiu-me naquele momento.

Embevecido pela beleza de Stella, nada pude fazer para controlar o vulcão que eclodiu em minha alma e que, como todos os vulcões, entram em erupção quase sem aviso...

Ela, com certeza, "leu" o que eu não disse e que pensava:

Stella, Stella: amor da minha vida! Amo-a com todas as forças da minha alma! Eternamente!

E então, na mais feliz das surpresas que meu coração já teve e imagino que terá até o infinito dos tempos, ela docemente deu-me um beijo em cada face, abraçou-me demoradamente e como se de seus lábios fluísse mel, declarou:

— Eu também te amo, Ângelo! Sempre te amei! Sempre te amarei!

Permanecemos abraçados. Nada mais precisaria ser dito entre nós, pois mesmo eu tendo de retornar à Terra e ela permanecer em *Europa*, no amor não há adeus.

Com alegria confirmou:

— Como já deduziu, como sempre acertadamente, Augustiel é um dos sábios de *Europa*...

E sem ter dó do meu coração, em atitude de gratidão a Deus, disse com estrelas no olhar:

— Ele é meu pai. Frankov e Marcellus são meus irmãos biológicos.

E arrematou:

— Lembra-se quando eu disse a você que contaria algo de minhas vidas passadas... Pois é, penso que chegou a hora de dizer que papai abençoa nosso amor. Muito emocionado e feliz contou-me que eu e você nos unimos pelo amor em vidas passadas, para sempre, embora nossos destinos tenham nos conduzido a mundos diferentes, até que o Tempo se encarregasse de novamente nos unir...

Assim como a impressionante surpresa de chegar em *Europa* e ver os dois sóis, depois o inolvidável "encontro" com Jesus e agora, ao deixar aquele mundo tão abençoado, ali vivi dias de surpresa em surpresa, em escala crescente e mágica de emoções...

Ah, as surpresas naquele mundo...

Ainda faltava a mais transcendental e feliz delas...

Beijando-me docemente nos lábios, Stella disse:

— Papai incumbiu-me de informar que, por mérito conquistado nas últimas existências terrenas, após a atual você terá a bênção de passar a reencarnar aqui!

Fim

Adenda

Nota astronômica no jornal "O Estado de S.Paulo" de 4.Fev.2011 induziu-me, definitivamente, a eleger o Satélite *Europa* como a resposta à pergunta que me fazia sobre qual mundo poderia, hipoteticamente, abrigar vida em melhores condições do que a vida na Terra.

Dizia referida nota que cientistas russos consideravam o Lago Vostok (na Antártida) com clima e condições propícias à vida, lucubrando que o mesmo podia acontecer no satélite joviano *Europa*.

Várias notícias posteriores sobre o Lago Vostok diziam que:

O principal objetivo dessa pesquisa se deve ao fato de que, debaixo de uma grossa camada de gelo foi descoberto um oceano de água em estado líquido. Modelos do interior de Europa mostraram atividade e aquecimento do interior com a formação de oceanos com 50 quilômetros ou mais de profundidade a partir de 5 km da superfície.

Pesquisando sobre *Europa* verifiquei que:

- sua temperatura à superfície é de -163°C graus no equador e de apenas -223°C graus nos polos;
- atualmente (2014) os cientistas consideram que talvez o satélite *Europa* seja o lugar mais curioso do nosso sistema solar, depois de Marte, visto que onde haja água pode ter vida...
- devido às temperaturas extremamente baixas, o gelo é tão duro como rocha e talvez tenha uma espessura de 10 a 30 km cobrindo toda a superfície, o que indica que o oceano líquido pode ter até 90 km de profundidade.
- suspeita-se que a vida extraterrestre possa existir no oceano por baixo do gelo, talvez subsistindo como os seres vivos que vivem em condições semelhantes na Terra, já que *Europa* tem elementos essenciais para a vida como a conhecemos: água e calor e compostos orgânicos. Ou seja, em respiradouros hidrotermais no fundo dos oceanos, como talvez micróbios desconhecidos no habitat mais remoto e desolado do planeta — o citado Lago Vostok, na Antártida.

Não bastassem as condições físicas de *Europa*, optei por esse satélite joviano, fundamentalmente considerando estar ele relativamente perto de nós — "só" cerca de 850 milhões de quilômetros.

Destaco que poderia optar por Marte, que reúne condições similares a *Europa*, contudo, na literatura na qual me apoiei, já constam algumas

notícias sobre vida lá, contudo, contraditórias... Dessa forma, elegi o satélite Europa para ser o modelo de mundo de regeneração, o qual, imaginariamente, para mim, pode abrigar uma Humanidade que cumpre as Leis de Deus, conquanto seus habitantes ainda sejam encarnados e vivenciem dificuldades, poucas...

Ribeirão Preto, SP – Verão de 2014

Eurípedes Kühl